



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
CENTRO DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

TEÓFILO ROBERTO DA SILVA

ESTUDO DESCRITIVO DA REALIZAÇÃO DAS METÁFORAS POLÍTICA EXTERNA É  
GUERRA E POLÍTICA EXTERNA É COMÉRCIO

FORTALEZA  
2011

TEÓFILO ROBERTO DA SILVA

ESTUDO DESCRITIVO DA REALIZAÇÃO DAS METÁFORAS POLÍTICA EXTERNA É  
GUERRA E POLÍTICA EXTERNA É COMÉRCIO

Dissertação submetida à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Linguística - PPGL – da Universidade Federal do Ceará - UFC, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Linguística

Orientadora: Profa. Dra. Emilia Maria Peixoto Farias

FORTALEZA  
2011

"Lecturis salutem"

Ficha Catalográfica elaborada por  
Telma Regina Abreu Camboim – Bibliotecária – CRB-3/593  
tregina@ufc.br  
Biblioteca de Ciências Humanas – UFC

S584e

Silva, Teófilo Roberto da.

Estudo descritivo da realização das metáforas política externa é guerra e política externa é comércio / por Teófilo Roberto da Silva. – 2011.

124f. : il. ; 31 cm.

Cópia de computador (printout(s)).

Dissertação(Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza(CE),18/03/2011.

Orientação: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Emilia Maria Peixoto Farias.

Inclui bibliografia.

1-METÁFORA. 2-LÍNGUA PORTUGUESA – METONÍMIAS. 3-CONCEITOS. 4-RELAÇÕES INTERNACIONAIS. 5-GUERRA. 6-COMÉRCIO. I- Farias, Emilia Maria Peixoto, orientador.II-Universidade Federal do Ceará. Programa de Pós-Graduação em Linguística.III- Título.

CDD(22ª ed.) 469.5

TEÓFILO ROBERTO DA SILVA

ESTUDO DESCRITIVO DA REALIZAÇÃO DAS METÁFORAS POLÍTICA EXTERNA É  
GUERRA E POLÍTICA EXTERNA É COMÉRCIO

Dissertação submetida à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Linguística. Área de concentração: Linguística

Aprovada em 18/03/2011

BANCA EXAMINADORA

---

Orientadora

Profa. Dra. Emilia Maria Peixoto Farias  
Universidade Federal do Ceará – UFC

---

1ª examinadora

Profa. Dra. Paula Lenz Costa Lima  
Universidade Estadual do Ceará – UECE

---

2ª examinadora

Profa. Dra. Maria Elias Soares  
Universidade Federal do Ceará – UFC

À Séfora,  
minha amada esposa.

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais, cuja conduta sempre foram verdadeiras lições de perseverança.

À minha orientadora Profa. Dra. Emília Maria Peixoto Farias por ter me mostrado o caminho das metáforas e acreditado que eu seria capaz de trilhar nele. Sua gentileza, paciência, dedicação serviram-me de estímulo.

À Profa. Dra. Ana Cristina Pelosi de Macedo pela gentileza em apontar alternativas que enriqueceram a pesquisa.

Aos componentes da Banca Examinadora pela presteza em aceitarem nosso convite, pelas preciosas sugestões dadas já na qualificação do meu projeto e por indicarem meios para o aprimoramento da versão final desta dissertação.

A todos os servidores que compõem o Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, especialmente à coordenação e professores pela dedicação e esmero em nos proporcionar uma formação de solidez.

Aos meus colegas da turma de mestrado pelo companheirismo e incentivo.

A Lucineudo Machado, pela iniciativa de liderar o grupo de estudo que muito contribuiu para meu ingresso no mestrado.

**“A guerra! É uma coisa demasiada grave  
para ser confiada aos militares.”**  
(Georges Clemenceau)

## RESUMO

A Teoria da Metáfora Conceptual (TMC) proposta por Lakoff e Johnson (1980) inaugurou pesquisas tendo como objeto de investigação a metáfora como elemento do raciocínio. Nesta perspectiva, este estudo analisou as metáforas POLÍTICA EXTERNA É GUERRA e POLÍTICA EXTERNA É COMÉRCIO. Para tanto, partiu-se da hipótese de que os conceitos GUERRA e COMÉRCIO são centrais na conceptualização de POLÍTICA EXTERNA. Inicialmente, discutiu-se o conceito da metáfora pela perspectiva da Linguística Cognitiva. Em seguida, descreveram-se os procedimentos da pesquisa. O *corpus* analisado são exemplos retirados de textos da revista Veja on-line publicados no primeiro e terceiro trimestres de 2009. A coleta dos exemplos foi realizada com a ajuda da suíte de programas *WordSmith tools*. Foram identificados os elementos constituintes dos três domínios que estruturam as metáforas como também as correspondências conceptuais estabelecidas entre eles. Os resultados revelados pela análise das metáforas indicaram que POLÍTICA EXTERNA é um conceito cuja construção não prescinde dos domínios GUERRA e COMÉRCIO. Os mapeamentos conceptuais identificados formam uma rede coerente tanto de metáforas como de metonímias. Os domínios se mostram fortemente imbricados e se relacionam através de projeções metafóricas e metonímicas. Esses dois mecanismos da cognição atuam conjuntamente na estruturação do conceito-alvo POLÍTICA EXTERNA. Verificou-se que os três domínios compartilham uma conceptualização comum, sendo possível categorizá-los como INTERAÇÕES COM PROPÓSITOS. A correspondência existente entre os domínios possibilitam uma melhor compreensão do conceito POLÍTICA EXTERNA. A conceptualização metafórica de POLÍTICA EXTERNA não só é compatível com a compreensão teórica de *política*, como também com a própria dinâmica das relações internacionais, em que o poder econômico anda de mãos dadas com o poder militar.

Palavras-chave: metáfora conceptual, política externa, guerra, comércio.

## ABSTRACT

The conceptual metaphor theory proposed by Lakoff and Johnson (1980) triggered researches which aimed to investigate metaphor as an element for reasoning. It is from this perspective that this study has analyzed the metaphors INTERNATIONAL POLITICS IS WAR and INTERNATIONAL POLITICS IS COMMERCE. It was hypothesized that the concepts WAR and COMMERCE are central to the conceptualization of INTERNATIONAL POLITICS. Initially we discussed the definition for metaphor from the Cognitive Linguistics perspective. Then, we described the research procedure. The corpus analyzed consists of excerpts extracted from Veja magazine texts published online in the first and third quarters of 2009. We compiled the text excerpts with the help of the Wordsmith tools suite of programs. We identified the elements belonging to the three conceptual domains which structure the metaphors in study as well as the conceptual correspondences these domains establish. The analysis of the metaphorical mappings has revealed that the concepts WAR and COMMERCE are indispensable in the structuring of the concept INTERNATIONAL POLITICS. The identified conceptual mappings form a coherent net of metaphors as well as of metonymies. The domains are inextricably linked and related to each other by means of metaphorical and metonymical projections. These two cognitive mechanisms work together in structuring the target concept INTERNATIONAL POLITICS. We found out that the three domains share a common conceptualization, and it is possible to categorize them as INTERACTION WITH PURPOSES. The relationship that exists between the domains makes possible a better understanding of the concept INTERNATIONAL POLITICS. The metaphorical conceptualization of INTERNATIONAL POLITICS is not only compatible with the theoretical understanding of politics but also with the dynamics of foreign relations, in which economic and military power go hand in hand.

Keywords: conceptual metaphor, international politics, war, commerce.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1	Mapeamento metafórico.....	28
FIGURA 2	Mapeamento metonímico.....	32
FIGURA 3	Ilustração da janela principal do <i>WordSmith Tools 5.0</i> .....	48
FIGURA 4	Amostra da lista de palavras produzida com o <i>WordList</i> .....	49
FIGURA 5	Amostra dos contextos reunidos pelo <i>Concord</i> com base nas palavras selecionadas.....	51
FIGURA 6	Ilustração gráfica da interação metáfora-metonímia nas metáforas POLÍTICA EXTERNA É GUERRA e POLÍTICA EXTERNA É COMÉRCIO.....	82
FIGURA 7	Rede metafórica de POLÍTICA EXTERNA É GUERRA e POLÍTICA EXTERNA É COMÉRCIO.....	86
FIGURA 8	Rede de metonímias relacionadas às metáforas POLÍTICA EXTERNA É GUERRA e POLÍTICA EXTERNA É COMÉRCIO.....	87
FIGURA 9	Interação metáfora-metonímia entre os domínios POLÍTICA EXTERNA, GUERRA e COMÉRCIO.....	93
QUADRO 1	Variações do esquema de imagem da FORÇA.....	41
QUADRO 2	Classificação dos elementos dos domínios POLÍTICA EXTERNA , GUERRA e COMÉRCIO.....	52
QUADRO 3	Exemplos de mapeamentos de conceitos de GUERRA e COMÉRCIO em conceitos de POLÍTICA EXTERNA.....	52
QUADRO 4	Mapeamentos metonímicos subjacentes às metáforas POLÍTICA EXTERNA É GUERRA e POLÍTICA EXTERNA É COMÉRCIO.....	77

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>2</b>	<b>METÁFORAS E METONÍMIAS: DA PALAVRA AO PENSAMENTO</b> .....	16
2.1	Visão tradicional da metáfora.....	16
2.2	Visão cognitivista da metáfora.....	17
2.2.1	A Teoria da Metáfora Conceptual (TMC).....	18
2.2.1.1	As premissas da TMC.....	20
2.2.1.2	Os componentes da metáfora.....	26
2.2.2	A Metáfora Primária.....	29
2.2.3	A Metonímia Conceptual.....	31
2.3	A interação Metáfora-Metonímia.....	37
2.4	Os esquemas de imagem.....	38
2.5	A política externa.....	42
2.6	A guerra.....	44
2.7	O comércio.....	45
<b>3</b>	<b>POLÍTICA EXTERNA: SUA ESTRUTURAÇÃO A PARTIR DE GUERRA E COMÉRCIO</b> .....	47
3.1	Procedimentos.....	47
3.2	Análise dos dados.....	53
3.2.1	Descrição dos domínios.....	53
3.2.1.1	POLÍTICA EXTERNA.....	53
3.2.1.2	GUERRA.....	54
3.2.1.3	COMÉRCIO.....	56
3.2.2	Mapeamentos metafóricos.....	57
3.2.2.1	Mapeamentos de POLÍTICA EXTERNA É GUERRA.....	57
3.2.2.2	Mapeamentos de POLÍTICA EXTERNA É COMÉRCIO.....	66
3.2.3	Mapeamentos metonímicos.....	71
3.2.4	Interação metáfora-metonímia POLÍTICA EXTERNA É GUERRA e POLÍTICA EXTERNA É COMÉRCIO.....	77
3.2.5	Acarretamentos metafóricos.....	83
3.2.6	Sistema metafórico e metonímico de POLÍTICA EXTERNA É GUERRA e POLÍTICA EXTERNA É COMÉRCIO.....	85
<b>4</b>	<b>POLÍTICA EXTERNA, GUERRA E COMÉRCIO: CONCEITOS INSEPARÁVEIS</b> .....	88
4.1	As interações na construção do conceito POLÍTICA EXTERNA.....	88
4.2	POLÍTICA EXTERNA, GUERRA e COMÉRCIO: uma conceptualização comum.....	93
4.3	Esquema de imagem comum.....	94
4.4	Política externa: sua conceptualização metafórica, sua compreensão teórica e sua execução.....	96
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	99
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	102
	<b>ANEXOS</b> .....	106

## 1 INTRODUÇÃO

Os conceitos não são compreendidos em seus próprios termos. Compreendemos um conceito a partir do nosso conhecimento de outros conceitos (LAKOFF; JOHNSON, 1999). Neste trabalho, pretendemos descrever como o conceito POLÍTICA EXTERNA é construído. Se, como afirmam Lakoff e Johnson, um conceito é estruturado a partir de outro, quais conceitos serviriam de base para construção de POLÍTICA EXTERNA?

Na investigação, propomos que esse tipo de POLÍTICA é fortemente compreendido com base no conhecimento que temos sobre GUERRA e sobre COMÉRCIO. Mas, *quais* aspectos do nosso conhecimento sobre GUERRA e COMÉRCIO operam na nossa compreensão de POLÍTICA EXTERNA? Ainda, *como* o conhecimento de um conceito atua na construção de outro conceito? No decorrer desta dissertação, buscamos identificar como aquilo que entendemos sobre GUERRA e COMÉRCIO contribui para compreendermos a POLÍTICA EXTERNA. Para atingirmos esse objetivo, recorreremos à Linguística Cognitiva, mais precisamente à Teoria da Metáfora Conceptual (TMC) como apregoada por Lakoff e Johnson (1980) em sua obra *Metaphors we live by*.

As elaborações teóricas de Lakoff e Johnson (1980) vão de encontro à forma como metáfora e metonímia são tradicionalmente definidas – a tradição reputa a metáfora e a metonímia como meras figuras de linguagem que se opõem à linguagem literal. Com uma proposta teórica inovadora, Lakoff e Johnson advogam que os mecanismos cognitivos responsáveis pela geração da linguagem figurada – dentre eles metáfora e metonímia – operam igualmente na linguagem do dia a dia, considerada por muitos como estritamente literal. Por esse motivo, o que se chamam metáforas (e metonímias), no âmbito da Linguística Cognitiva, são, na verdade, processos mentais, ou seja, metáforas e metonímias *conceptuais*. As expressões linguísticas – poéticas ou não – são a forma como esses mecanismos se revelam na linguagem. Através de inúmeros exemplos, os autores demonstram que os conceitos, principalmente os abstratos, são construídos a partir de outros conceitos, mais concretos. Os conceitos mais concretos são projetados nos conceitos mais abstratos através de processos metafóricos e metonímicos. O conceito conceptualizador é chamado domínio-fonte, e o conceptualizado, domínio-alvo.

Ao nosso referencial teórico, integramos também o que Johnson (1987) denominou *esquema de imagem*. Como veremos no capítulo seguinte, trata-se de estruturas

responsáveis também pela formação do nosso sistema conceptual. Infere-se daí, que esses esquemas tomam forma antes mesmo do surgimento da linguagem. A formulação teórica de Johnson nos proporcionará melhor entendimento a respeito dos conceitos objeto da investigação da presente dissertação.

Sob a égide dessa teoria, analisamos as metáforas POLÍTICA EXTERNA É GUERRA e POLÍTICA EXTERNA É COMÉRCIO, assim como as metonímias que também operam na construção do conceito POLÍTICA EXTERNA. Elegemos o conceito POLÍTICA EXTERNA como o centro dessa pesquisa por diversos motivos.

Ao longo da história mundial, as relações internacionais têm sido provavelmente a principal causa da prosperidade de algumas nações e da decadência de outras. A forma como os países<sup>1</sup> interagem uns com os outros determina não só os rumos da política interna de cada nação, mas também modifica a configuração da ordem mundial. Quando abrimos a janela da história, assistimos a impérios que se erguem enquanto outros desmoronam. As heranças políticas dos impérios grego e romano hoje são traduzidas na Itália e na Grécia, que sequer estão entre os países de maior prestígio na Europa. Mesmo na história contemporânea (que se inicia com a Revolução Francesa), o poder militar e econômico concentrou-se alternadamente em várias mãos: no século XIX estava nas mãos dos ingleses que se rivalizavam com os franceses; no final do mesmo século foram os alemães que preponderaram militar e economicamente; as duas grandes guerras do século passado foram o palco em que assistimos aos Estados Unidos se transformarem na maior potência econômica mundial. Posição que ocupam ainda hoje, seguido por um segundo lugar distante – a China – que recentemente tomou esta colocação do Japão. Isso nos dá uma ideia de como a política externa é dinâmica e de como a sua condução pode determinar a riqueza ou a pobreza de uma nação.

Separar o poder militar do poder econômico nas relações internacionais não é tarefa fácil. À medida que uma nação prospera economicamente, um crescimento do poder militar em igual proporção torna-se imperativo para que ela possa defender suas riquezas das ambições das outras nações, ou até aumentar seus recursos pelo expediente da força. Nas palavras de Kennedy (1989, p. 2), “a riqueza é geralmente necessária ao poderio militar, e este por sua vez é geralmente necessário à aquisição e proteção da riqueza”. Não é difícil perceber

---

<sup>1</sup> Por “país”, referimo-nos ao que a literatura especializada do Direito Internacional denomina “estado”. Em língua inglesa o termo “nação” (nation) é utilizado como sinônimo de “estado”. Segundo Silva e Accioly (2002), “são quatro os elementos constitutivos do Estado, conforme estabelece a Convenção Interamericana sobre os Direitos e Deveres dos Estados, firmada em Montevideu, em 1933, que indica os seguintes requisitos: a) população permanente; b) território determinado; c) governo; d) capacidade de entrar em relação com os demais Estados”. No Brasil, “estado” é usado na linguagem cotidiana com referência à unidade da federação. Por esse motivo, preferimos substituir o uso deste termo por “país” ou “nação”, palavras que cotidianamente usamos com o mesmo sentido do termo “estado”.

esta estratégia quando analisamos os fatos históricos das relações internacionais. Todos os países que na histórica recente se tornaram potências econômicas (como a Inglaterra, a Alemanha, os Estados Unidos) tornaram-se também potências militares. Na prática da política internacional, os poderes militar e econômico se correlacionam. Esta constatação da proximidade entre o poder militar e o poder econômico no jogo da política externa foi nossa principal motivação para analisarmos a realização das metáforas POLÍTICA EXTERNA É GUERRA juntamente com POLÍTICA EXTERNA É COMÉRCIO à luz da Teoria da Metáfora Conceptual como concebida por Lakoff e Johnson (1980).

Essa relação simbiótica entre “poder militar” e “poder econômico” nas relações internacionais nos leva a questionarmos se, no âmbito dos mecanismos cognitivos, haveria aproximação entre os domínios GUERRA e COMÉRCIO na conceptualização de POLÍTICA EXTERNA. Nossa proposta inicial era analisar somente a metáfora POLÍTICA EXTERNA É GUERRA; contudo, à proporção que coletávamos os dados para a elaboração do *corpus*, verificamos que a POLÍTICA EXTERNA é, também, fortemente compreendida em termos de COMÉRCIO. E mais: não raramente encontramos expressões linguísticas que licenciavam a um só tempo as duas metáforas. Isto, no nosso entendimento, justifica uma investigação que envolva tanto o domínio GUERRA como o domínio COMÉRCIO na conceptualização de POLÍTICA EXTERNA.

O que mais justificaria dedicar a investigação exclusivamente à POLÍTICA EXTERNA? As produções acadêmicas, no âmbito da Linguística Cognitiva, elegem com mais frequência a POLÍTICA INTERNA como conceito a ser investigado. Berber Sardinha (2008), por exemplo, em um artigo intitulado “Lula e a metáfora da conquista”, faz uma análise das metáforas usadas pelo presidente Lula em seus discursos. O autor defende que a eficiência da comunicação do ex-metalúrgico deve-se, dentre outras coisas, à sua habilidade de usar metáforas. Berber Sardinha (2008) constata que o sucesso do discurso de Lula não se sustenta apenas nas metáforas do *futebol* e do *churrasco*, frequentemente denunciadas pela mídia nacional. O pesquisador relata que uma metáfora muito produtiva (mas pouco ou nada notada) no discurso do presidente é o que o autor chama de “metáfora da conquista” e observa que essa metáfora “é coerente com a história de vida e a ideologia política do presidente”. Conforme o autor, a expressão “conquista” é uma marca do uso metafórico no discurso do presidente Lula e é tem como principal licenciadora a metáfora A OBTENÇÃO DE MELHORIA DE VIDA É RESULTADO DE UMA BATALHA VITORIOSA.

Outra produção acadêmica sob o abrigo teórico da TMC e que trata de política, é a pesquisa de Carvalho (2006). O autor analisa, com base em Lakoff e Johnson (1980), o papel

da metáfora no discurso do presidente Bush a partir dos ataques de 11 de setembro de 2001. O pesquisador extraiu o *corpus* dos textos do jornal diário *The New York Times* e justifica a escolha argumentando que se trata de um jornal de grande circulação, boa reputação e sediado em Nova Iorque, local onde aconteceram os ataques. A metáfora central eleita por Carvalho (2006) é O ACONTECIMENTO/EVENTO “X” É UM ATO DE GUERRA, cujo domínio-fonte “ACONTECIMENTO/EVENTO” refere-se aos ataques terroristas do 11 de setembro. Segundo o autor, essa metáfora, que Bush constrói em seu discurso, conceptualiza os ataques terroristas como ATOS DE GUERRA e “convence” a opinião pública de que os EUA têm o direito de “contra-atacar”, o que justificaria a invasão americana ao Iraque e Afeganistão. O trabalho cumpre seu objetivo de analisar a metáfora nos textos jornalísticos sobre os atentados do 11 de setembro, e, com maestria, demonstra como a metáfora revelou-se instrumento de alto poder de persuasão que ajudou a ‘conferir legitimidade’ às decisões políticas e bélicas do governo Bush. Como se vê, o trabalho de Carvalho refere-se à política externa – mais precisamente a americana – mas o seu objetivo não é investigar a conceptualização do conceito POLÍTICA EXTERNA.

Apesar da relevância da política externa e do espaço que a Teoria da Metáfora Conceptual já alcançou no meio acadêmico, nossas buscas por trabalho em língua portuguesa que analisasse a conceptualização de POLÍTICA EXTERNA a partir de GUERRA e de COMÉRCIO mostraram-se infrutíferas.

Nosso objetivo foi fazer uma análise descritiva da realização das duas metáforas no português brasileiro. Identificamos, no capítulo 3, os elementos que compõem os domínios. Pela análise dos mapeamentos, verificamos como estes elementos se relacionam e que rede de metáforas, submetáforas e metonímias é possível estabelecermos a partir dos exemplos do *corpus*. Verificamos, também, os acarretamentos das metáforas e submetáforas conceptualizadoras de POLÍTICA EXTERNA a partir dos conceitos GUERRA e COMÉRCIO. Por último, investigamos se, e até que ponto, os domínios GUERRA e COMÉRCIO estão imbricados na conceptualização de POLÍTICA EXTERNA, já que na execução mesma da política externa o poder militar e o econômico andam de mãos dadas. Destarte, pudemos constatar se a forma como a política externa é configurada em sua concretização no mundo real encontra paralelo na nossa forma de compreender essa modalidade da política.

Para efeito desta pesquisa, foram utilizados os textos da revista *Veja* (on-line) como fonte dos dados. Nosso *corpus* será extraído, mais precisamente, dos textos da seção *Internacional*, publicados em 2009. A escolha dessa revista especificamente não é arbitrária. Trata-se de um canal de informação que circula em todos os estados do Brasil. Disso

pressupomos que seus textos pretendem ser formulados a partir de conceitos nacionalmente compartilhados. Além disso, a revista tem como público alvo o leitor comum, ou seja, os artigos publicados nela não exigem que o seu público tenha conhecimento especializado.

A dissertação prossegue com a sequência que ora apresentamos. No capítulo 2 tecemos uma discussão sobre a teoria adotada, discorremos sobre a Teoria da Metáfora Conceptual com base em Lakoff e Johnson (1980). Falamos também sobre o conceito de *esquemas de imagem* como proposto por Johnson (1987). No capítulo 3, discorremos sobre a metodologia e a análise dos dados. Descrevemos os domínios e analisamos as correspondências conceptuais entre eles. No capítulo 4, realizamos a interpretação dos dados revelados no capítulo anterior. Buscamos elucidar as relações entre os três domínios conceptuais. O capítulo 5 (o último) apresenta as considerações finais, as limitações da nossa pesquisa, e aponta para futuros encaminhamentos de investigações que poderão aprofundar a pesquisa aqui desenvolvida.

## 2. METÁFORAS E METONÍMIAS: DA PALAVRA AO PENSAMENTO

### 2.1 Visão tradicional da metáfora

A metáfora, na tradição clássica, é considerada apenas uma figura de linguagem, um fenômeno estritamente linguístico, uma forma de expressão cuja função é ornamentar a linguagem (FARIAS, 2008). Assim, pode ser substituída pela linguagem literal sem qualquer prejuízo ao conteúdo da mensagem. Por esse ângulo, há duas formas pelas quais podemos nos expressar: através da linguagem literal – mais objetiva, e sem beleza, e através da linguagem figurada – adereçada e menos objetiva.

Por mais de dois mil anos a metáfora foi estudada no âmbito da retórica. Esta disciplina foi primeiramente estabelecida na Grécia Antiga, e tratava de instruções práticas de como persuadir as pessoas pelo uso de recursos retóricos. Desde Aristóteles, a metáfora é identificada como uma comparação implícita, ou seja, uma comparação que dispensa conectores tais quais ‘como’, ‘assim como’, ‘que nem’. Desse modo, a metáfora pode ser representada pelo esquema A é B, em que ‘A’ é comparado com ‘B’ (EVANS; GREEN, 2006). O exemplo clássico *Aquiles é um leão* serve-nos de exemplo. Através dele, compara-se *Aquiles* com um *leão*; em algum aspecto (provavelmente a coragem, a bravura), *Aquiles* é semelhante a um *leão*. O conteúdo da frase poderia ser expresso literalmente, por exemplo, se dissessemos *Aquiles é muito corajoso*. Na visão tradicional, a metáfora é somente uma opção para se dizer aquilo que poderia ser expresso de forma literal. Trata-se, portanto, de um recurso limitado à linguagem.

Sendo considerada uma manifestação especial da linguagem, que a ela serve de adorno, a metáfora seria exclusiva da linguagem poética e estaria, conseqüentemente, ausente da linguagem daqueles que não tem o dom da poesia.

Atribui-se a Aristóteles (2003) as bases conceituais da visão tradicional, ou clássica, da metáfora. Conforme o filósofo grego, em *Arte poética*, “a metáfora é a transposição do nome de uma coisa para outra, transposição do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, ou de uma espécie para outra, por via de analogia” (ARISTÓTELES, 2003, p. 74-75). Em consonância com Aristóteles, o Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa (FERREIRA, 2004, p. 1320) define metáfora como “tropo que consiste na

transferência de uma palavra para um âmbito semântico que não é o do objeto que ela designa, e que se fundamenta numa relação de semelhança subentendida entre o sentido próprio e o figurado”. O conceito aristotélico de metáfora, em cujas bases está a definição proposta pelo Aurélio, trata a metáfora como um fenômeno da palavra, restrito à linguagem. O filósofo propõe uma divisão da metáfora em quatro tipos: do gênero para a espécie, da espécie para o gênero, de uma espécie para outra e a analogia. Nos três primeiros tipos, temos o que denominou-se, no âmbito das figuras de linguagem, metonímia. No primeiro caso – do gênero para a espécie –, a relação é hiperonímica. Aristóteles (2003, p. 75), exemplificando, afirma: “quando digo do gênero para a espécie, é, por exemplo, ‘minha nau aqui se deteve’, pois lançar ferro é uma maneira de ‘deter-se’”. Ou seja, o sentido de *deter-se* inclui o de *lançar ferro (ancorar)*. No segundo – da espécie para o gênero –, a relação é hiponímica. O exemplo usado por Aristóteles (2003, p. 75) é “Ulisses levou a feito milhares e milhares de belas ações”, em que “milhares e milhares” substitui “muitas”; “muitas” é o gênero no qual “milhares e milhares” se inclui como espécie. O terceiro tipo, da espécie para a espécie, pode ser classificado como o que hoje se chama de metonímia do tipo *parte pela parte*. Segundo Berber Sardinha (2007, p. 20), o quarto tipo é que mais se conforma às definições contemporâneas de metáfora. Um exemplo seria “a velhice é a tarde da vida” em que há a comparação entre duas coisas diferentes: um momento da vida, a velhice, e um momento do dia, a tarde.

A categoria de metáfora inicialmente concebida por Aristóteles foi desmembrada em inúmeras outras figuras de linguagem (BERBER SARDINHA, 2007, 21). Hoje esta visão tradicional ainda está fortemente presente no ensino da língua, em que a metáfora é apenas uma figura de linguagem entre dezenas de outras (hipérbole, catacrese, antonomásia, sinédoque, dentre muitas outras).

## **2.2 Visão cognitivista da metáfora**

Os estudos contemporâneos da metáfora romperam com a visão clássica a partir de Reddy (1979 *apud* LAKOFF, 2006). Foi a partir do seu artigo *The conduit metaphor (A metáfora do canal)* que Reddy inspirou Lakoff e Johnson (1980) a proporem a Teoria da Metáfora Conceptual. A metáfora do canal seria uma espécie de metáfora conceptual. Para Reddy (1979 *apud* LAKOFF, 2006), essa metáfora é supostamente uma associação cognitiva

entre a comunicação e o processo de enviar e receber pacotes. Os pacotes seriam as palavras nas quais são armazenados os pensamentos. São realizações linguísticas da metáfora do canal expressões do tipo *Não consigo pôr minhas ideias em palavras. Suas palavras não estão carregadas de convicção*. (CARVALHO, 2006 p. 31).

Quanto à contribuição de Reddy para a visão contemporânea da metáfora, Lakoff (2006, p. 186) declara que<sup>2</sup>:

Com um exemplo único, mas exaustivamente analisado, ele nos permitiu ver, embora em um domínio restrito, que o inglês comum do dia a dia é amplamente metafórico, descartando de uma vez por todas a visão tradicional de que a metáfora está principalmente no reino da poesia ou da linguagem “figurativa”. Reddy nos mostrou, com um caso único e significativo, que o *locus* da metáfora é o pensamento, não a linguagem [...] <sup>3</sup>

Motivados pelo estudo da metáfora do canal de autoria de Reddy, Lakoff e Johnson (1980) propõem a Teoria da Metáfora Conceptual ao publicarem *Metaphors we live by*. Foi a partir de então que se deu início a uma série de estudos sobre a metáfora numa perspectiva cognitivista, sobretudo, enfocando a ubiquidade da metáfora na linguagem do dia a dia.

## 2.2.1 A Teoria da Metáfora Conceptual (TMC)

Da perspectiva da Linguística Cognitiva, a metáfora, longe de ser apenas forma de expressão poética, utilizada somente por pessoas dotadas do talento poético, manifesta-se no nosso modo de raciocinar e exatamente por isto se revela frequentemente na linguagem do dia a dia. Na teoria lakoffiana, o termo metáfora não se refere à expressão linguística, refere-se à metáfora conceptual. A metáfora conceptual consiste em mapeamentos entre dois domínios do conhecimento: um domínio-fonte e um domínio-alvo. Compreendemos um domínio em termos de outro. O domínio conceptual consiste em um conjunto de conhecimentos organizados coerentemente. Mapeamos, no sentido matemático da palavra, conceitos do domínio-fonte para compreendermos o domínio-alvo.

Conforme Lakoff e Johnson (1980), o domínio-fonte é mais concreto e o domínio-

<sup>2</sup> As citações de trechos de obras em língua estrangeira serão apresentadas traduzidas. A tradução dos trechos, cujos originais serão reproduzidos em notas de rodapé, é de responsabilidade nossa.

<sup>3</sup> With a single, thoroughly analyzed example, he allowed us to see, albeit in a restricted domain, that ordinary everyday English is largely metaphorical, dispelling once and for all the traditional view that metaphor is primarily in the realm of poetic or “figurative” language. Reddy showed, for a single, very significant case, that the locus of metaphor is thought, not language [...]

alvo mais abstrato; isso, em parte, explica o porquê da importância da metáfora na construção de conceitos: elementos concretos, por serem mais próximos de nossas experiências, mostram-se valiosas ferramentas para a compreensão de elementos abstratos. Exemplificando, podemos nos referir à forma como nossa estrutura cognitiva nos permite compreender o conceito argumento. Em *Metaphors we live by*, os autores listam os seguintes enunciados: “Seus argumentos são indefensáveis”, “Ele atacou pontos fracos no meu argumento”, “As críticas dele foram bem no alvo”, “Eu nunca venci um argumento dele”. Os exemplos nos permitem perceber que usamos unidades linguísticas pertencentes ao conceito de GUERRA para falarmos de ARGUMENTOS. Em outras palavras, compreendemos ARGUMENTOS em termos de GUERRA. Desta relação emerge a metáfora ARGUMENTO É GUERRA.

Oportunamente, diferenciamos metáfora de expressão metafórica: a metáfora é um modelo, um padrão, que pode ser representado pela equação A é B, em que “A” é o domínio-alvo e “B” é o domínio-fonte. ARGUMENTO É GUERRA é um exemplo de metáfora conceptual. A expressão metafórica é a manifestação linguística da metáfora (KOVECSES, 2002). As expressões acima “Seus argumentos são indefensáveis”, “Ele atacou os pontos fracos do meu argumento” etc. são exemplos de expressões metafóricas licenciadas pela metáfora ARGUMENTO É GUERRA. No âmbito da Linguística Cognitiva, portanto, a metáfora é um fenômeno cognitivo representável pela forma mnemônica DOMÍNIO-ALVO É DOMÍNIO-FONTE. Isto estabelece uma diferença significativa entre a visão cognitivista e a visão clássica da metáfora: se na perspectiva clássica metáforas são palavras – meras figuras de linguagem, ausentes da linguagem do cotidiano –, para a visão cognitivista, a metáfora é um mecanismo do pensamento, e a linguagem apenas manifesta nosso modo metafórico de pensar, o que explica a presença das metáforas não apenas na linguagem poética, mas também na linguagem do dia a dia. Na visão clássica, a metáfora é opcional já que o que é expresso por metáfora também pode ser expresso literalmente; por outro lado, na Teoria da Metáfora Conceptual, a metáfora, sendo uma forma de pensar, não é opcional e inevitavelmente se manifesta na linguagem do dia a dia. Um dos princípios caros à Linguística Cognitiva é que “as estruturas formais da língua são estudadas não como se fossem autônomas, mas como reflexos da organização conceptual geral” (SENFT, 2007, p. 691)<sup>4</sup>, as expressões linguísticas nos levam às metáforas conceptuais e estas nos revelam a forma como estruturamos nossos conceitos.

Como demonstram Lima, Feltes e Macedo (2008), a metáfora se manifesta nos

---

<sup>4</sup> The formal structures of language are studied not as if they were autonomous, but as reflections of general conceptual organization [...]

mais diversos contextos: desde diálogos comuns do dia a dia a textos científicos. Enunciados como “Não consigo acompanhar o que a senhora está dizendo”; “Dá pra ir mais devagar?”; “Está dando para seguir seu raciocínio” são exemplos, usados pelas autoras, de como numa sala de aula, por exemplo, o discurso é permeado por metáforas. Subjacente aos enunciados acima está a metáfora conceptual a APRENDIZAGEM É UMA VIAGEM. Tanto no discurso poético como no discurso científico recorre-se ao expediente da metáfora para conceituar memória; o que pode ser comprovado pelos fragmentos “Quando somente o baú da memória não é mais suficiente para guardar o passado, os relicários guardam as lembranças de tempos distantes de pessoas tão [...]” e “Don Santiago Ramón y Cajal postulou, em 1893, que o armazenamento das memórias obedece a alterações morfológicas nas sinapses envolvidas em cada uma delas”. Os exemplos foram extraídos do jornal Diário do Nordeste e do livro Memória do professor de neuroquímica Iván Izquierdo, respectivamente. Tanto no caso do jornal como no caso do livro de cunho científico, MENTE é compreendida em termos de RECIPIENTE (LIMA et al., 2008). As pesquisadoras demonstram, ainda, a presença da metáfora no discurso religioso e argumentam, logicamente, que a figuratividade se faz presente nos mais variados gêneros discursivos como a linguagem cotidiana, publicitária, jornalística, técnico-científica, poética, dentre outros.

Segundo Lakoff e Johnson (1999), os conceitos abstratos são amplamente metafóricos, ou seja, não são compreendidos em seus próprios termos. São conceitos construídos a partir da projeção de conceitos de outros domínios. Como vimos acima, ARGUMENTO não é definido em seus próprios termos, é estruturado a partir de GUERRA; APRENDIZAGEM é compreendido em termos de VIAGEM; MENTE em termos de RECIPIENTE, e assim por diante. Para os autores, a grande dívida dos estudos clássicos da filosofia foi ter limitado a metáfora à mera figura de linguagem: não se reconheceu a metáfora como mecanismo cognitivo estruturador do conhecimento.

Na visão cognitivista, o uso da metáfora não é opcional, como prega a teoria clássica. Sendo uma forma de pensar, de raciocinar, recorreremos aos mapeamentos metafóricos constantemente. Isto é evidenciado pela linguagem quando falamos de uma coisa em termos de outra. Não optamos conscientemente por usar a metáfora, apelamos a ela inconscientemente e com frequência.

### **2.2.1.1 As premissas da TMC**

Lakoff e Johnson (1980) analisaram uma vasta quantidade de expressões linguísticas e a partir delas identificaram alguns padrões que serviriam de base para as premissas da TMC. A seguir esboçamos as premissas centrais à TMC.

### *Sistematicidade*

Lakoff e Johnson (1980) perceberam, conforme os dados linguísticos revelaram, que as metáforas linguísticas não ocorrem isoladamente. Elas se agregam a uma rede mais ampla de outras expressões. Para exemplificar, Grady (1997) mostra que vários termos relacionados à TEMPERATURA são usados para referir-se a RELAÇÕES INTERPESSOAIS. O autor cita como exemplos expressões do tipo *boas-vindas calorosas*, *recepção fria*, *comportamento gélido*, *ombros frios* e acrescenta ainda que praticamente qualquer palavra relacionada à VISÃO pode ser usada para se referir à COMPREENSÃO. Servem de exemplo: *enxergar*, *cego*, *obscuro*, *olhos*, *luz* etc. O vocabulário do domínio-fonte é sistematicamente aplicado ao domínio-alvo.

Grady (1997) demonstra que as correspondências sistemáticas podem ser estendidas com expressões novas. Para a correspondência entre TEMPERATURA e RELAÇÃO INTERPESSOAL pode-se, por exemplo, afirmar que temperatura pessoal de alguém é medida em graus Kelvin, não em Fahrenheit. As pessoas familiares com a escala Kelvin (usada para medir baixas temperaturas) compreenderão que a afirmação refere-se a alguém antipático, indiferente. A interpretação dessas expressões novas é possível porque o mapeamento não é uma relação sistemática entre palavras apenas, é acima de tudo um princípio geral que revela sistematicidade entre conceitos.

Constata-se sistematicidade também nas correspondências entre as estruturas dos elementos mapeados. Ou seja, o mapeamento ocorre entre elementos nos quais se percebe compatibilidade estrutural. Sendo assim, uma estrutura do domínio-fonte mapeia outra correspondente do domínio-alvo. Lakoff (2006, p. 199) explica que “interiores de um domínio-fonte correspondem aos interiores do domínio-alvo; os exteriores do domínio-fonte correspondem a exteriores do domínio-alvo, e assim em diante”<sup>5</sup>. Infere-se, pois, que há restrições entre as correspondências metafóricas, o que Lakoff declara explicitamente ao afirmar que “não se encontra caso em que um interior do domínio-alvo seja projetado no exterior de um domínio-fonte, ou em que um exterior do domínio-fonte mapeie um trajeto do

---

<sup>5</sup> source domain interiors correspond to target domain interiors; source domain exteriors correspond to target domain exteriors, and so forth.

domínio-alvo”<sup>6</sup>. Na metáfora ESCALAS LINEARES SÃO TRAJETOS, por exemplo, o ponto inicial do trajeto mapeia a base da escala; o ponto final do trajeto mapeia o topo da escala.

### *Unidirecionalidade do mapeamento*

Uma característica importante do mapeamento entre os domínios fonte e alvo é a unidirecionalidade. Segundo a Teoria da Metáfora Conceptual, a projeção se dá sempre do domínio-fonte para o domínio-alvo. São os elementos do domínio-fonte que mapeiam o domínio-alvo, não o inverso. Desta forma, a representação mnemônica DOMÍNIO-ALVO É DOMÍNIO-FONTE, não pode ser invertida. Por o mapeamento metafórico ser unidirecional, constata-se que a relação entre o domínio-fonte e o domínio-alvo é assimétrica. Compreende-se DISCUSSÃO em termos de GUERRA, mas o inverso não é verdadeiro. É possível, no contexto de discussão, falarmos em *Ele atacou cada ponto fraco dos meus argumentos*<sup>7</sup>. Mas no contexto de guerra, falar que *Nosso exército argumentou com precisão e venceu a guerra*, não faz o menor sentido. Isto revela que o mapeamento metafórico não é baseado nas semelhanças entre os domínios, como alegaria a visão tradicional. Se houvesse semelhança, o mapeamento seria bidirecional. Esse princípio também mostra que a metáfora conceptual se diferencia da visão clássica da metáfora.

Há casos de domínios que podem ser tanto alvo como fonte. As metáforas PESSOAS SÃO MÁQUINAS e MÁQUINAS SÃO PESSOAS evidenciam esta possibilidade. Isto, no entanto, não contradiz o que acabamos de afirmar sobre o princípio da unidirecionalidade do mapeamento metafórico. Segundo Lakoff e Turner (1989, p. 132):

[...] são duas metáforas diferentes, porque os mapeamentos seguem em direções opostas, *e coisas diferentes são mapeadas*. Em MÁQUINAS SÃO PESSOAS, a determinação e o desejo de uma pessoa são atribuídos a máquinas, mas na metáfora PESSOAS SÃO MÁQUINAS, não há qualquer referência à determinação e desejo. O que é mapeado é o fato de as máquinas terem peças que funcionam de certa forma, como esmorecer ou acelerar, o fato de pifarem e precisarem ser consertadas, e assim em diante.<sup>8</sup>

A invariância no mapeamento também é verificável nas metáforas primárias<sup>9</sup>. É possível utilizarmos termos do domínio TEMPERATURA para falarmos de AFETO: expressões metafóricas como *Tivemos uma recepção calorosa* revelam que compreendemos AFETO em

<sup>6</sup> One cannot find cases where a source domain interior is mapped onto a target domain exterior, or where a source domain exterior is mapped onto a target domain path.

<sup>7</sup> Exemplo usado em Lakoff e Johnson (1980).

<sup>8</sup> [...] these are two different metaphors, *and different things get mapped*. In MACHINE ARE PEOPLE, the will and desire of a person are attributed to machines, but in the PEOPLE ARE MACHINES metaphor, there is no mention of will and desire. What is mapped instead is the fact that machines have parts that function in certain ways, such as idling steadily or accelerating, that they break down and may need to be fixed, and so on.

<sup>9</sup> A seguir, discutiremos a Teoria da Metáfora Primária.

termos de CALOR. Contudo, a inversão desse mapeamento não geraria expressões inteligíveis. Ou seja, a inversão não produziria correspondências possíveis: compreendemos AFETO em termos de CALOR, mas não compreendemos CALOR em termos de AFETO, caso isso fosse possível, o enunciado *Eu não sabia que aquela panela estava afetuosa e me queimei por pegar nela distraidamente* faria sentido, o que não se verifica.

#### *Natureza parcial do mapeamento*

O mapeamento metafórico é parcial. Os domínios envolvidos no mapeamento são caracterizados por aspectos diferentes. Uma consequência óbvia dessas diferenças é que nem todos os elementos do domínio-fonte são projetados no domínio-alvo e nem todos elementos do domínio-alvo são mapeados pelo domínio-fonte. A projeção de um domínio-fonte em um domínio-alvo destaca (highlight) apenas certos aspectos do domínio-alvo e, conseqüentemente, omite (hide) outros aspectos. A metáfora DISCUSSÃO É GUERRA destaca a natureza conflitante da discussão, mas omite o fato de a discussão frequentemente refletir um desenvolvimento ordenado e organizado de um tópico particular (Ele venceu a discussão, eu não consegui defender esse ponto, etc.). Em contraste, a metáfora DISCUSSÃO É VIAGEM destaca os aspectos progressivos e organizacionais das discussões ao mesmo tempo em que omite os aspectos da confrontação (Prosseguiremos passo a passo; Já percorremos muito chão). (EVANS; GREEN, 2006, p. 304).

A natureza parcial do mapeamento, em parte, explica a razão de um mesmo domínio-alvo poder ser mapeado por domínios-fontes diversos. Lakoff e Johnson (1980), por exemplo, mostram que o domínio DISCUSSÃO, além de ser compreendido como GUERRA, pode ser também compreendido em termos de CONTÊINER, VIAGEM e CONSTRUÇÃO. Cada um destes domínios-fonte destaca aspectos diferentes do domínio-alvo DISCUSSÃO. Quanto mais complexo for o domínio-alvo, maior a diversidade dos domínios-fonte usados para conceptualizá-lo. A esse respeito, Lakoff e Johnson (1999, p. 71), em referência ao domínio-alvo AMOR, esclarecem que:

Cada mapeamento é muito limitado: uma estrutura conceptual pequena em um domínio-fonte mapeia uma estrutura conceptual igualmente pequena em um domínio-alvo. Para domínios de experiência ricos e importantes como amor, um único mapeamento conceptual não é suficiente para nos permitir raciocinar e falar sobre a experiência de amor como um todo. É necessário mais de um mapeamento metafórico.<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> Each mapping is rather limited: a small conceptual structure in a source domain mapped onto an equally small conceptual structure in the target domain. For a rich and important domain of experience like love, a single conceptual mapping does not do the job of allowing us to reason and talk about the experience of love as a whole. More than one metaphorical mapping is needed.

A necessidade de vários domínios-fonte para mapear um domínio-alvo possibilita a interação de domínios diferentes na construção dos conceitos. Nesta interação, pode-se formar um verdadeiro sistema, ou rede de metáforas em que os domínios se entrelaçam.

#### *A metáfora é um fenômeno rotineiro*

Como já mencionado, a metáfora foi considerada desde o período clássico como manifestação especial da linguagem, uma figura de linguagem exclusiva da poesia e da retórica. Neste contexto, metáfora e literalidade estavam em campos opostos.

Entretanto, os estudos recentes sobre os aspectos cognitivos da linguagem têm revelado – sobretudo a partir das análises de Lakoff e Johnson (1980) em *Metaphors we live by* – que a metáfora é um recurso frequente e regular da linguagem. Um exemplo, dentre inúmeros outros, é o fato de sistematicamente nos referirmos à quantidade em termos de elevação vertical como em “As vendas de computadores subiram” (Grady, 1997). Frases como essa são usadas constantemente na linguagem do dia a dia, e negar haver metáfora no exemplo citado equivale a afirmar que o verbo “subir”, no enunciado, significa “elevar-se no ar; erguer-se para a atmosfera, alar-se” como define o Novo Dicionário Aurélio da língua portuguesa (FERREIRA, 2004, p. 1884).

Tradicionalmente, só eram consideradas metáforas as expressões linguísticas inéditas ou poéticas, quando usadas com sentido diferente do seu uso “normal”. A TMC propõe que o princípio que rege as metáforas poéticas é o mesmo que rege as metáforas da linguagem do cotidiano. A teoria defende que a metáfora consiste em um mecanismo mental através do qual um domínio é compreendido em termos de outro. Antes de ser um fenômeno linguístico, a metáfora é um fenômeno cognitivo, por isso se manifesta na linguagem, quer seja poética, quer seja ordinária.

#### *Motivação na experiência*

Os mapeamentos entre o domínio-fonte e o domínio-alvo não ocorrem arbitrariamente. Lakoff (2006) observa que nosso sistema conceptual contém milhares de metáforas conceptuais e questiona: “há algum motivo pelo qual o sistema conceptual contém um conjunto de mapeamentos metafóricos e não outros?” O linguista propõe que as relações entre os conceitos são motivados pela experiência humana.

As correspondências metafóricas entre conceitos são motivadas pela experiência. A metáfora MAIS É PARA CIMA, por exemplo, é estruturada a partir de duas experiências que de

modo geral se dão concomitantemente: quando colocamos líquido em um contêiner, percebemos que o nível sobe à proporção que a quantidade aumenta; quando organizamos livros em pilhas, percebemos que quanto maior a quantidade de livros, mais alto o nível da pilha. Na metáfora SABER É VER também verificamos a coocorrência das duas experiências: muito do nosso conhecimento é adquirido pelo canal da visão. Há pouca (ou nenhuma) possibilidade da correspondência entre os conceitos SABER e ESPREMER, na medida em que a coocorrência das duas experiências é improvável (GRADY, 1997).

### *Repertório conceptual*

Conforme Grady (1997) propõe, nossa estrutura cognitiva é constituída de inúmeras metáforas. O autor cita, como exemplos dessas metáforas, ENTENDER É VER, GRAU DE RESPOSTA EMOCIONAL É TEMPERATURA, DIFICULDADE É PESO. A realização das correspondências metafóricas se dá por expressões verbais que se apresentam recorrentemente, por meio de léxicos de feições variadas e em línguas diversas. Grady (1997) cita como exemplos linguísticos licenciados pelas metáforas acima, respectivamente: “Este ponto não está muito *claro* pra mim” (That point isn’t very *clear* to me); “Ela sempre foi *fria* comigo” (She has always been cold to me); “Eu estou com uma carga horária *pesada* neste ano” (I have a heavy workload this year). Mas os mapeamentos também se manifestam de formas não verbais (como veremos a seguir). Por isso, Grady (1997) defende que a metáfora “não é apenas um *processo* que nos leva a criar e compreender exemplos linguísticos; as metáforas conceptuais podem ser discutidas como *entidade*<sup>11</sup>...”.

Algumas metáforas envolvem conceitos bastante complexos como A VIDA É UMA VIAGEM. No exemplo, VIDA é conceptualizada em termos de VIAGEM, um conceito que envolve *viajantes; um trajeto com início, meio e fim; obstáculos no caminho; um veículo;* dentre outros. Além desses mapeamentos complexos, há também outros mais básicos como PROPÓSITOS SÃO DESTINOS. Apesar dessas diferenças de complexidade que as metáforas apresentam em suas estruturas, elas não se organizam isoladamente, desvinculadas umas das outras.

Exatamente por apresentarem variações quanto ao grau de complexidade de suas estruturas, as metáforas se organizam hierarquicamente: as de mapeamentos mais básicos herdam a estrutura dos mapeamentos mais gerais. Lakoff (2006) exemplifica com a metáfora EVENTO-ESTRUTURA (EVENT STRUCTURE metaphor). Segundo o autor, essa metáfora é um

---

<sup>11</sup> Mantivemos os itálicos conforme o autor.

mapeamento geral ao qual mapeamentos mais específicos se subordinam. Para Lakoff (2006), a metáfora EVENTO-ESTRUTURA estaria em um nível superior em relação a VIDA COM PROPÓSITOS É UMA VIAGEM, pois VIDA é um conceito subordinado a EVENTO; por sua vez, VIDA COM PROPÓSITO É UMA VIAGEM está em um nível acima de AMOR É VIAGEM e CARREIRA É VIAGEM, porque VIDA e CARREIRA são conceitos subordinados a VIDA.

### 2.2.1.2 Os componentes da metáfora

Kövecses (2005) defende que a metáfora é constituída por vários componentes ou aspectos. Para efeito desta dissertação consideraremos oito dos aspectos citados pelo autor<sup>12</sup>:

1. domínio-fonte;
2. domínio-alvo;
3. experiência corpórea;
4. relação entre os domínios fonte e alvo;
5. expressões linguísticas metafóricas;
6. mapeamentos;
7. acarretamentos;
8. realizações não linguísticas.

A metáfora é constituída de um domínio-fonte e um domínio-alvo. O primeiro é mais concreto, mais definido, diretamente ligado a nossas experiências. O segundo, mais abstrato, menos definido, porém também construído com base na experiência. Ao investigar quais os domínios mais comumente usados como fonte, Kövecses (2002) identificou conceitos relacionados a CORPO HUMANO, SAÚDE E DOENÇA, ANIMAIS, JOGOS E ESPORTES, MÁQUINAS, dentre outros – todos muito proximamente ligados a experiências humanas concretas. O autor constatou que o domínio-alvo é frequentemente relacionado a conceitos do tipo EMOÇÃO, DESEJO, MORALIDADE, PENSAMENTO, SOCIEDADE, POLÍTICA, ECONOMIA, dentre outros, que se caracterizam como conceitos mais difusos, mais abstratos e de delineamento precário.

A estruturação da metáfora encontra forte motivação nas experiências corporais. Quando exercemos uma atividade física, o corpo reage na proporção da intensidade dessa

---

<sup>12</sup> Além dos aspectos que julgamos pertinentes a nossa análise, Kövecses (2005) descreve *estruturas neurais correspondentes aos domínios fonte e alvo, mesclas e modelos culturais*.

atividade. Quanto maior o esforço físico, mais o corpo reage elevando sua temperatura e/ou transpirando. Para Kövecses (2005), a metáfora INTENSIDADE É CALOR, por exemplo, é motivada por essa experiência corporal. As experiências de base corpórea são intimamente ligadas às metáforas primárias e aos esquemas de imagem, como veremos respectivamente nas seções 2.2.2 e 2.4.

Kövecses (2005) distingue dois tipos de relação entre o domínio-fonte e o domínio-alvo: extensão do alvo (*range of target*) e alcance da fonte (*scope of source*). Por “extensão do alvo”, o autor se refere à associação de um domínio-alvo a vários domínios-fonte. O domínio-alvo TRISTEZA, por exemplo, pode ser conceptualizado por domínios vários estruturando metáforas como TRISTEZA É ESCURO, TRISTEZA É PARA BAIXO, TRISTEZA É PESADO. Por outro lado, o “alcance da fonte” se relaciona à ligação de um domínio-fonte a diversos domínios-alvo. O domínio-fonte CONSTRUÇÃO pode conceptualizar diversos domínios-alvo, o que pode ser exemplificado com as metáforas CARREIRA É CONSTRUÇÃO, TEORIAS SÃO CONSTRUÇÕES, SISTEMA ECONÔMICO É CONSTRUÇÃO, dentre outras (KÖVECSES, 2005).

A relação entre o domínio-fonte e domínio-alvo gera estruturas cognitivas que são manifestas através das expressões linguísticas. Os conceitos INTENSIDADE e CALOR, por exemplo, relacionam-se estruturando a metáfora INTENSIDADE É CALOR; essa correlação conceptual licencia expressões linguísticas como “Houve um debate caloroso sobre a questão” (There was *heated* debate about the issue) (KÖVECSES, 2005). Para efeito das investigações no âmbito da TMC, as expressões linguísticas são de fundamental importância, pois é a partir delas que se identificam as correspondências cognitivas entre os domínios. A frase “Estava saindo fumaça dos ouvidos dele” é um exemplo de expressão linguística licenciada pelo mapeamento RAIVA É CALOR. A correspondência entre os domínios RAIVA e CALOR no nível conceptual permite a geração de expressões como essa.

Os mapeamentos consistem na correspondência sistemática entre os domínios. Os elementos conceptuais constituintes do domínio-fonte estabelecem, em grande parte, correspondência com os elementos do domínio-alvo. A concretização da metáfora conceptual é representada pela forma mnemônica DOMÍNIO-ALVO É DOMÍNIO-FONTE. Para representar a correspondência entre os domínios, convencionou-se a utilização de caracteres em versaleta. Dessa forma, A VIDA É UMA VIAGEM é diferente de “A vida é uma viagem”. No primeiro caso temos a metáfora conceptual, a correspondência entre o domínio-alvo VIDA e o domínio-fonte VIAGEM. No segundo, temos a metáfora linguística licenciada pela metáfora conceptual A VIDA É UMA VIAGEM, que também licencia expressões como “Veja aonde chegamos, “Tem sido um caminho longo e esburacado” (LAKOFF, 2006). A figura 1 abaixo ilustra as correspondências

entre os domínios conceptuais.

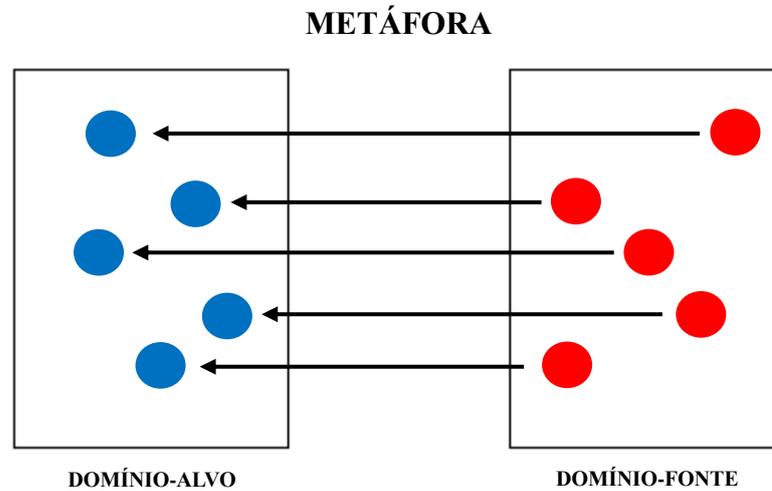


Figura 1: mapeamento metafórico. Fonte: EVANS; GREEN (2006, p. 313)

Os acarretamentos metafóricos são mapeamentos adicionais que se somam aos mapeamentos básicos. Nosso conhecimento sobre o domínio-fonte é muito mais amplo do que o conjunto dos conceitos utilizados nos mapeamentos básicos. Este conhecimento extra também é mapeado no domínio-alvo. Ao discutir a metáfora A VIDA É UMA VIAGEM, Lakoff e Johnson (1999, p. 62) defendem que o sentido completo desta metáfora, aplicável à vida, surge dos acarretamentos. Conforme os autores, os acarretamentos (*entailments*) metafóricos são inferências derivadas do nosso conhecimento comum do domínio-fonte. A metáfora pode ativar conhecimentos que temos do domínio-fonte (VIAGEM) tais como: uma viagem exige planejamento; a viagem tem um início, um meio e um fim; no trajeto da viagem pode haver obstáculos, e assim em diante. Os autores declaram que talvez o ponto mais importante das metáforas conceptuais é que nós as usamos para raciocinar sobre o domínio-alvo com base nos nossos conhecimentos e experiências acerca do domínio-fonte; não é uma questão de meramente usarmos palavras vinculadas a um domínio para falarmos de outro. Sendo assim, não apenas falamos de VIDA utilizando conceitos relacionados ao domínio VIAGEM, mas aplicamos nosso conhecimento de VIAGEM em VIDA. Segundo os autores, os submapeamentos da metáfora transformam esses conhecimentos em orientações para a vida. Assim como uma viagem, a vida tem um início, um meio e um fim. Se numa viagem podemos encontrar obstáculos no caminho, na vida podemos enfrentar dificuldades.

Vimos que, conforme a TMC, a metáfora é um fenômeno da cognição, uma forma

de pensar. Sendo um mecanismo do pensamento, ela se manifesta na linguagem (escrita e falada). Mas o sistema conceptual não influencia apenas a fala, ele intervém, outrossim, nas práticas culturais, sociais, religiosas, profissionais etc. Por essa razão, a metáfora conceptual se realiza em práticas e instituições socioculturais, e também em outras modalidades além da linguagem (KÖVECSES, 2005). Para demonstrar a realização não linguística da metáfora, recorreremos a alguns dos exemplos dados por Kövecses (2005). No filme *Pocahontas*, da Walt Disney, Pocahontas e o capitão John Smith se apaixonam<sup>13</sup>. A paixão entre os dois é expressa numa cena em que eles literalmente caem numa cascata. Para Kövecses (2005) essa é uma realização não linguística para a metáfora CAIR NO AMOR (APAIXONAR-SE) É CAIR FISICAMENTE. As revistas em quadrinho (ou os desenhos animados) expressam metáforas não linguísticas constantemente. Os desenhos de personagens nos quais se observa fumaça saindo de seus ouvidos são usados com frequência para expressar a raiva desses personagens. A descrição é motivada pela metáfora A RAIVA É UM FLUIDO QUENTE NUM CONTÊINER. As metáforas IMPORTANTE É CENTRAL, IMPORTANTE É PRA CIMA também são realizadas de forma não linguística. Nas reuniões formais (de uma empresa, por exemplo), costuma-se posicionar a cadeira do diretor (ou presidente, conforme o caso) no centro. Além de posicionada no centro, essas cadeiras geralmente são maiores do que as demais. Esses são alguns exemplos descritos em Kövecses (2005).

### 2.2.2 A Metáfora Primária

A Teoria da Metáfora Conceptual (TMC), como formulada por Lakoff e Johnson em 1980, mostrou-se revolucionária ao definir metáfora como processo cognitivo. A TMC, em oposição à visão tradicional, vai mostrar que, por ser forma de pensamento, a metáfora não se limita a textos literários, ela se revela na linguagem humana nos mais variados contextos. No entanto, a formulação de Lakoff e Johnson, até o final da década de 90, não dava conta de alguns questionamentos importantes. Para Lima et al.(2008, p. 144):

Com um empreendimento tão ousado, era necessário uma teoria mais robusta, que explicasse mais que a simples existência de sistemas metafóricos na língua. Era preciso explicar por que no mapeamento de algumas metáforas somente parte de um domínio ocorria. Por exemplo, se conceitualizamos TEORIAS como EDIFÍCIOS, por que não se diz que uma teoria tem corredores, janelas ou esgotos? Era preciso explicar por que algumas metáforas tinham claramente uma base experiencial

<sup>13</sup> A expressão em inglês para “apaixonar-se” é *fall in love*, literalmente, “cair no amor”.

corpórea direta, como MAIS É PARA CIMA, enquanto outras não, como TEORIAS SÃO EDIFÍCIOS. Era preciso explicar a relação entre várias metáforas, algumas por compartilharem grande parte de suas estruturas e conteúdos, outras por conterem contradições nas projeções de um mesmo domínio.

Ainda, segundo a TMC, o propósito da metáfora é mapear estrutura em domínios abstratos; se o alvo já tiver sua própria estrutura, por que ele precisaria de estruturação metafórica (EVANS; GREEN, 2006)?

Em Grady (1997), a teoria da metáfora conceptual é refinada tomando como base esses e outros questionamentos. O pesquisador engendra a Hipótese da Metáfora Primária. Segundo sua teoria, as metáforas compostas são “moléculas” formadas por metáforas primárias, que seriam os “átomos”. “A metáfora TEORIAS SÃO CONSTRUÇÕES, por exemplo, é composta das seguintes metáforas primárias, segundo Grady e colaboradores: ORGANIZAÇÃO É UMA ESTRUTURA FÍSICA e MANTER-SE INTACTO É MANTER-SE ERETO” (LIMA, 1999). Para Grady (1997), a metáfora primária é estruturada a partir de conceitos igualmente básicos. O conceito-fonte da metáfora primária são conceitos diretamente ligados a experiências sensoriais e o conceito-alvo relaciona-se a respostas e avaliações que fazemos dos *inputs* sensoriais. Segundo Lima (2006):

[...] na hipótese de Grady, essas metáforas surgem porque há uma forte correlação entre as duas dimensões distintas da experiência envolvida. Portanto, a metáfora DESEJAR É TER FOME é gerada por causa da correlação entre a sensação física da fome e o desejo simultâneo por comida que acompanha essa sensação.<sup>14</sup>

No modelo teórico de Grady (1997), a formação da metáfora primária se dá por vários estágios intermediários das experiências. Submetemo-nos constantemente a diversas experiências que se repetem diariamente. Levantamos objetos, percebemos determinadas cores, movimentamos nossos membros inferiores e superiores para andar, correr, nos levantar, sentar. Dentre essas experiências, algumas são mais salientes do que outras por estarem particularmente relacionadas a nossos objetivos e desejos. A tarefa de carregar um objeto muito pesado, por exemplo, causa-nos mais desconforto do que a de transportar um objeto mais leve. Por impactar mais fortemente nossas capacidades sensoriais, esse tipo de experiência é mais proeminente do que, por exemplo, a percepção das cores dos objetos que nos rodeiam. Às experiências, mais salientes, relacionadas a interações com vistas a um objetivo, Grady chama *eventos básicos* (Grady, 1997). Nesses eventos, duas experiências coocorrem: a percepção de natureza física e nosso julgamento dessa percepção. Grady refere-

---

<sup>14</sup> In Grady's hypothesis, such metaphors arise because there is a tight correlation between the two distinct dimensions of experience involved. Thus, the DESIRE IS HUNGER metaphor is generated because of the correlation between the physical sensation of hunger and the simultaneous desire for food that accompanies it.

se a esse fenômeno como *cenar primárias*, que são “episódios mínimos (delimitado pelo tempo) da experiência subjetiva, caracterizados por fortes correlações entre a circunstância física e a resposta cognitiva”<sup>15</sup>; as experiências individuais que se pareiam neste processo são chamadas *subcenar*.

A formulação teórica de Grady contribuiu com a Teoria da Metáfora Conceptual, tanto por tratar mais substancialmente da questão da motivação experiencial da metáfora, como por propor uma explicação plausível sobre a natureza parcial dos mapeamentos (GRADY; JOHNSON, 1997), de modo que Lakoff e Johnson agregam a Hipótese da Metáfora Primária à TMC ao reestruturá-la em sua publicação *Philosophy in the flesh* (1999).

### 2.2.3 A Metonímia Conceptual

Assim como a metáfora, a metonímia foi, por muito tempo, relegada à condição de simples figura de linguagem. Para a Linguística Cognitiva, no entanto, a metonímia – juntamente com a metáfora – é um mecanismo conceptual indispensável ao pensamento humano. Por conseguinte, o processo conceptual metonímico não se apresenta somente na linguagem poética. Tal qual a metáfora, a metonímia se revela com frequência e sistematicidade na linguagem do cotidiano. Quando falamos, por exemplo, em “lavar o carro”, referimo-nos à lavagem de partes do carro, mais precisamente à lataria do veículo; quando dizemos que alguém “tem olhos verdes”, estamos nos referindo somente à íris, não a todo o globo ocular: certamente ficaríamos assustados se encontrássemos alguém literalmente de olhos verdes. Esses dois exemplos, apesar de limitados, servem para nos dar uma ideia da ubiquidade da metonímia na linguagem do dia a dia.

Embora se tenha atribuído pouca importância à metonímia, para muitos estudiosos, ela é tão importante quanto a metáfora para o processo de conceptualização. Defende-se até que as metáforas têm uma base metonímica em maior ou menor grau (EVANS; GREEN, 2006).

Se na metáfora mapeamos elementos de um domínio-fonte em um domínio-alvo, na metonímia a interação entre os conceitos acontece dentro do mesmo domínio. Pode-se representar a metáfora, como já expusemos, pela fórmula X é Y. Ao contrário da metáfora, a

---

<sup>15</sup> [...] *primary scenes* are minimal (temporally-delimited) episodes of subjective experience, characterized by tight correlations between physical circumstance and cognitive response.

metonímia pode ser representada pela fórmula X por Y, sendo que X e Y pertencem ao mesmo domínio. A metonímia é um recurso mental pelo qual acessamos um conceito através de outro do mesmo domínio conceptual.

Kövecses (2002) conceitua metonímia como “um processo cognitivo em que uma entidade conceptual, o veículo, fornece acesso mental a outra entidade conceptual, o alvo, dentro do mesmo domínio ou modelo cognitivo idealizado (MCI)”<sup>16</sup>. Em sua obra, Kövecses (2002, p. 150) equipara MCI a domínio conceptual. Conforme o autor, “um domínio conceptual, ou MCI, pode ser visto como um todo constituído por partes; mais especificamente, as entidades conceptuais, ou elementos são as partes que constituem o MCI que é o todo”<sup>17</sup>. Podemos recorrer à figura 2 abaixo para ilustrar a metonímia, conforme definição proposta pelo autor.

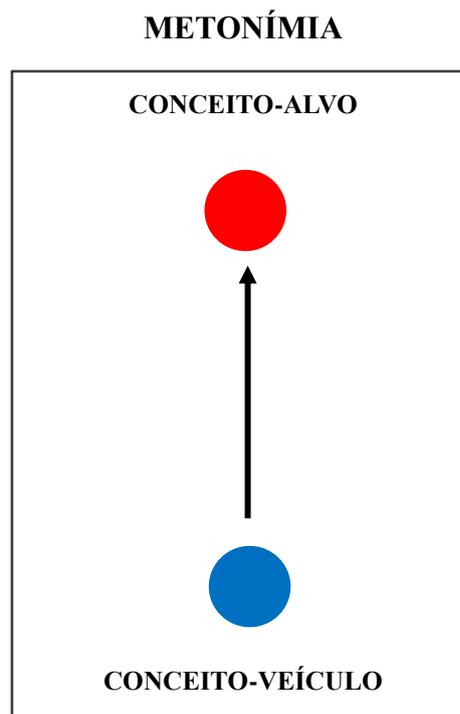


Figura 2: mapeamento metonímico. Fonte: EVANS; GREEN (2006, p. 313)

Em “Washington está negociando com Moscou”, as sedes políticas (Washington e Moscou) são conceitos-veículo através dos quais se acessam os alvos da metonímia: o governo americano e o governo russo (KÖVECSES, 2002).

<sup>16</sup>Metonymy is a cognitive process in which one conceptual entity, the vehicle, provides mental access to another conceptual entity, the target, within the same domain, or idealized cognitive model (ICM).

<sup>17</sup> A conceptual domain, or ICM, can be viewed as a whole that is constituted by parts; more specifically, the conceptual entities, or elements, are the parts that constitute the ICM that is the whole

Alguns dos exemplos de metonímias conceptuais citados por Kövecses (2002) são PRODUTOR PELO PRODUTO, LUGAR PELO EVENTO, CONTROLADOR PELO CONTROLADO, OBJETO PELO USUÁRIO. Relacionadas a essas metonímias conceptuais, temos, respectivamente, as seguintes expressões linguísticas metonímicas: “Estou lendo Shakespeare”, “Watergate mudou nossa política”, “Nixon bombardeou Hanoi” e “O sax está gripado hoje”.

Conforme Kövecses (2002), alguns relacionamentos metonímicos são reversíveis, ou seja, os papéis desempenhados pelos conceitos-veículo e alvo podem se alternar. Desta forma, tem-se CAUSA PELO EFEITO e EFEITO PELA CAUSA, CONTROLADOR PELO CONTROLADO e CONTROLADO PELO CONTROLADOR, PARTE PELO TODO e TODO PELA PARTE, dentre outros. Barcelona (2003) observa, no entanto, que não se trata de bidirecionalidade de mapeamento; assim como na metáfora, na metonímia o mapeamento é unidirecional, a inversão produz relações metonímicas distintas.

Barcelona (2003), conceitua metonímia como “um mecanismo cognitivo pelo qual um domínio experiencial é parcialmente compreendido em termos de outro domínio experiencial, ambos incluídos no mesmo domínio experiencial comum”<sup>18</sup>. Contrastando o conceito de Barcelona (2003) com o de Kövecses (2002), percebe-se que para este a metonímia é o meio pelo qual se “fornece acesso mental” ao conceito-alvo através do conceito-fonte (ou conceito-veículo). Em “Estou lendo Shakespeare” o autor (Shakespeare) é o conceito-veículo através do qual se acessa a obra. Vários teóricos evitam referir-se à metonímia como mapeamento entre (sub)domínios. Croft (CROFT, 2003 *apud* BARCELONA, 2003, p. 223-224), por exemplo, defende que a diferença entre metáfora e metonímia reside no fato de a primeira ser um mapeamento de domínios (domain mapping), a segunda um destaque de domínio (domain highlighting).

Barcelona (2003), por outro lado, defende um conceito segundo o qual a metonímia, além de ter a finalidade de acessar ou destacar (highlight) o alvo, consiste em um modo de compreensão de um domínio em termos de outro. Um conceito aparentemente semelhante ao da metáfora. Na expressão linguística *Proust é uma leitura difícil* (*Proust is tough to read*) o domínio-fonte (Proust) não apenas proporciona acesso (ou destaque) ao alvo (sua obra literária), para Barcelona (2003), a fonte mapeia o alvo pelo mecanismo metonímico. Segundo o autor:

[...] a escolha da fonte (ou “veículo” em outra terminologia) restringe a forma pela qual o alvo é ativado. No exemplo de Proust, as obras literárias são ativadas principalmente *como* produzidas por um dado autor. Em outras palavras, o autor é

---

<sup>18</sup> Metonymy is a cognitive mechanism whereby one experiential domain is partially understood in terms of another experiential domain included *in the same common experiential domain*.

mapeado em sua obra. Essa é a razão pela qual a metonímia não é apenas uma questão de destaque ou ativação, mas também de mapeamento.<sup>19</sup>

Verifica-se em Barcelona (2003) que o conceito de metonímia é bem próximo do conceito de metáfora. Em ambos os casos, fala-se em *mapeamentos* de um *domínio-fonte* em um *domínio-alvo*. Para Barcelona (2003), o que diferencia o mapeamento metafórico do metonímico é que na metáfora ele ocorre entre domínios pertencentes a domínios superordenados diferentes; já na metonímia, o mapeamento se dá entre um domínio e um subdomínio ou entre subdomínios pertencentes ao mesmo domínio superordenado. Esta aproximação conceitual é apenas o começo das dificuldades para se diferenciar a metáfora da metonímia.

O principal problema para se distinguir um fenômeno cognitivo do outro reside, provavelmente, no fato de os domínios conceptuais apresentarem delimitações indistintas (fuzzy boundaries). Dessa forma, nem sempre é possível definir se o alvo e a fonte pertencem ou não ao mesmo domínio cognitivo; tal indefinição constitui um óbice para a classificação de determinados mapeamentos como metafóricos ou metonímicos.

No caso da metonímia, Barcelona (2003) sugere que seria mais adequado referir-se a subdomínios que interagem entre si ou com um domínio experiencial superior ao qual pertencem. No enunciado *Ela é um rosto lindo*, licenciado pela metonímia conceptual PARTE PELO TODO, um subdomínio (PARTE DO CORPO) representa o domínio completo (PESSOA). Em *O sanduíche de presunto está esperando a conta*, o subdomínio PRATO (sanduíche) representa o subdomínio CLIENTE, estes dois subdomínios pertencem ao domínio maior RESTAURANTE. Diferente da metáfora, em que o mapeamento se dá entre domínios, na metonímia o mapeamento acontece entre domínio e subdomínio (no caso de TODO PELA PARTE e PARTE PELO TODO) ou entre um subdomínio e outro (como em PARTE PELA PARTE).

Barcelona (2003, p. 224-225) aponta uma diferença importante entre o mapeamento metafórico e o mapeamento metonímico. Na metáfora, o mapeamento projeta a estrutura do domínio-fonte na estrutura do domínio-alvo. Segundo o autor:

O mapeamento, neste sentido, é facilitado se ambas as estruturas tiverem um grau básico de “par” estrutural. É isto o que ocorre com a metáfora, em que a fonte e o alvo compartilham pelo menos do nível mais abstrato de sua estrutura de imagem esquemática, de modo que origens são mapeadas em origens, destinos em destinos, etc.<sup>20</sup>

<sup>19</sup>[...] the choice of source (or “vehicle” in another terminology) constrains the way in which the target is activated. In the Proust example, the literary works are activated mainly *as* produced by a given author. In other words, the author is mapped onto his works. This is the reason why metonymy is not only a matter of highlighting or activation, but also of mapping.

<sup>20</sup>Mapping, in this sense, is facilitated if both structures have a basic degree of structural “match”. This is what happens in metaphor, in which source and target share at least the most abstract level of their image-schematic

Esta simetria não existe entre os (sub)domínios envolvidos no mapeamento metonímico. Na metonímia, os (sub)domínios têm níveis diferentes de organização estrutural. Não se observa compatibilidade dos esquemas de imagem (que discutiremos a seguir) entre elementos conceptuais que se relacionam metonimicamente. Nisto, Barcelona encontra fundamento para afirmar que o mapeamento metonímico é assimétrico, enquanto o metafórico é simétrico.

Por se tratar de um mapeamento intradomínio, na metonímia não se constata uma referência sistemática entre os componentes dos dois domínios, como acontece na metáfora, em que o domínio-fonte sistematicamente mapeia o domínio-alvo. Na metonímia, a fonte projeta sua estrutura conceptual no alvo não por estabelecer uma ligação sistemática entre seus componentes: no mapeamento conceptual metonímico a fonte coloca-se em primeiro plano (foregrounding) e o alvo é posto em segundo plano (backgrounding). No exemplo supracitado – *Proust é uma leitura difícil* –, a obra é deixada em segundo plano e o autor é posto em relevo. Segundo Barcelona (2003, p. 226):

Um mapeamento metonímico afeta a conceptualização do domínio-alvo, que é compreendido “a uma nova luz”: o mapeamento convida a visualização destas obras como uma extensão da personalidade de Proust. Essa reconceptualização pode ser relativamente transiente ou limitada, como neste exemplo, ou pode deixar um traço extensivo e permanente nos domínios cognitivos e nos padrões de inferência.<sup>21</sup>

A opção por um conceito-fonte, longe de ser arbitrária, é motivada. A fonte limita a forma como o alvo é ativado. Quando se refere à obra pelo autor, a obra literária é ativada principalmente como sendo um produto do autor. Mapeia-se o autor em sua obra (BARCELONA, 2003, p. 225). Assim, a metonímia não consiste simplesmente em um processo no qual se acessa um conceito através de outro, é na verdade um mapeamento que desempenha um papel importante na constituição do nosso sistema conceptual.

Pelo mecanismo cognitivo metonímico, o domínio-alvo é ativado, ou destacado (highlighted) pelo domínio-fonte. Em “Washington é insensível às necessidades do povo” (“Washington is insensitive to the needs of the people”), o domínio-fonte “Washington” ativa ou destaca o domínio-alvo “governo americano”. Curiosamente, o domínio-fonte destaca o alvo ao mesmo tempo em que o coloca em segundo plano (background). No exemplo citado, a

---

structure, so that sources are mapped onto sources, goals onto goals, etc.

<sup>21</sup>A metonymic mapping affects the conceptualization of the target domain, which is understood “in a new light”: the mapping invites viewing these works as an extension of Proust’s personality. This reconceptualisation can be relatively transient and limited, as in this example, or it can leave an extensive permanent trace in cognitive domains and in inference patterns.

estrutura metonímica posiciona “Washington” (a cidade) em primeiro plano e coloca o alvo “governo americano” em segundo plano. Vemos que a metonímia é um mecanismo cognitivo que viabiliza, no discurso, meios de, no caso do exemplo acima, resguardar o “governo americano”. O mencionado como “insensível às necessidades do povo” é “Washington”, não o governo dos Estados Unidos, estabelecido em Washington. Mas, substituir “Washington” por “governo americano” ainda não seria suficiente para se chegar à literalidade; teríamos, ainda, outra metonímia em que “governo americano” representaria as pessoas que exercem o governo. Observa-se, neste caso, que a metonímia pode se apresentar encadeada em vários níveis: a cadeia surge da ligação TODO-PARTE, “Washington” é a cidade onde se encontram as instituições políticas do governo americano; as “instituições” são o “todo” em relação às pessoas que verdadeiramente exercem a política (BARCELONA, 2003). A metonímia TODO PELA PARTE pode ser desdobrada em SEDE PELO ÓRGÃO e ÓRGÃO PELO GOVERNANTE.

O que expusemos até aqui sobre metáfora e metonímia certamente é útil para diferenciarmos um fenômeno do outro. A principal dificuldade para a classificação de um mapeamento como metafórico ou metonímico reside, como já mencionamos, no fato de os domínios conceptuais não serem fechados, definitivamente delimitados. Recorrendo a outro exemplo de Barcelona (2003) a expressão “João é um leão” (John is a lion) dificilmente seria considerada como manifestação linguística de mapeamento metonímico. No entanto, ninguém discordaria de que “pessoa” (João) e “leão” incluem-se no mesmo domínio: o de ANIMAIS.

Como solução para o problema, o teórico recorre a uma caracterização mais precisa dos domínios que permitem relação metonímica entre suas entidades. Para o autor, é preciso distinguir, quando possível, a classificação taxonômica dos domínios com base na experiência da coocorrência de domínios em domínios funcionais superordenados com base na experiência. Conforme Barcelona (2003, p. 237) explicita:

“um domínio X pode ser distinguido de um domínio Y em termos de taxonomia geral dos domínios, e ainda assim ser agrupado nele em um domínio de experiência funcional geral por um *frame* (Fillmore 1982) ou *MCI* (Lakoff 1987:68-77)”<sup>22</sup>.

Dessa forma, o domínio da metonímia caracteriza-se como um todo estruturado complexo, uma *gestalt* (LAKOFF, 1987, p. 68).

Como vemos, a tarefa de diferenciar metáfora de metonímia tem sido um desafio no campo teórico da Linguística Cognitiva. Estabelecer uma linha definitivamente divisória entre esses dois processos mentais tem se mostrado tarefa bastante complexa. Se existe um consenso entre os teóricos quanto a esta questão é que ainda há muito o que se estudar a

---

<sup>22</sup> A domain X may be distinguished from a domain Y in terms of the general taxonomy of domains, and yet be grouped with it in an overall functional experiential domain by a *frame* (Fillmore 1982) or *ICM* (Lakoff 1987:68-77)

respeito da metonímia conceptual.

### 2.3 A interação Metáfora-Metonímia

Vimos que tanto a metáfora como a metonímia são processos cognitivos que desempenham um papel importante na estruturação do nosso sistema conceptual. A metáfora se configura a partir de dois domínios diferentes: os elementos do domínio-fonte – mais concretos, conforme Lakoff e Johnson (1980) – são mapeados nos elementos do domínio-alvo – mais abstratos, segundo os mesmos autores. No caso da metonímia, os mapeamentos dar-se-ão entre elementos pertencentes a um mesmo domínio conceptual. Esses processos conceptuais, metafóricos e metonímicos, são revelados na linguagem através das metáforas e metonímias linguísticas, ou seja, expressões que demonstram que um conceito é usado em referência a outro de um domínio diferente, no caso da metáfora, ou de um mesmo domínio, no caso da metonímia. Uma vez que a metáfora e a metonímia são processos conceptuais que em princípio podem ocorrer nos mesmos domínios, infere-se que pode haver interação entre esses dois fenômenos (EVANS; GREEN, 2006).

Evans e Green (2006), baseados em pesquisas realizadas por Goossen (1990), expõem duas formas pelas quais metáforas e metonímias interagem. O primeiro caso é o denominado *metáfora de metonímia* (metaphor from metonymy). Alguns mapeamentos são puramente metonímicos. Os autores usam como exemplo a expressão “to be closed-lipped” que literalmente significa “ter os lábios fechados”. “Fechar os lábios” correlaciona-se a “ser silencioso, não falar nada”, afirmar que uma pessoa tem os lábios fechados é uma forma de metonimicamente dizer que ela é silenciosa: esse é um uso não literal da expressão. A expressão assume outro significado não literal quando usado para se referir a alguém que fala pouco, neste caso, a metonímia assume forma metafórica: o que antes era uma metonímia que significava “não falar nada”, transforma-se em metáfora com o sentido de “falar pouco”.

O outro tipo de interação metáfora-metonímia é a chamada *metonímia dentro da metáfora* (metonymy within metaphor). Esse é o caso em que um dos domínios da metáfora assume uma forma metonímica. Evans e Green (2006) exemplificam com a expressão “She caught the Prime Minister’s ear and persuaded him to accept her plan” (Ela alcançou o ouvido do Primeiro Ministro e o persuadiu a aceitar o plano dela). A metáfora que o enunciado revela é ATENÇÃO É UMA ENTIDADE FÍSICA EM MOVIMENTO. Na expressão linguística, o domínio-alvo

ATENÇÃO está expresso metonimicamente através do conceito OUVIDO, que pertence ao mesmo domínio conceptual de ATENÇÃO: OUVIDO é a parte do corpo que serve de conceito-veículo de acesso ao conceito ATENÇÃO.

As metáforas primárias, como vimos, relacionam uma experiência física, corpórea a uma avaliação ou julgamento que se faz dessa experiência física. A metáfora primária é, por conseguinte, uma correlação entre duas experiências básicas: o conceito-alvo é consequência do conceito-fonte. Daí, conclui-se que as metáforas primárias são equiparáveis a metonímias do tipo CAUSA PELO EFEITO (PARTE PELA PARTE). Em MAIS É PARA CIMA, por exemplo, a elevação vertical é resultado do aumento da quantidade. Sendo assim, dado que as metáforas ou são primárias ou são constituídas a partir delas, todas as metáforas são motivadas por metonímias (EVANS; GREEN, 2006).

## 2.4 Os esquemas de imagem

As discussões que tecemos no capítulo 4 sobre a interpretação dos dados exigem que tratemos aqui de um conceito de suma importância para a linguística cognitiva. Referimo-nos ao conceito de *esquema de imagem* (*image schema*). Os esquemas de imagem estão intimamente relacionados ao princípio da cognição corporificada (*embodiment*), ou seja, a noção de que os conceitos são formados através das nossas experiências corpóreas no mundo. Trata-se de estruturas conceptuais abstratas geradas por nossa constante interação física no ambiente em que vivemos. São produtos da experiência corporificada (EVANS; GREEN, 2006).

Os esquemas de imagem são estruturas preconceptuais. Ou seja, são originados antes dos conceitos já no período da infância. Esses esquemas são conceitos especiais por motivos diversos. Eles são as estruturas que fundamentam o sistema conceptual. São construídos a partir do funcionamento dos nossos sentidos no ambiente. Embora o termo “imagem” evoque o sentido da visão, os esquemas de imagem não se restringem a esse sentido, eles podem ser construídos a partir de qualquer de nossas capacidades sensoriais. Não são conceitos ricos em detalhes como, por exemplo, o conceito CASA. Podemos atribuir uma imagem precisa ao conceito CASA, mas os esquemas de imagem são diferentes nesse aspecto, pois não possibilitam a formulação de uma imagem específica: são apenas esquemas ou padrões conceptuais. Conforme exposição de Johnson (1987):

“os esquemas de imagem não são imagens ricas, concretas nem figuras mentais. São estruturas que organizam nossas representações mentais num nível mais geral e abstrato do que aquelas a partir das quais formulamos imagens mentais particulares”<sup>23</sup>

Consideremos como exemplo o esquema de imagem CONTÊINER. É um esquema simples, constituído de uma parte interior e uma borda que separa o interior do exterior. O esquema de imagem CONTÊINER – de natureza geral, desprovido de uma imagem mental – estrutura qualquer conceito específico de CONTÊINER como, por exemplo: um copo, uma taça, uma bacia, um tubo de creme dental e até contêineres menos óbvios – às vezes metafóricos – como cama, rio, depressão, problema etc. (EVANS, GREEN, 2006).

Johnson (1987) considera os esquemas de imagem como estruturas gestálticas, ou seja, segundo o autor esses esquemas são um todo coerente e de significado. Johnson (1987: 44) afirma que:

Qualquer esquema pode, obviamente, ser analisado e esmiuçado simplesmente porque possui partes. Mas qualquer redução desse tipo destruirá a integridade da *gestalt*, ou seja, destruirá a unidade significativa que o torna uma *gestalt* particular... estou considerando que todos os esquemas de imagem são caracterizáveis como *gestalts* irreduzíveis.<sup>24</sup>

É difícil precisar quantos esquemas de imagem existem. Dentre muitos tratados ao longo da obra de Johnson (1987) podemos citar como alguns exemplos os esquemas de CONTENÇÃO, TRAJETO, ORIGEM-CAMINHO-DESTINO, BLOQUEIO, CENTRO-PERIFERIA, FORÇA, EQUILÍBRIO, CONTATO, PERTO-LONGE. Dentre os esquemas, o que nos interessa para efeito da análise dos dados é o esquema de imagem da FORÇA.

Ao longo da vida experienciamos a força tão constantemente que só a percebemos quando ela se mostra mais intensa do que costuma ser. Consideremos a força da gravidade. Convivemos com ela vinte e quatro horas por dia, contudo sua presença só vem à nossa consciência quando, por exemplo, escalamos uma colina, quando dispensamos o conforto do elevador e subimos os andares de um edifício pelas escadas. Ainda, como afirma Johnson, (1987) “esquecemo-nos facilmente que nossos corpos são um aglomerado de forças e que todo evento do qual participamos consiste, minimamente na interação de forças.”<sup>25</sup>

Johnson (1987:43-44) lista seis características presentes na experiência da força. A força é sempre experienciada através da *interação*; nossa experiência da força usualmente

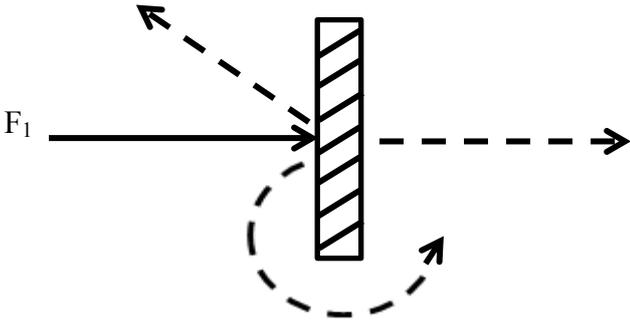
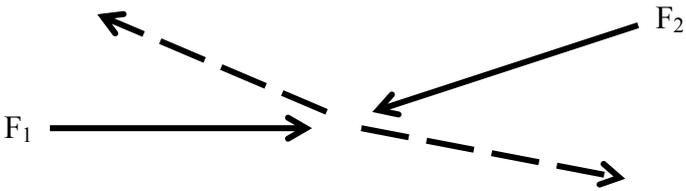
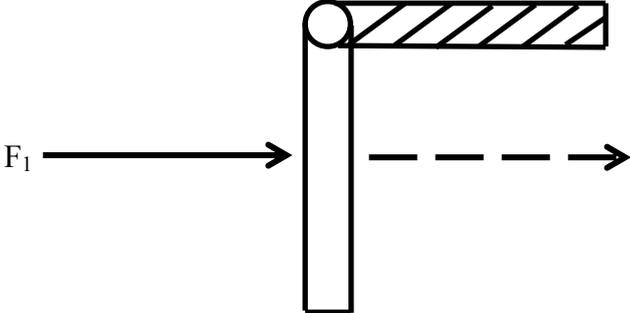
<sup>23</sup> image schemata are not rich, concrete images or mental pictures, either. They are structures that organize our mental representation at a level more general and abstract than that at which we form particular mental images.

<sup>24</sup> Any given schema can, of course, be analyzed and broken down simply because it has parts. But any such reduction will destroy the integrity of the gestalt, that is, will destroy the meaningful unity that makes it the particular gestalt that it is... I am assuming that all image schemata are characterizable as irreducible gestalts.

<sup>25</sup> We easily forget that our bodies are clusters of forces and that *every* event of which we are a part consists, minimally, of forces in interaction.

envolve movimento de um objeto no espaço em alguma *direção*; geralmente é exercida ao longo de um único *trajeto*; a força tem *origens* e é direcionada a um *alvo*; a força apresenta *graus de intensidade*; por ser experienciada via interação, a força sempre envolve uma *estrutura ou sequência de causalidade*.

Por fim, exemplificamos graficamente no quadro 1 abaixo algumas variações do esquema de FORÇA proposta por Johnson (1987) em sua obra *The body in the mind*.

COMPULSÃO		<p>Uma força é projetada contra um objeto que se desloca ao longo de um determinado trajeto. A seta escura representa a força vetorial real e a seta tracejada denota uma força ou trajetória potencial. Exemplo: a experiência de sermos movidos por uma força externa como o vento, a água, objetos físicos, outras pessoas.</p>
BLOQUEIO		<p>A força projetada contra um obstáculo pode tomar diversas direções possíveis. Caso a força exercida pelo bloqueio seja menos intensa do que a força projetada, esta rompe o bloqueio e prossegue na mesma direção de origem. Exemplo: se no meio de um percurso nos deparamos com uma multidão compacta, temos as alternativas de: não concluir o percurso, mudar a direção e contornar a multidão ou tentar prosseguir na mesma direção passando no meio da multidão.</p>
CONTRA-FORÇA		<p>Duas forças opostas de igual intensidade colidem-se frente a frente e nenhuma delas consegue prosseguir. Exemplo: acidentes automobilísticos em que dois veículos se chocam de frente.</p>
DIVERGÊNCIA		<p>A colisão entre duas forças faz com que ambas sejam desviadas de sua direção original. Exemplo: remar um barco para o lado oposto de um rio compensando a força de um vento oblíquo.</p>
REMOÇÃO DE BARREIRA		<p>A força prossegue em sua direção original porque não existe barreira ou porque a barreira foi removida por uma outra força. Exemplo: podemos entrar num quarto cuja porta esteja aberta ou nos deslocar da sala para a cozinha facilmente por não haver nenhuma barreira separando os dois espaços.</p>

Quadro 1: Variações do esquema de imagem da FORÇA. Fonte: JOHNSON (1987, p. 45 – 47)

Os esquemas de imagem da FORÇA representados no quadro acima emergem de nossas experiências repetidas no dia a dia – eventos nos quais interagimos com a força. Os esquemas de imagem são estruturas preconceituais e, por conseguinte prelinguísticas. Johnson (1987), no entanto, observa que os esquemas “são parte do significado e da compreensão. Eles não formam simplesmente o pano de fundo em que o significado emerge; mais que isso, eles mesmos são estruturas de significado.”<sup>26</sup> Veremos, no capítulo 4, como o esquema da FORÇA influencia os domínios estruturantes das metáforas aqui investigadas.

## 2.5 A política externa

O conceito de *política* está estritamente ligado ao conceito de poder. O poder político é definido como uma relação entre sujeitos, em que um impõe a sua vontade sobre a vontade do outro. Exercer o poder é recorrer aos meios adequados à obtenção de qualquer vantagem (BOBBIO, 1998, p. 954). Em uma sociedade politicamente organizada, o único sujeito autorizado a exercer o poder político é o Estado. Somente ao Estado é facultado o direito ao monopólio da “violência legítima”. Apenas o Estado pode se utilizar, como último recurso, da força física como meio de controle efetivo da conduta dos indivíduos. Conforme Bobbio (1998, p. 956), “só o uso da força física serve, pelo menos em casos extremos, para impedir a insubordinação ou a desobediência dos subordinados”. Dessa forma, a relação entre o Estado e os cidadãos, no âmbito do exercício do poder político, é assimétrica. Bobbio (1998, p. 956) acrescenta ainda que:

O que caracteriza o poder político é a exclusividade do uso da força em relação à totalidade dos grupos que atuam num determinado contexto social, exclusividade que é o resultado de um processo que se desenvolve em toda a sociedade organizada, no sentido da monopolização da posse e uso dos meios com que se pode exercer a coação física. Este processo de monopolização acompanha *pari passu* o processo de incriminação e punição de todos os atos de violência que não sejam executados por pessoas autorizadas pelos detentores e beneficiários de tal monopólio.

Essa relação assimétrica, materializada no estado moderno, é elucidada pela hipótese hobbesiana, na qual a teoria moderna do Estado se fundamenta. Para Hobbes, a passagem do Estado de natureza (anárquico) para o Estado civil ocorre quando todos os indivíduos

---

<sup>26</sup> These structures are part of meaning and understanding. They do not merely form a background against which meaning emerges; rather, they are themselves meaning structures.

renunciam o direito de usar a própria força – que os tornava iguais no estado de natureza – e reconhece o Estado como a única entidade que pode utilizá-la legitimamente contra os próprios indivíduos. (BOBBIO, 1998, p. 956).

No que concerne à sua estrutura, os elementos que constituem o Estado são: território definido, população e um governo soberano, que exerce o poder político sobre a população dentro de seu território. O Estado impõe a toda sua comunidade normas jurídicas que obrigam os indivíduos a manterem determinadas condutas. A quebra destas normas, por qualquer indivíduo, dá ao Estado o direito de exercer a violência legítima, impondo sanções ao infrator. Dependendo do delito e das normas que regem a sociedade, a sanção pode ser a privação de um bem, da liberdade, ou até da vida, como nos casos das sociedades que adotam a pena de morte.

Nos termos de Hobbes (2006), é com essa organização política que uma sociedade sai do estado de natureza, anárquico, e se constitui em estado civil, em que todos se submetem ao poder centralizado de um governo. São essas as características que estabelecem os contornos da política interna, cujo exercício não ultrapassa os limites territoriais do Estado.

No entanto, quando observamos o quadro das relações internacionais, vemos que na política externa não existe nenhum poder centralizado que se sobreponha a todos os Estados. Rezek (2002, p. 1-2) afirma que:

No plano internacional não existe autoridade superior nem milícia permanente. Os Estados se organizam horizontalmente, e prontificam-se a proceder de acordo com normas jurídicas na exata medida em que estas tenham constituído objeto de seu consentimento. A criação das normas é, assim, obra direta de seus destinatários [...] As relações entre o Estado e os indivíduos ou empresas fazem com que toda ordem jurídica interna seja marcada pela ideia da *subordinação*. Esse quadro não encontra paralelo na ordem internacional, onde a *coordenação* é o princípio que preside a convivência organizada de tantas soberanias.

Como Rezek assevera, não existe, nas relações internacionais, qualquer poder ao qual os Estados devam submissão. Considerando a hipótese hobbesiana, se internamente as sociedades se organizam em estados civis, externamente ainda prevalece o estado de natureza, ou seja, a relação entre os Estados é anárquica, pois não há poder central que os governe. Com relação ao seu território e à sua população, o estado tem o que se costuma chamar “soberania interna”, ou seja, a supremacia sobre todas as demais autoridades circunscritas ao seu território. Com relação a todos os outros, cada Estado é dotado da “soberania externa”, que não consiste em supremacia, mas simplesmente na condição de independência de cada Estado em relação aos demais. Segundo Bull (2002, p. 13):

a soberania dos estados, interna e externa, existe tanto no nível normativo como no factual. Os estados não só afirmam a sua soberania interna e externa como na prática

exercem efetivamente, em graus variados, essa supremacia interna e independência externa.

As relações internacionais são, por definição, relações entre nações. Oportunamente, ressaltamos que nação, neste contexto, não é um conceito relacionado a questões étnicas, culturais, linguísticas. Trata-se do que acima definimos como *estado*<sup>27</sup>. Portanto, relações internacionais são relações entre estados politicamente organizados.

Para Aron (2002, p. 52) as relações entre os estados são executadas por dois agentes simbólicos: o diplomata e o soldado. O diplomata, no exercício de suas funções, é a entidade em nome de quem negocia. O soldado também é a entidade que representa, em nome de quem mata seu semelhante. O teórico usa o termo “diplomata” com referência a qualquer representante oficial autorizado a negociar em nome do seu país, não se trata apenas do diplomata em sentido estrito.

Uma característica central da política externa é, por conseguinte, o fato de cada estado ser independente. Juridicamente, nenhuma nação se submete a qualquer outra. Os estados se encontram coordenados no meio político internacional, não há nenhum poder que se sobreponha a eles. Por isso, inserida numa sociedade anárquica, cada nação tem de se utilizar dos próprios recursos para garantir sua sobrevivência e atingir seus objetivos.

## 2.6 A guerra

A guerra é uma atividade humana de todas as épocas e de todas as civilizações. O homem sempre se utilizou das armas disponíveis – machados ou canhões, flechas ou projéteis, explosivos químicos ou reações atômicas – para atingir seus objetivos, ainda que matando seu semelhante (ARON, 2002).

Clausewitz (2005) propõe objetivamente um conceito segundo o qual a guerra é um “ato de violência pelo qual pretendemos levar o adversário a render-se à nossa vontade”. Por meio das hostilidades, os envolvidos na guerra buscam defender seus interesses. Esses interesses são extremamente diversos de acordo com os objetivos dos beligerantes: dependendo da situação em que se encontra cada partido conflitante, seu propósito pode ser buscar ganhos ou tão-somente evitar perdas.

Para Clausewitz (2005), o objetivo final da guerra é a submissão obrigatória do

---

<sup>27</sup> É com este sentido que ao longo da dissertação usamos, intercambiavelmente, as palavras “país” e “nação”.

inimigo à nossa vontade. Para que isso aconteça, é necessário desarmar o inimigo; por isso, o autor conclui que o objetivo imediato da guerra é o desarmamento do adversário. Essa é a forma mais eficaz de obrigá-lo a se submeter à nossa vontade; desarmado, o oponente não conta com os recursos necessários para oferecer resistência. O desarmamento é a própria destruição do inimigo e, por conseguinte, o fim da guerra.

Mas não é qualquer ato de violência que pode ser classificado como guerra. A violência só é guerra quando praticada por uma unidade política (BULL, 2002). Isso faz da guerra um ato político e traça uma linha divisória entre a morte infligida ao inimigo durante a guerra e o assassinato. Se uniformizado, agindo em nome do estado, o cidadão que tira a vida do semelhante é soldado; será classificado de assassino se, por conta própria, matar o seu próximo.

Há ainda outra condição para se classificar o ato de violência como guerra. É necessário que ele seja praticado por um estado contra outro, nesse sentido, a guerra é um ato conceitualmente internacional. Não se considera guerra a violência praticada pelo estado contra indivíduos (BULL 2002). Concluindo, podemos conciliar o que discutimos acima definindo a guerra como a tentativa de um estado submeter outro à sua vontade por meio da violência física.

## **2.7 O comércio**

*Comércio* é definido pelo Dicionário Houaiss da língua portuguesa (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 769) como “atividade que consiste em trocar, vender ou comprar produtos, mercadorias, valores etc., visando, num sistema de mercados, ao lucro; negócio”. A atividade comercial, ou seja, trocar, vender ou comprar é estimulada por nossa necessidade ou desejo de adquirir um bem pertencente a outrem. Quem vende deseja o lucro auferido com a venda e quem compra deseja usufruir os benefícios do produto. Uma vez que os desejos e as necessidades são inerentes ao homem e o intercâmbio de bens é um dos meios de satisfazer a esses desejos, o comércio, de alguma forma, é provavelmente uma prática tão antiga quanto os primeiros seres humanos.

Curtin (1984, p. 60) propõe que o início do comércio organizado se deu provavelmente por volta de quatro mil anos antes de Cristo, na Mesopotâmia. A alta fertilidade das terras que margeavam os rios Tigre e Eufrates, somada ao desenvolvimento de

um sistema de irrigação, proporcionou uma revolução agrícola. Isso liberou da agricultura cerca de 10% da população, que, dentre outras atividades, passaram a praticar a manufatura. É esse o contexto histórico do surgimento da primeira civilização urbana que provavelmente inaugurou o comércio organizado.

Nas economias primitivas, antes da criação da moeda, o comércio se dava por meio do escambo, ou seja, a troca de um bem ou serviço por outro. Em regra, a prática comercial nesse formato não encontra espaço na sociedade moderna. De modo geral, o comércio é viabilizado por meio de uma moeda. Os economistas definem moeda como “conjunto de ativos de uma economia que as pessoas usam regularmente para comprar bens e serviços de outras pessoas” e defendem que ela tem três funções: meio de troca – aquilo que os compradores dão aos vendedores quando desejam adquirir bens e serviços; unidade de conta – instrumento que as pessoas usam para anunciar preços e registrar débitos; e reserva de valor – aquilo que as pessoas usam para transferir poder aquisitivo do presente para o futuro (MANKIWI: 2001, p. 610-611).

A transação comercial envolve dois agentes, um indivíduo que cede um bem e outro que adquire esse bem mediante pagamento. O primeiro tem por objetivo auferir o maior lucro possível ao ceder o seu bem, o segundo objetiva adquirir esse bem pagando o menor valor possível. Normalmente a transação é consumada quando as duas partes envolvidas acreditam obter vantagem na operação.

Das considerações expostas a respeito de *política externa, guerra e comércio*, pode-se identificar três características comuns aos três conceitos. Em todos, percebe-se a interação entre pessoas que buscam, de alguma forma, atingir um objetivo. Na política, os Estados, através de seus representantes, buscam a manutenção ou mesmo o aumento do seu poder. Na guerra, os beligerantes buscam não apenas garantir a sobrevivência, mas também subjugar seu adversário. E no comércio, os envolvidos objetivam o maior benefício possível nas negociações.

### 3 POLÍTICA EXTERNA: SUA ESTRUTURAÇÃO A PARTIR DE GUERRA E COMÉRCIO

Nesta seção, descrevemos as etapas seguidas para a análise das metáforas e metonímias objeto desta investigação. A pesquisa foi desenvolvida em três fases: 1ª compilação dos textos; 2ª elaboração do *corpus*; 3ª análise dos dados. O *corpus* foi elaborado a partir de textos da seção *Internacional* da revista *Veja* disponíveis no sítio <http://veja.abril.com.br>. Escolhemos a revista *Veja* por ser de grande circulação e por ter grande aceitação nas diversas regiões do país; seus textos são compostos por conceitos e linguagem amplamente compartilhados nas diversas regiões brasileiras.

O *corpus* foi constituído de 58 enunciados com expressões linguísticas licenciadas pela metáfora POLÍTICA EXTERNA É GUERRA (anexo 3) e 41 enunciados com expressões licenciadas por POLÍTICA EXTERNA É COMÉRCIO (anexo 4). Os fragmentos de linguagem foram extraídos de 41 textos da seção *Internacional* da revista: 24 publicados no primeiro trimestre de 2009 e 17 publicados do terceiro trimestre do mesmo ano.

#### 3.1 Procedimentos

A nossa investigação pode ser detalhada nas seguintes etapas:

##### ***I. Da compilação dos textos***

Os textos compilados para efeito desta pesquisa foram acessados no sítio da revista *Veja* online (<http://veja.abril.com.br/>). O acesso foi realizado com a utilização de um software para navegação na internet denominado *Mozilla Firefox*. Na seção *Internacional* da revista, coletaram-se todos os textos referentes ao primeiro e terceiro trimestres do ano 2009: copiamos e colamos os textos no processador de texto *Microsoft Word 2002* em um só arquivo no formato txt; para salvar um arquivo txt no *Microsoft Word*, seleciona-se a opção “Texto sem formatação”. Abaixo, justificamos o motivo de salvar o arquivo nesse formato. Como dito anteriormente, o arquivo foi composto por 41 textos: 24 do primeiro trimestre e 17 do terceiro.

As etapas II e IV, que apresentamos a seguir, foram realizadas com o auxílio do software *WordSmith Tools*, versão 5.0. O software desenvolvido para a plataforma Windows é

uma suíte integrada de programas utilizados para analisar palavras em textos. Três ferramentas computacionais compõem o *WordSmith Tools*: o *Concord*, o *KeyWords* e o *WordList*. O *Concord* serve para localizar, em arquivos de texto, todas as ocorrências de uma sequência de caracteres que constituam, ou não, palavra; o *KeyWords* compara todas as palavras de um texto, para identificar e localizar as palavras-chave; o *WordList* é usado para gerar uma lista de palavras a partir de arquivos de texto. Neste trabalho, utilizamos a ferramentas *WordList* e *Concord*, respectivamente.

O software funciona com textos planos (plain texts), ou seja, textos sem recursos de formatação como itálico, negrito, fonte colorida etc. Essa é a razão de o arquivo ter sido salvo em formato txt, que é um dos tipos de arquivo de texto plano aceitos pelo *WordSmith*. A figura 3 a seguir ilustra a tela principal do *WordSmith Tools*, versão 5.0.

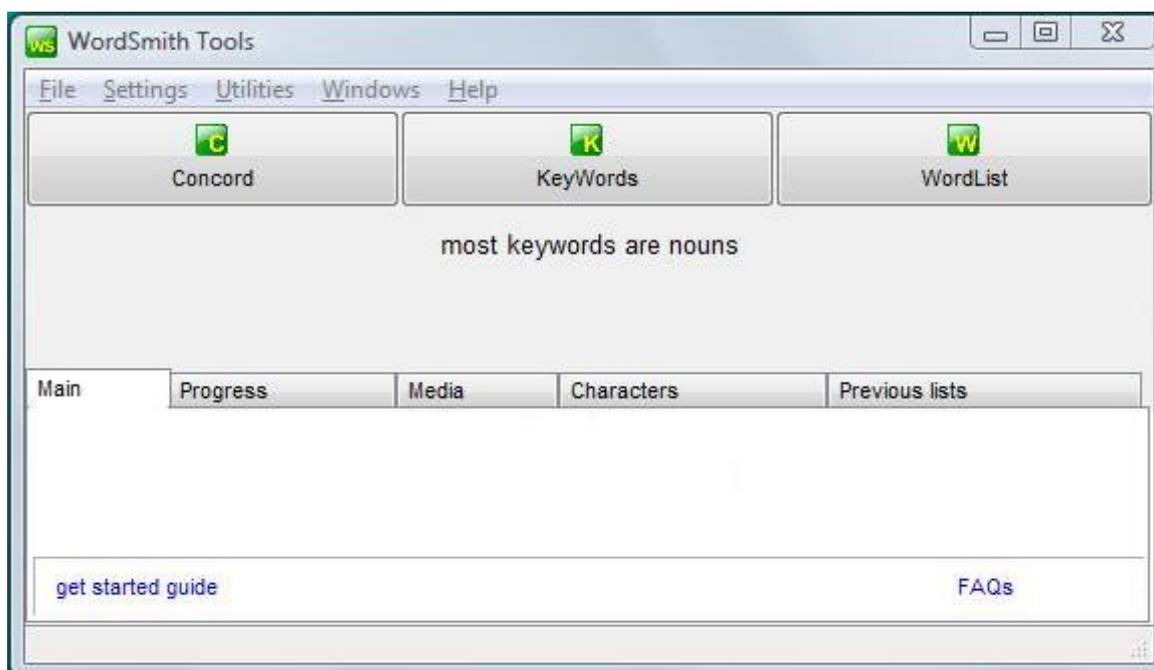


Figura 3: Ilustração da janela principal do *WordSmith Tools* 5.0

## ***II. Da listagem de todas as palavras dos textos***

Uma vez compilados os textos em um só arquivo, passamos à elaboração de uma lista de todas as palavras dos textos. Para essa tarefa, utilizamos a ferramenta *WordList*. Submetemos os textos para que a ferramenta gerasse a lista. Ao processar os textos, o aplicativo gerou uma lista de 3.473 palavras (anexo 1). Dessa lista, a palavra de maior número de ocorrência foi a preposição “de”, com 772 ocorrências. Vejamos a figura 4:

N	Word	Freq.	%	Texts	%	Lemma
1	DE	772	4.88	1	100.00	
2	O	556	3.51	1	100.00	
3	A	547	3.46	1	100.00	
4	QUE	399	2.52	1	100.00	
5	E	312	1.97	1	100.00	
6	DO	287	1.81	1	100.00	
7	EM	242	1.53	1	100.00	
8	DA	205	1.30	1	100.00	
9	COM	198	1.25	1	100.00	
10	PARA	184	1.16	1	100.00	
11	OS	157	0.99	1	100.00	
12	UMA	157	0.99	1	100.00	
13	NA	149	0.94	1	100.00	
14	UM	147	0.93	1	100.00	
15	NO	138	0.87	1	100.00	
16	NÃO	120	0.76	1	100.00	
17	PRESIDENTE	107	0.68	1	100.00	
18	AO	99	0.63	1	100.00	
19	SE	94	0.59	1	100.00	
20	DOS	93	0.59	1	100.00	
21	AS	92	0.58	1	100.00	
22	OBAMA	89	0.56	1	100.00	
23	POR	79	0.50	1	100.00	
24	GOVERNO	66	0.42	1	100.00	
25	MAIS	64	0.40	1	100.00	
26	É	62	0.39	1	100.00	
27	ESTADOS	59	0.37	1	100.00	
28	À	57	0.36	1	100.00	
29	FOI	56	0.35	1	100.00	
30	BRASIL	54	0.34	1	100.00	
31	DAS	54	0.34	1	100.00	
32	UNIDOS	53	0.33	1	100.00	
33	DIPLOMACIA	50	0.32	1	100.00	

Figura 4: Amostra da lista de palavras produzida com o *Wordlist*.

Conforme mostra a figura 4, na primeira coluna estão as palavras listadas pela ordem de frequência; na segunda coluna encontra-se o número de ocorrência de cada palavra nos textos.

### ***III. Da identificação das palavras do domínio-alvo POLÍTICA EXTERNA***

Da lista gerada na etapa anterior, identificamos as palavras pertencentes ao domínio-alvo POLÍTICA EXTERNA, domínio comum às duas metáforas em estudo. Não iniciamos as buscas a partir dos domínios-fonte por dois motivos. Primeiro, isso exigiria a difícil tarefa de intuirmos quais conceitos dos domínios GUERRA e COMÉRCIO atuariam na conceptualização de POLÍTICA EXTERNA (STEFANOWITSCH, 2006). Segundo, por serem dois domínios, a quantidade de conceitos seria bem maior, o que resultaria em um volume excessivo de dados.

Uma vez gerada a lista de palavras, selecionamos manualmente aquelas referentes aos agentes da POLÍTICA EXTERNA (domínio-alvo das metáforas em estudo) com mais de nove ocorrências (anexo 2). Isso além de evitar um procedimento manual excessivamente minucioso, poupou-nos da geração de um *corpus* demasiadamente extenso, o que inviabilizaria a análise dos dados. Nessa lista seletiva, foram incluídos adjetivos como “americano”, “israelenses”, “americana”. Optamos por iniciar a busca pelos agentes da política externa por entendermos que os contextos, além dos agentes, revelariam as ações, os instrumentos e os objetivos da política externa. Compõem a lista as seguintes palavras, ordenadas alfabeticamente:

AFEGANISTÃO	COREIA	IRAQUE	PAÍSES
AHMADINEJAD	DEMOCRATA	ISRAEL	PALESTINOS
AMERICANA	DIPLOMACIA	ISRAELENSE	PODER
AMERICANO	EMBAIXADA	ISRAELENSES	POLÍTICA
AMERICANOS	ESTADO	LÍDER	PRESIDENTE
BIDEN	ESTADOS	LÍDERES	RÚSSIA
BRANCA	EUA	LIEBERMAN	RUSSO
BRASIL	EUROPA	LULA	TEERÃ
BRASILEIRO	GAZA	MINISTRO	VICE
BUSH	GOVERNO	NAÇÕES	WASHINGTON
CHÁVEZ	HAMAS	OBAMA	ZELAYA
CHEFE	HONDURAS	ONU	
CHINA	IRÃ	ORIENTE	
CLINTON	IRANIANO	PAÍS	

### ***IV. Da identificação das expressões metafóricas e metonímicas***

A partir da lista seletiva de palavras, recorreremos ao *Concord* para localizar todos os contextos em que as palavras estavam inseridas. Dos contextos arrolados pela ferramenta, separamos aqueles em que havia expressões linguísticas licenciadas pelas metáforas POLÍTICA EXTERNA É GUERRA e POLÍTICA EXTERNA É COMÉRCIO (anexos 3 e 4), ou seja, selecionamos os contextos em que os conceitos de POLITICA EXTERNA eram referidos em termos de GUERRA ou

de COMÉRCIO; após excluirmos os contextos que não revelaram as metáforas em análise, restaram-nos 99 contextos: 58 com metáforas linguísticas relacionadas à POLÍTICA EXTERNA É GUERRA, e 41 com metafóricas vinculadas à POLÍTICA EXTERNA É COMÉRCIO. A Figura 5 ilustra como o *Concord* arrolou os contextos a partir das palavras selecionadas:

N	Concordance	Set	Tag	Word #	t
259	de 1.000 mortos e às vésperas de inaugurar um governo direitista linha-dura, o país está enfrentando a pior crise diplomática em décadas, segundo reportagem do	AIS		3,036	1
260	ica em décadas, segundo reportagem do jornal New York Times. O isolamento de Israel pode ser sentido nos mais diversos âmbitos, desde recentes protestos enfr	ELI		3,055	1
261	recentes protestos enfrentados por seus atletas no exterior até o fechamento da embaixada israelense na Mauritânia. As relações com importantes aliados como a T	DAI		3,076	1
262	rotostos enfrentados por seus atletas no exterior até o fechamento da embaixada israelense na Mauritânia. As relações com importantes aliados como a Turquia tam	SEI		3,077	1
263	bém estão estremeçadas. Tal situação tem provocado duas reações distintas em Israel. Em primeiro lugar, os que se preocupam com a crescente hostilidade do re	ELI		3,099	1
264	essão de que não importa o que façam, serão culpados por todos os problemas do Oriente Médio. O governo parece estar entre os primeiros, pois injetou 2 milh	TEI		3,139	1
265	porta o que façam, serão culpados por todos os problemas do Oriente Médio. O governo parece estar entre os primeiros, pois injetou 2 milhões de dólares no Mi	NOI		3,142	1
266	njetou 2 milhões de dólares no Ministério do Exterior para melhorar a imagem do país através da diplomacia informativa e cultural. "Enviaremos romancistas e esc	AIS		3,163	1
267	de dólares no Ministério do Exterior para melhorar a imagem do país através da diplomacia informativa e cultural. "Enviaremos romancistas e escritos famosos al	CAI		3,166	1
268	scritos famosos além-mar, companhias de teatro, exibições", afirmou Arye Mekel, vice-diretor geral do ministro para assuntos culturais, de acordo com o jornal	ICEI		3,183	1
269	ar, companhias de teatro, exibições", afirmou Arye Mekel, vice-diretor geral do ministro para assuntos culturais, de acordo com o jornal. "Dessa forma, mostramo	RQI		3,186	1
270	lturais, de acordo com o jornal. "Dessa forma, mostramos a face mais bonita de Israel, e não somos lembrados simplesmente no contexto da guerra". Após quatr	ELI		3,203	1
271	no contexto da guerra". Após quatro décadas de ocupação, algumas autoridades israelenses acreditam que o país precisa "reformular sua marca". "Quando mostram	ESI		3,220	1
272	pós quatro décadas de ocupação, algumas autoridades israelenses acreditam que o país precisa "reformular sua marca". "Quando mostramos Sderot, os outros veem Ga	AISI		3,224	1
273	o país precisa "reformular sua marca". "Quando mostramos Sderot, os outros veem Gaza", disse Ido Aharoni, chefe de uma equipe criada pelo Ministério do Exterior	ZAI		3,235	1
274	-sua marca". "Quando mostramos Sderot, os outros veem Gaza", disse Ido Aharoni, chefe de uma equipe criada pelo Ministério do Exterior para a missão. "Tudo é li	FEI		3,239	1
275	o do Exterior para a missão. "Tudo é ligado quando visto através do conflito. O país precisa se posicionar como uma personalidade atrativa, para fazer os que es	AISI		3,260	1
276	atrativa, para fazer os que estão de fora o enxergarem em toda sua realidade". Diplomacia África do Sul barra o Dalai Lama 23 de março de 2009 O governo d	CAI		3,281	1
277	idade". Diplomacia África do Sul barra o Dalai Lama 23 de março de 2009 O governo da África do Sul negou ao Dalai Lama um visto para entrar no país e part	NOI		3,295	1
278	2009. O governo da África do Sul negou ao Dalai Lama um visto para entrar no país e participar de uma conferência sobre paz e esporte, prevista para a próxim	AISI		3,309	1
279	nesburgo. De acordo com a imprensa local, a recusa foi motivada por pressões da China. Nesta segunda-feira, o arcebispo sul-africano Desmond Tutu cancelou sua i	INA		3,339	1
280	fricano Desmond Tutu cancelou sua ida ao evento em protesto contra a decisão do governo, que considerou "vergonhosa". Um porta-voz do governo negou que a dec	NIC		3,358	1
281	to contra a decisão do governo, que considerou "vergonhosa". Um porta-voz do governo negou que a decisão tenha tido qualquer relação com a China. Ela disse q	NOI		3,366	1
282	Um porta-voz do governo negou que a decisão tenha tido qualquer relação com a China. Ela disse que os organizadores simplesmente não queriam que nada tirasse	IIAI		3,376	1
283	ipará mais do evento. Já Nelson Mandela ainda não se pronunciou sobre o caso. O governo da África do Sul disse que "não enviou qualquer convite ao Dalai Lama pa	NOI		3,454	1
284	rica do Sul disse que "não enviou qualquer convite ao Dalai Lama para visitar o país" e, portanto, recusou a concessão do visto. Já o jornal Sunday Independe	AISI		3,471	1
285	da Cidade do Cabo, informou que o visto não foi concedido devido à oposição do governo Chinês. O jornal disse que o ministro conselheiro da Embaixada chinesa e	NOI		3,499	1
286	sto não foi concedido devido à oposição do governo Chinês. O jornal disse que o ministro conselheiro da Embaixada chinesa em Pretória, Dai Bing, declarou que Pa	RQI		3,506	1
287	vido à oposição do governo Chinês. O jornal disse que o ministro conselheiro da Embaixada chinesa em Pretória, Dai Bing, declarou que Pequim pediu à África do S	DAI		3,509	1
288	advertiu que visita do líder religioso prejudicaria as relações bilaterais dos países. Diplomacia Hillary quer conferência sobre o Afeganistão 5 de março	ESI		3,543	1
289	e visita do líder religioso prejudicaria as relações bilaterais dos países. Diplomacia Hillary quer conferência sobre o Afeganistão 5 de março de 2009.	CAI		3,544	1
290	elações bilaterais dos países. Diplomacia Hillary quer conferência sobre o Afeganistão 5 de março de 2009 AFP. A secretária de estado americana, Hill	ACI		3,560	1
291	r-conferência sobre o Afeganistão 5 de março de 2009 AFP. A secretária de estado americana, Hillary Clinton (foto), propôs nesta quinta-feira, em Bruxelas,	DCI		3,560	1
292	ção sobre o Afeganistão 5 de março de 2009 AFP. A secretária de estado americana, Hillary Clinton (foto), propôs nesta quinta-feira, em Bruxelas, que o	IIAI		3,564	1

Figura 5: Amostra dos contextos reunidos pelo *Concord* com base nas palavras selecionadas. Os contextos riscados não revelaram as metáforas em estudo.

Como o *WordSmith* não foi projetado para identificar expressões metafóricas, a seleção dos segmentos que constituíram o *corpus* se deu manualmente: analisamos cada contexto e eliminamos os que não evidenciaram as metáforas em estudo como por exemplo: “Obama conversará nesta terça com o premiê britânico, Gordon Brown”; “Um ataque aéreo israelense matou o ministro do Interior do Hamas, Saeed Seyyam, nesta quinta-feira na Faixa de Gaza”; “A partir daí, e das guerras com o Afeganistão e o Iraque, Bush deslocou o foco para o Oriente Médio”. Mesmo contendo palavras usadas na busca, os exemplos citados não apresentam expressões licenciadas pelas metáforas POLÍTICA EXTERNA É GUERRA e POLÍTICA EXTERNA É COMÉRCIO; no caso dos dois últimos contextos, fala-se em “ataque” e “guerra” em termos literais. As metonímias foram identificadas em seguida a partir dos mesmos contextos

selecionados.

### *V. Da descrição dos domínios*

Para descrever os domínios, identificamos os vocabulários referentes ao domínio-alvo POLÍTICA EXTERNA e aos domínios-fonte GUERRA e COMÉRCIO nos contextos selecionados na etapa anterior. De cada domínio, categorizamos os elementos em quatro grupos: AGENTES, AÇÕES, INSTRUMENTOS E OBJETIVOS, conforme exemplifica o quadro abaixo.

	<b>POLÍTICA EXTERNA</b>	<b>GUERRA</b>	<b>COMÉRCIO</b>
<b>AGENTES</b>	POLÍTICO	SOLDADO	NEGOCIANTE
<b>AÇÕES</b>	PROPOR	LUTAR	OFERTAR
<b>INSTRUMENTOS</b>	PLANO	TÁTICA	INVESTIMENTO
<b>OBJETIVOS</b>	ÊXITO	VITÓRIA	NEGOCIAÇÃO

Quadro 2: Classificação dos elementos dos domínios POLÍTICA EXTERNA, GUERRA e COMÉRCIO.

### *VI. Dos mapeamentos*

Identificamos os mapeamentos cotejando os conceitos dos três domínios para constatar quais elementos de GUERRA e COMÉRCIO estabeleciam correspondência metafórica com os elementos de POLÍTICA EXTERNA no *corpus*. Este procedimento nos possibilitou identificar as metáforas, submetáforas e metonímias estruturadas a partir do domínio-alvo POLÍTICA EXTERNA e dos domínios-fonte GUERRA e COMÉRCIO. Investigamos, nos mesmos contextos, os mapeamentos metonímicos que atuam juntamente com os mapeamentos metafóricos para a conceptualização de POLÍTICA EXTERNA. Exemplificamos, com o quadro 3 abaixo, como alguns elementos de GUERRA e COMÉRCIO são projetados em elementos de POLÍTICA EXTERNA.

	<b>GUERRA</b>	<b>POLÍTICA EXTERNA</b>	<b>COMÉRCIO</b>	<b>POLÍTICA EXTERNA</b>		
<b>AGENTES</b>	SOLDADO	→	POLÍTICO	NEGOCIANTE →	POLÍTICO	
<b>AÇÕES</b>	DEFENDER	→	PROPOR	OFERTAR	→	PROPOR
<b>INSTRUMENTOS</b>	ESTRATÉGIA	→	PLANO	INVESTIMENTO	→	EMPENHO
<b>OBJETIVOS</b>	VITÓRIA	→	ÊXITO	NEGOCIAÇÃO	→	PACTO

Quadro 3: Exemplos de mapeamentos de conceitos de GUERRA e COMÉRCIO em conceitos de POLÍTICA EXTERNA

### *VII. Da identificação da rede metafórica e metonímica*

Descritos os domínios e estabelecidos os mapeamentos, identificamos três redes de metáforas

– uma referente a POLÍTICA EXTERNA É GUERRA, uma referente a POLÍTICA EXTERNA É COMÉRCIO e outra referente às metonímias estreitamente ligadas as duas metáforas em discussão. Para apresentar graficamente as redes metafórica e metonímica, utilizamos o programa de computador *VYM for Windows*, versão 1.12.7.1.

## 3.2 Análise dos dados

### 3.2.1 Descrição dos domínios

#### 3.2.1.1 POLÍTICA EXTERNA<sup>28</sup>

No *corpus* analisado, o conceito ESTADO tem se apresentado como elemento central do domínio-alvo POLÍTICA EXTERNA. A expressão linguística “país” é usada constantemente em referência ao conceito. Nos contextos, a expressão não se refere apenas a território, região. “País”, usado com o sentido de “estado”, tem um significado amplo. Refere-se a estado politicamente organizado, constituído por um território definido, por um povo e por um governo que exerce soberania sobre seu território e seu povo. Relacionados a “país” (ou “nação”, palavra também presente nos textos com o mesmo sentido), os textos revelaram diversas expressões do campo semântico da política. São unidades linguísticas vinculadas aos conceitos ORGANIZAÇÕES INTERNACIONAIS – como a Organização das Nações Unidas (ONU), Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e ÓRGÃOS /AGENTES GOVERNAMENTAIS – como presidente, ministro, embaixada etc.

As organizações internacionais são instituições ou grupos dos quais um país (estado político) pode se tornar membro. São exemplos encontrados no *corpus* a ONU (Organização das Nações Unidas), a ALCA (Área de Livre Comércio das Américas), o NAFTA (Tratado Norte-Americano de Livre Comércio), a OTAN (Organização do Tratado Atlântico Norte). Além de referências a essas organizações internacionais, que são agentes da

---

<sup>28</sup> Nesta dissertação, as palavras grafadas em VERSALETE, indicam que estamos nos referindo ao conceito (ou domínio conceptual) representado pela palavra. Trata-se de uma convenção adotada no âmbito da Linguística Cognitiva.

política externa, os exemplos do *corpus* utilizam também expressões mais generalizantes como “demais países latinos”, “seus aliados”, “resto do mundo”, “potências mundiais”, dentre outros.

Se externamente um país pode aliar-se a outros, são as estruturas internas do estado – como as instituições administrativas, as autoridades políticas – que tornam possíveis essas alianças. O *corpus* expõe alguns elementos vinculados à estrutura interna do estado, dos quais são exemplos: GOVERNO, SEDE ADMINISTRATIVA, REPRESENTANTES GOVERNAMENTAIS. Estas unidades do domínio POLÍTICA EXTERNA são representadas linguisticamente por expressões como “governo”, “presidente” (que personifica o governo), “Washington”, “Casa Branca”, “Kremlin”, “Lula”, “Obama”, “o governo chinês”, dentre outros. O estado conta com um aparato complexo para exercer o poder político: os ministérios, as secretarias, as instituições governamentais etc. Vinculados aos órgãos governamentais, temos os servidores do estado que, ao exercerem seus cargos, são representantes legítimos do governo. O conjunto dos servidores obedece a uma hierarquia que se estende dos mais altos cargos do governo (presidente, primeiro-ministro, ministro das relações exteriores, embaixador, etc.) a cargos de menor prestígio.

Dessa forma, o conceito ESTADO se mostra como o mais predominante no domínio-alvo POLÍTICA EXTERNA. Nos textos, o domínio é representado pelo nome do país (EUA, Brasil, Rússia, Cuba etc.), pela sede política (Washington, Teerã, Kremlin) ou pelo representante político tais como presidente, ministro – há frequentes ocorrências dos próprios nomes das autoridades, como Obama, Chávez, Lula, Bush. As expressões ONU, OTAN, ALCA, também estão associadas ao conceito ESTADO, pois estas organizações são, na realidade, agrupamentos de estados politicamente organizados.

Das expressões do domínio POLÍTICA EXTERNA reveladas pelo *corpus*, percebemos que a maioria se relaciona com o conceito ESTADO. Mas não apenas isso: uma parcela significativa é constituída de conceitos que podem ser categorizados como sujeitos da política externa. A política externa é executada pelo Estado, através de seus representantes ou agentes políticos. São as ações políticas (e conseqüentemente seus agentes) que o *corpus* revelará como conceptualizados em termos de GUERRA e de COMÉRCIO.

### 3.2.1.2 GUERRA

Sendo a GUERRA um domínio que, como propõe nossa análise, conceptualiza POLÍTICA EXTERNA, convém tecermos algumas considerações a respeito desse domínio além das que já expusemos no capítulo anterior. O Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa (FERREIRA, 2004, p. 1014), dentre outras definições, conceitua guerra como: 1. Luta armada entre nações ou partidos; conflito; 2. Expedição militar; campanha; 3. Combate, peleja, luta, conflito.

A experiência do conflito, da peleja entre partidos discordantes (para usamos os termos do Aurélio) é provavelmente conhecida em todas as sociedades e culturas. Sabe-se que, entre os homens, a prática de atacar o semelhante para conquistar o seu espaço ocorre tanto em comunidades silvícolas como nas sociedades dominadoras das tecnologias mais avançadas. Ainda que não tenhamos experimentado a guerra *in loco*, desde muito cedo nos submetemos à experiência do conflito. Na infância, é costume disputarmos objetos com os colegas à base da força; já nas programações infantis de TV, as crianças são expostas a uma grande variedade de programas permeados por cenas de lutas: frequentemente protagonizadas pelos “heróis” dos telespectadores mirins.

As experiências presentes em nossa cultura são suficientes para nos prover de um conhecimento básico de guerra. Mesmo o conhecimento popular nos permite saber que uma guerra consiste na luta armada entre dois grupos (geralmente grupos militares). O objetivo de cada partido é derrotar o oponente, sofrendo o dano mínimo possível, para retirar-lhe algum bem valioso.

Para nossa investigação, que objetiva analisar a conceptualização de POLÍTICA EXTERNA a partir do conceito GUERRA, garimpamos no *corpus* as unidades lexicais associadas ao domínio GUERRA. Podemos categorizar as palavras relacionando-as a quatro grupos: ação, agente, instrumento/meio e alvo<sup>29</sup>. De fato, a guerra é baseada em *ações* realizadas por *agentes* que se utilizam de *instrumentos* para atingir um *alvo*. São exemplos de cada um destes grupos, respectivamente, *ataque*, *soldado*, *arma* e *adversário/vitória*.

Do vocabulário típico de ações de guerra, usado metaforicamente para conceptualizar POLÍTICA EXTERNA, os textos apresentam palavras como “defender”, “romper”, “atitudes agressivas”, “ameaças”, “forçar”, “enfrentar”, “advertência”, “ataques”, “combater”, “lutar”, “ameaçar”, “vitória”. Embora limitado, este grupo de palavras evidencia que a parcela majoritária das expressões linguísticas refere-se a ataque, agressão. Isto é totalmente coerente com o cenário da guerra: nos tempos modernos, mesmo a defesa em um combate não se

---

<sup>29</sup> Utilizamos a palavra “alvo” tanto no sentido de objeto de uma ação como no sentido de objetivo a ser alcançado.

associa mais à figura do escudo, outrora usado especificamente como proteção contra os golpes do inimigo. Atualmente, defender ou atacar são ações que se confundem. Quando Obama afirma, por exemplo, que Israel “tem o direito de se defender” dos ataques do Hamas, o presidente americano se refere à ofensiva militar do exército israelense à Faixa de Gaza. Quanto ao domínio GUERRA, verifica-se no *corpus* que palavras que expressam passividade são minoritárias.

Sabe-se que os agentes da guerra são, de uma maneira geral, integrantes de um exército cuja hierarquia inclui soldado, sargento, general, dentre outros. Esses vocábulos não aparecem no *corpus* como conceptualizadores do domínio POLÍTICA EXTERNA. Como vimos, a linguagem utilizada nos textos toma como base o domínio da GUERRA para abordar a POLÍTICA; portanto, encontraram-se agentes da política, metaforicamente conceptualizados como agentes de guerra.

São exemplos de instrumentos de guerra – ou seja, os meios utilizados para atingir o inimigo – mencionados nos textos: “poder”, “aliados”, “tática”, “estratégia”, “obstáculos”, “apoio tático”, “pressão”, “armadilha”. Todos são conceitos que de alguma forma se relaciona com o exercício da força. O *poder* é a própria força que pode ser ampliada quando usada em conjunto com *aliados* e otimizada quando se seguem *táticas* e *estratégias* adequadas.

O objetivo de qualquer exército em batalha é derrotar o exército inimigo. Na guerra, cada exército é alvo dos ataques do outro. No *corpus*, percebemos a predominância de palavras relacionadas às ações de guerra (atacar, defender, lutar). Mas o mesmo *corpus* não revelou ocorrência dos sujeitos/agentes dessas ações, como já mencionamos. As ocorrências de expressões ligadas aos instrumentos e aos alvos da guerra foram bem limitadas.

### 3.2.1.3 COMÉRCIO

A primeira acepção atribuída a “comércio” pelo dicionário Aurélio (FERREIRA, 2004, p.504) é: permutação, troca, compra e venda de produtos ou valores; mercado, negócio, tráfico. O domínio COMÉRCIO é bem menos complexo do que o domínio GUERRA. A realização do comércio pode ser representada por um esquema bastante simples: os comerciantes interagem em uma permuta na qual um concede um produto e o outro, o pagamento pelo mesmo. O vendedor busca o maior lucro possível, o comprador, o melhor produto pelo menor

preço possível. Os dois têm um objetivo em comum: conseguir o máximo de vantagens com a permutação, compra ou venda.

Da mesma forma que o *corpus* não apresenta unidades lexicais referentes aos agentes da guerra, não revela expressões linguísticas referentes aos agentes (vendedor e comprador) do domínio COMÉRCIO. Como já mencionado, os textos têm como domínio-alvo POLÍTICA EXTERNA. São, literalmente, os agentes da política que serão conceptualizados a partir de conceitos do domínio COMÉRCIO.

Expressões como “negociar”, “dialogar”, “proposta”, “cobrar”, “investir”, “conversar” são exemplos de vocábulos do domínio COMÉRCIO relacionados às ações do comerciante. Já “acordo”, “troca”, “tratado” dizem respeito aos objetivos das pessoas envolvidas em uma negociação. O número de ocorrência destas palavras é bastante expressivo no *corpus*.

### 3.2.2 Mapeamentos metafóricos

Os mapeamentos metafóricos, como discutimos no capítulo 2, são correspondências conceituais entre os elementos do domínio-fonte e os elementos do domínio-alvo. O mapeamento é representado mnemonicamente pela estrutura DOMÍNIO-ALVO É DOMÍNIO-FONTE. Trata-se de correspondência sistemática entre entidades dos dois domínios (Lakoff, 2006).

Nesta seção, nosso objetivo é responder a questão de pesquisa *Quais elementos do domínio-fonte GUERRA mapeiam o domínio-alvo POLÍTICA EXTERNA?* Obviamente, a resposta a essa pergunta não pode contemplar todos os elementos dos domínios. Nossa pesquisa tem como base um *corpus* de limite espaço-temporal; restringe-se a um número limitado de textos de uma revista específica, publicados em períodos específicos.

#### 3.2.2.1 Mapeamentos de POLÍTICA EXTERNA É GUERRA

Dos elementos do domínio-fonte GUERRA que mapeiam elementos do domínio-alvo POLÍTICA EXTERNA, selecionamos, inicialmente, aqueles mais salientes, ou seja,

escolhemos as unidades conceptuais mais proeminentes do domínio GUERRA. Abaixo reproduzimos os segmentos dos textos em que há expressões linguísticas licenciadas pela metáfora POLÍTICA EXTERNA É GUERRA; identificamos como o domínio-alvo é mapeado pelo domínio-fonte para finalmente propor uma lista das correspondências conceptuais.

1:

*Ao buscar renovar a diplomacia com o Irã, o democrata cumpre um compromisso de campanha de **dialogar com os adversários de Washington**. No discurso de posse, em 20 de janeiro, **ele prometeu estender a mão ao mundo muçulmano**.*

Veja online 20/03/2009

A política externa entre o Irã e os EUA é marcada pela discórdia. São países de orientação política oposta. O principal aliado dos Estados Unidos no Oriente Médio é o principal inimigo do Irã: Israel. Para a política externa americana, o Irã é um dos “adversários de Washington” com quem Obama prometeu “dialogar”. No âmbito da política externa, os países de orientações políticas diferentes, veem-se como inimigos. O conflito se dá porque os objetivos de um não são compatíveis com os objetivos do outro, sendo assim, a tentativa de um país atingir seus alvos redundando no prejuízo do outro. A expressão linguística “adversários de Washington”, no exemplo 1, revela a conceptualização Oponentes Políticos São Adversários, ou seja, o Oponente na política corresponde ao Adversário, Inimigo na Guerra. Ainda, a expressão “estender a mão” está em conformidade com a correspondência metafórica mencionada: o gesto de apertar a mão, no contexto da guerra, simboliza a reconciliação entre inimigos, o restabelecimento da paz.

2:

*Ao mesmo tempo em que prometeu que Washington vai consultar e ouvir mais seus **aliados**, ele disse que o país também vai pedir mais destes, por exemplo aceitando detentos da prisão militar de Guantánamo, em Cuba, que Obama pretende fechar dentro de um ano.*

Veja online 07/02/2009

3:

*Em seu primeiro encontro com um líder europeu desde que assumiu a Presidência, Obama conversará nesta terça com o premiê britânico, Gordon Brown. O premiê pretende formar uma **aliança** que resulte em um novo New Deal mundial para reativar a economia. Segundo uma fonte de Downing Street, a reunião de Brown e Obama irá focar em medidas para estimular a economia mundial, na situação do Afeganistão, nas mudanças climáticas e no Oriente Médio.*

Veja online 03/03/2009

4:

*Ao menos, diz Marconini, seria sensato se os EUA fizessem uma **aliança** com o Brasil para fazer do etanol uma commodity e criar para ele um mercado mundial.*

Veja online 20/01/2009

O termo “aliança” é usado frequentemente no contexto de guerra. Nos

enfrentamentos militares, é costumeiro exércitos diferentes aliarem-se para combater um inimigo comum. Na Segunda Guerra, por exemplo, a União Soviética, a Grã-Bretanha e os Estados Unidos compuseram a *aliança* que derrotou a Alemanha, esta tinha como *aliados* a Itália e o Japão. Nos exemplos 2, 3 e 4, verifica-se que mesmo não havendo guerra literal, a aproximação política entre os países é referida como ‘aliança’. O exemplo 2 tem como contexto um artigo que relata o recém-eleito vice-presidente americano defendendo um redirecionamento da política dos Estados Unidos. O vice-presidente Biden reprova a política belicosa do ex-presidente Bush e, como diz o texto, “buscou virar a página sobre a invasão do Iraque em 2003”. Os “aliados”, a quem “Washington vai consultar e ouvir mais”, não são cooperadores dos EUA em campo de batalha, são países cuja política externa se harmoniza com a política externa dos Estados Unidos. Uma das críticas que se fez aos EUA (exaustivamente exposta pela mídia) quanto à invasão do Iraque foi a de que os americanos decidiram unilateralmente atacar o Iraque, mesmo sem a aprovação e o apoio da maioria de seus “aliados”. No contexto da grande crise econômica mundial, iniciada em 2008 com a crise imobiliária americana, o governo da Grã-Bretanha busca agir conjuntamente com os Estados Unidos para “reativar a economia”, como consta no exemplo 3. O texto se refere a essa ação conjunta em termos de “aliança”. O “inimigo” a ser combatido pelos dois governos é a crise econômica mundial. É uma aliança metafórica no sentido de não se referir a combate militar. No exemplo 4, fala-se que “seria sensato se os EUA firmassem uma aliança com o Brasil para fazer do etanol uma commodity [...]”. Essa “aliança” seria semelhante à mencionada no exemplo anterior, entre os EUA e a Inglaterra. O propósito dessa ação conjunta do Brasil como os Estados Unidos é igualmente de caráter econômico. A parceria entre os dois países teria finalidade econômica e estratégica, por se tratar da produção de etanol, uma fonte de energia renovável.

As expressões contidas nos exemplos 2, 3, e 4 são licenciadas pela metáfora COOPERADOR POLÍTICO É ALIADO DE GUERRA. Em nenhum dos segmentos acima há referência à guerra literal. Nas expressões linguísticas presentes nos exemplos, identifica-se a submetáfora COOPERADOR POLÍTICO É ALIADO DE GUERRA subordinada à metáfora principal POLÍTICA EXTERNA É GUERRA.

5:

*De seu lado, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva também variou o alvo. Com uma agenda Sul-Sul, voltada a países emergentes, e de diversificação dos destinos das exportações, Lula passou a estabelecer parcerias comerciais com países da América Latina e da África, entre outros, e as relações com os EUA caíram a segundo plano.*

Neste exemplo, os países do sul (ou seja, os emergentes) tornaram-se prioridades para a diplomacia do governo Lula. Ao se verificar o contexto de onde o exemplo foi extraído, constata-se que o distanciamento político do Brasil em relação aos EUA se deu após o país do norte, então governado pelo presidente Bush, ter priorizado ações diplomáticas no oriente médio. O ‘também’ seguido do ‘variou o alvo’ sinaliza que tanto o Brasil como os EUA variaram o alvo. ‘Alvo’ aqui é o destino das ações políticas no campo das relações internacionais. A política externa do governo Lula teve, como uma de suas marcas, certo distanciamento dos Estados Unidos e uma aproximação dos países em desenvolvimento (geralmente localizados ao sul da linha do equador). O texto se refere a esses novos aliados do governo Lula em termos de “alvo”. A ação do presidente é correlacionada à ação de um atirador. O submapeamento é DESTINO/ALVO DE AÇÕES POLÍTICAS É ALVO DE GUERRA.

6:

*Durante o discurso de Ahmadinejad, os manifestantes exibiam cartazes com os tradicionais ataques do tipo **Morte à América** e **Morte a Israel**." Inúmeros manifestantes também exibiam uma faixa com a inscrição: 30 anos de liberdade e 30 anos de orgulho."*

Veja online 10/02/2009

7:

*Lula tem na política o **instinto matador** que caracteriza os grandes artilheiros do futebol tão admirados por ele. Na semana passada, essa habilidade abandonou o presidente da República. Ele esteve em Nova York para discursar na abertura da 64ª Assembleia Geral da ONU, palco privilegiado para fazer o que ele mais gosta e faz como poucos, enaltecer o Brasil aos olhos do mundo. Em sua fala Lula assinalou os avanços no uso de energias limpas no Brasil e mesmerizou os burocratas internacionais com **ataques à caricatura do mercado onipotente**.*

Veja online 26/09/2009

8:

*Recebemos favoravelmente a vontade do presidente americano de deixar de lado as diferenças do passado, mas o meio para alcançar isto não é pedir ao Irã que esqueça unilateralmente a **atitude agressiva dos Estados Unidos no passado**," declarou Ali Akbar Javanfekr, conselheiro de imprensa do presidente Mahmud Ahmadinejad.*

Veja online 20/03/2009

No sistema metafórico de POLÍTICA EXTERNA COMO GUERRA, a manifestação de oposição política é conceptualizada como ataque. No exemplo 6, as armas dos “ataques” são inscrições em cartazes com os quais o povo iraniano manifesta protesto aos EUA e a Israel. O ataque não é literal, as “armas” não são fuzis, canhões, metralhadoras – são frases impressas em cartazes expostos numa manifestação de natureza política; já no exemplo 7, os “ataques” estavam no discurso do presidente Lula na 64ª Assembleia Geral da ONU (como consta no contexto). O contexto revela que os ataques eram críticas do presidente Lula “à caricatura do mercado onipotente”. Após o Brasil ter enfrentado a crise econômica mundial com sucesso, Lula sentiu-se autorizado a defender a intervenção do estado na economia, “atacando” os defensores do liberalismo econômico. O exemplo traz ainda a expressão “instinto matador”

caracterizando Lula. Essa expressão é licenciada pela conceptualização de POLÍTICO como SOLDADO. Nos dois casos, exemplos 6 e 7, a simples manifestação verbal de oposição é compreendida em termos de ATAQUE.

Caso semelhante desse mapeamento encontra-se no exemplo 8. A oposição política dos Estados Unidos em relação ao Irã é compreendida como AGRESSÃO, como evidencia a expressão ‘atitude agressiva dos Estados Unidos’. Os EUA não agridem literalmente o Irã, a expressão não diz respeito a ações bélicas. A ‘guerra’ entre os dois países é política: traduz-se nos esforços americanos para que a OMC imponha sanções econômicas ao Irã, na aproximação política entre os EUA e Israel – principal inimigo do Irã, na pressão que outros países – influenciados pelos EUA – exercem sobre o Irã, no apoio dos americanos ao Iraque na guerra Irã-Iraque. Mesmo neste último caso, não há agressão literal dos EUA para com o Irã. A conceptualização metafórica, aqui, é: OPOSIÇÃO POLÍTICA É ATAQUE/AGRESSÃO.

9:

*O governo Obama vai trabalhar com as Nações Unidas para **combater o terrorismo e outros grandes desafios** globais, afirmou a embaixadora dos Estados Unidos na organização, Susan Rice, na quinta-feira, deixando claro o rompimento em relação às políticas do presidente George W. Bush, de isolamento em relação à entidade.*  
Veja online 13/08/2009

O governo Bush atribuiu, convenientemente, um sentido literal a expressão “guerra ao terrorismo”, tão utilizada após o 11 de setembro, para justificar o envio de tropas ao Afeganistão e ao Iraque. O sentido literal de “combater” se realiza quando se trata de dois exércitos inimigos em um campo de batalha definido. “Terrorismo” não é exército, não é tropa. O substantivo *abstrato* “terrorismo” consiste em um sentimento e nas ações que o cria, como afirma Lakoff (2005). No exemplo, fala-se em combater não só o terrorismo, mas também “outros desafios globais”; isso, a nosso ver, é evidência suficiente de que se trata de sentido metafórico, não se combate “desafios” literalmente, com envio de soldados armados com fuzis, metralhadoras, granadas etc. Por conveniência estratégica, os EUA atribuíram sentido literal ao que era figurativo e enviaram tropas reais, de soldados reais para “combater” um inimigo metafórico, os soldados americanos combateram em território afegão (e depois iraquiano), mas diante das metralhadoras americanas não havia a presença de tropas inimigas formalizadas. Além do mais, a guerra acontece entre estados políticos, soberanos, que se reconhecem como tais, entre exércitos que representam suas nações – na “guerra contra o terrorismo” há apenas um estado político representado por suas tropas: os Estados Unidos. Nesse contexto, não podemos atribuir a “combater” um sentido literal, para isso teríamos que

aceitar, como literal, enunciados como “A captura de Bin Laden seria um tiro no coração do terrorismo”. A relação conceptual evidenciada no exemplo 9 é COMBATE POLÍTICO É COMBATE DE GUERRA.

10:

*O Itamaraty divulgou uma nota em que afirma “deplorar” os ataques israelenses à Faixa de Gaza, além de considerar “desproporcional” a resposta de Israel aos foguetes lançados pelo Hamas contra o território judeu. Além de pedir trégua imediata, o **Brasil tem defendido** a realização de uma reunião entre líderes mundiais para restabelecer a paz na região.*

Veja online 06/01/2009

11:

*Para ele, é difícil que Obama venha a **defender o livre comércio** como um republicano, já que se elegeu com o apoio dos sindicatos, que buscam proteger empregos.*

Veja online 20/01/2009

12:

*O presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, pediu nesta quarta-feira uma “nova era de comprometimento” dos líderes mundiais e prometeu trabalhar com os outros países **enquanto defende os interesses dos Estados Unidos**.*

Veja online 23/09/2009

13:

*Mas a pressão internacional cresce para o restabelecimento da ordem constitucional. Os 106 países da Comunidade de Democracias **defenderam** o retorno imediato da ordem constitucional em Honduras, anunciou em Lisboa o chefe da diplomacia espanhola, Miguel Angel Moratinos, após uma reunião da organização.*

Veja online 12/07/2009

14:

*O presidente dos EUA, **Barack Obama, defendeu** nesta quinta-feira a ofensiva militar de Israel na Faixa de Gaza, lançada em reação aos ataques com foguetes do grupo radical islâmico Hamas contra o território israelense.*

Veja online 22/01/2009

15:

*Amorim participa de uma audiência na comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional (CRE) do Senado. **O chanceler voltou a defender a posição do governo brasileiro**, que aceitou refugiar o presidente deposto Manuel Zelaya na Embaixada do Brasil em Tegucigalpa.*

Veja online 29/09/2009

“Defender” pertence ao domínio conceptual de GUERRA. Na guerra, defender-se é resguardar-se dos ataques do inimigo, a defesa bem sucedida é a garantia da sobrevivência. A defesa pode ser representada por instrumentos de proteção como o capacete e o escudo. No entanto, em seu uso metafórico “defesa” ganha sentidos diversos ao conceptualizar POLÍTICA EXTERNA. No exemplo 10, “o Brasil tem defendido” refere-se aos esforços diplomáticos brasileiros que visam articular ação conjunta dos líderes mundiais para por fim ao conflito entre israelenses e palestinos. “Defender”, nesse contexto, não tem o sentido de proteção que, em seu uso literal, geralmente tem. A primeira definição que o Aurélio (FERREIRA, 2004, p. 609) oferece para o verbo é “prestar socorro ou auxílio a; proteger, amparar”. “Defender”, no

exemplo, significa mobilizar-se para atingir um objetivo.

O verbo apresenta sentido semelhante no exemplo 11 e no 12. “Defender o livre comércio”, é o que a diplomacia ianque tentou fazer, segundo seus interesses, com a criação da ALCA. Defender o livre comércio no âmbito da ALCA equivale a forçar\* os países latino-americanos a abrirem seus mercados para os produtos americanos. Empenhar-se em “defender o livre comércio”, segundo o texto, é o que não se deve esperar do governo Obama. Compreende-se EMPENHO, ESFORÇO POLÍTICO em termos de DEFESA. “Defender” em “Obama defende os interesses dos Estados Unidos” significa que o presidente americano exercerá esforços para implementar sua política externa nas mais variadas regiões de influência dos EUA. No texto de onde o exemplo foi retirado, a reportagem informa que Obama “pediu que o resto do mundo atue\* em conjunto com os Estados Unidos ante os desafios globais”. Neste contexto, “defender” concentra dupla metafóricidade: primeiro por não se referir à guerra literal, segundo, por não ter o sentido passivo que a palavra geralmente apresenta em seu uso literal; “defender”, nesse contexto, curiosamente tem aproximação semântica a ‘atacar’, já que se trata de atingir objetivos, muitas vezes pela coerção.

O exemplo 13 é ainda mais explícito. Nele, “defender” é expressão alternativa para “pressionar”, “exigir”. Pelo próprio contexto fornecido no exemplo, constata-se que havia uma pressão da comunidade internacional para o restabelecimento da ordem política em Honduras.

No exemplo 14, onde se lê que “Obama defendeu” “a ofensiva militar de Israel na Faixa de Gaza”, “defender” é usado com o sentido de “justificar”, “sustentar com argumentos”, “apoiar”. Segundo o texto, para Obama, “Israel tem o direito de se defender<sup>30</sup>” dos ataques do Hamas. Conceptualização semelhante encontra-se no exemplo 15, segundo o qual Celso Amorim “voltou a defender a posição do governo brasileiro” em relação ao refúgio oferecido pela embaixada brasileira a Zelaya. Neste contexto, “defender” também significa “justificar”.

O conceito DEFENDER mapeia elementos diversos do domínio POLÍTICA EXTERNA. Com base nos exemplos acima sugerimos os seguintes submapeamentos a partir de DEFENDER: APOIAR/JUSTIFICAR É DEFENDER; PROMOVER É DEFENDER e PRESSIONAR/EXIGIR É

---

\* grifo nosso

<sup>30</sup> Em “Israel tem o direito de se defender”, “defender” é usado no contexto de guerra literal, o conflito entre Israel e o Hamas. Mesmo assim, apresenta metafóricidade. A defesa de Israel em relação ao Hamas consistiu literalmente no lançamento de mísseis israelenses em alvos palestinos. Nesse sentido DEFENDER pode conceptualizar ATACAR. O “defender” que afirmamos conceptualizar POLÍTICA EXTERNA não é esse atribuído a Israel. Nosso foco, aqui, o “defender” usado no sentido de “justificar” cujo sujeito é Obama.

DEFENDER.

16:

*Hatoyama poderia bem se entender com o presidente americano, com quem compartilha a ambição de **lutar contra a mudança climática** e renunciar às armas nucleares.*

Veja online 30/08/2009

17:

*Obama salientou que os próximos 12 meses serão fundamentais nos esforços para fortalecer as medidas contra as armas nucleares, e prometeu **lutar** por um mundo sem elas.*

Veja online 23/09/2009

A luta, em seu sentido literal, consiste num combate físico entre dois adversários. Por meio da força física ou de alguma espécie de arma, dois oponentes se enfrentam e cada um tem por objetivo derrotar o outro. LUTA se insere indubitavelmente no domínio GUERRA. Evidentemente, o sentido da palavra nos exemplos 16 e 17 não é literal. No segmento, o sentido é de exercer um esforço com o propósito de atingir um objetivo, refere-se ao empenho para mudar uma situação indesejada. Na política, a mobilização para mudar uma situação que se considera desfavorável é concebida como LUTA. No exemplo 16, o motivo de preocupação, a situação indesejada é a mudança climática. O primeiro ministro japonês, Hatoyama, pretende “lutar contra a mudança climática” juntamente com os Estados Unidos. É uma luta metafórica, cujas armas não são fuzis, granadas, canhões. A suposta aliança Japão-EUA, neste caso, não tem propósitos militares. O exemplo 17 acrescenta mais um “inimigo” contra o qual se deve lutar: as armas nucleares. Portanto, LUTAR NA POLÍTICA É LUTAR NA GUERRA.

18:

*Na Assembleia Geral da ONU, em rompante, Lula chegou a dar ultimato ao governo de Honduras. Vai mandar os Fuzileiros Navais? **Seria a suprema vitória de Chávez na armadilha que armou para Lula.***

Veja online 25/09/2009

A “vitória de Chaves” não é literal, não se trata de guerra, ou jogo. No exemplo, “vitória” corresponde a êxito político, representaria a realização de uma meta da política externa chavista, que seria criar uma situação de embaraço para o presidente Lula. A “guerra” é política, não militar. E é nesta “guerra” que Hugo Chaves “arma cilada para Lula”, segundo o texto. Podemos contar com dois submapeamentos de POLÍTICA EXTERNA É GUERRA, neste segmento: VITÓRIA POLÍTICA É VITÓRIA DE GUERRA e ARMADILHA NA POLÍTICA É ARMADILHA NA GUERRA.

19:

*Qualquer regime minimamente antiamericano conta com o **apoio tático** do governo brasileiro - ainda que esteja envolvido em genocídio, como o do Sudão, ou tratado como pária mundial, como o Irã.*

Veja online 25/09/2009

O Dicionário Houaiss (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 2677) define *tática* como

“arte de dispor e manobrar as tropas no campo de batalha para conseguir o máximo de eficácia durante um combate”. A expressão *apoio tático* empregada no exemplo não se refere à luta armada literal. A diplomacia brasileira tem a reputação de sempre priorizar meios pacíficos para atingir seus objetivos na política externa (CERVO, 1994, p. 26). As últimas participações do Brasil em campo de batalha aconteceram na Segunda Guerra, de forma modesta, e na Guerra do Paraguai, ainda no período imperial (CERVO; BUENO, 2002). Conforme o contexto de onde o exemplo foi extraído, o apoio tático mencionado diz respeito à aproximação política do Brasil com países politicamente distantes dos Estados Unidos como Irã, Sudão, Venezuela. Nenhum desses países, e muito menos o Brasil, está literalmente em guerra contra os Estados Unidos. A expressão *apoio tático* é, na verdade, uma referência a apoio político. O mapeamento metafórico é APOIO POLÍTICO É TÁTICA DE GUERRA

Sintetizando, os elementos conceptuais do domínio GUERRA mapeiam os elementos conceptuais do domínio POLÍTICA EXTERNA da seguinte maneira, conforme os exemplos acima:

- Oponentes políticos são adversários
- Cooperador político é aliado de guerra
- Destino/alvo de ações políticas é alvo de guerra
- Político é soldado
- Oposição política é ataque / agressão
- Combate político é combate de guerra
- Apoiar/justificar é defender
- Promover é defender
- Pressionar/exigir é defender
- Lutar na política é lutar na guerra
- Vitória política é vitória de guerra
- Armadilha política é armadilha de guerra
- Apoio político é tática de guerra

Demonstramos que existem correspondências sistemáticas entre os domínios POLÍTICA EXTERNA e o domínio GUERRA. A sistematicidade nas projeções de elementos do domínio-fonte para o domínio-alvo é uma característica peculiar à metáfora. Propomos que as correspondências conceptuais identificadas nos exemplos acima podem ser agrupadas em quatro metáforas superordenadas, quais sejam: AGENTES DA POLÍTICA SÃO AGENTES DA GUERRA; AÇÕES DA POLÍTICA SÃO AÇÕES DA GUERRA; MEIOS DA POLÍTICA SÃO MEIOS DA GUERRA e FINALIDADES DA POLÍTICA SÃO FINALIDADES DA GUERRA.

### 3.2.2.2 Mapeamentos de POLÍTICA EXTERNA É COMÉRCIO

Nesta seção, veremos o que a análise do *corpus* revela sobre quais elementos conceptuais de COMÉRCIO são usados na nossa compreensão e, conseqüentemente, na nossa linguagem de POLÍTICA EXTERNA. Como na seção anterior, selecionamos, aqui, os exemplos em que os elementos do domínio COMÉRCIO apresentam maior saliência.

20:

*Ele [Barack Obama] acrescentou, ainda, que vai buscar um novo **acordo com a Rússia** para a redução de armas nucleares e disse que os países que se recusarem a cumprir as determinações do tratado de não proliferação de armas nucleares devem sofrer conseqüências.*

Veja online 23/09/2009

21:

*Israel rejeitou nesta segunda-feira qualquer **acordo de paz com os palestinos**<sup>31</sup> que seja imposto pela comunidade internacional. A posição foi apresentada pelo ministro das Relações Exteriores israelense, o ultradireitista Avigdor Lieberman, em entrevista a uma rádio estatal do país.*

Veja online 13/07/2009

22:

*Segundo Lieberman, o acordo passa necessariamente pela aprovação de Israel. “Um **acordo de paz** não pode vir a não ser por negociações diretas e não pode ser imposto” respondeu o chanceler..*

Veja online 13/07/2009

23:

*O presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, sugeriu ao presidente russo, Dmitri Medvedev, **um acordo de interromper a instalação do escudo antimísseis americano na Europa em troca da ajuda de Moscou para frear as ambições nucleares iranianas. A proposta** foi feita na forma de uma carta confidencial, entregue a Medvedev por altos funcionários do governo há três semanas, informa o jornal New York Times.*

Veja online 03/03/2009

No exemplo 20, o objetivo do presidente americano é que os Estados Unidos cheguem a um comprometimento mútuo com a Rússia para a redução de armas nucleares. O acordo não é literalmente comercial. Tem a finalidade política de os países reduzirem suas armas nucleares. Esse pacto entre dois ou mais países com vistas a alcançarem um objetivo comum, em que supostamente há vantagens para todos, é conceptualizado como ACORDO. “Acordo” é um vocábulo que integra o léxico de “comércio”. Metaforicamente – atuando na

---

<sup>31</sup> A adequação do exemplo à análise poderia ser questionada sob o argumento de que a Palestina não é um Estado formalmente constituído, já que não possui território definido nem governo internacionalmente reconhecido. O exemplo, conseqüentemente, não concerniria à política externa. O nosso entendimento é de que isso não compromete o teor da análise. O texto alude ao conflito Israel-Palestina, mas uma situação idêntica existe entre a Índia e o Paquistão, que também disputam por território – no caso a Caxemira. O texto poderia, portanto, versar sobre uma “acordo de paz” entre a Índia e o Paquistão.

conceptualização de POLÍTICA EXTERNA como COMÉRCIO – ACORDO COMERCIAL mapeia COMPROMETIMENTO/PACTO POLÍTICO.

Os exemplos 21 e 22 também trazem o conceito ACORDO e corrobora nossa afirmação de que PACTO POLÍTICO é compreendido em termos de ACORDO COMERCIAL. Os dois exemplos dizem respeito à tentativa de um acordo de paz entre Israel e a Palestina. Nos contextos em questão, o acordo não é objeto de negociações comerciais, é um acordo de natureza política. O “produto” a ser adquirido nas negociações é a paz. Sabe-se que as hostilidades entre os dois povos se dá devido à insatisfação da partilha territorial entre eles. Tanto os israelenses como os palestinos desejam o mesmo espaço geográfico integrado ao seu estado. Nessa disputa pelo mesmo território, cada uma das partes “vende” a paz, por esse ou aquele pedaço de terra. Nessa negociação, a paz é a “mercadoria” e o “território” é o preço que se paga por ela. O conflito continua porque nenhum dos povos se dispõe a pagar o “preço” pela paz. As expressões linguísticas metafóricas dos exemplos são licenciadas pela metáfora POLÍTICA EXTERNA É GUERRA e, mais precisamente, pela submetáfora PACTO POLÍTICO É ACORDO COMERCIAL.

O exemplo 23 apresenta outros conceitos de COMÉRCIO que se projetam em POLÍTICA EXTERNA: TROCA e PROPOSTA. A “proposta” da diplomacia americana ao governo russo consiste em os Estados Unidos desistirem do seu projeto de construir um escudo antimíssil na Europa e “em troca” a Rússia atuaria em conjunto com os americanos para conter o acesso do Irã à tecnologia nuclear. Em suma, RETRIBUIÇÃO POLÍTICA É TROCA e PROPOSTA POLÍTICA É PROPOSTA COMERCIAL.

24:

*Obama pretende afastar as hostilidades ao Irã mantidas pela administração de George W. Bush. Entretanto, o documento deve cobrar de Teerã o fim do patrocínio ao terrorismo em várias partes do Oriente Médio, como Iraque e Faixa de Gaza.*

Veja online 29/01/2009

25:

*“O mundo não pode esquecer o que aconteceu no ano passado. A lógica de que o mercado ia resolver tudo, falhou. O estado não pode abrir mão de ser o indutor. Tivemos que induzir mais dinheiro na produção. Se não existe o estado, as coisas não funcionam com a facilidade que alguns imaginavam que iam funcionar. Vamos cobrar que cada país faça sua parte para que a crise não resulte no sofrimento dos mais pobres”*

Veja online 07/09/2009

Dentre as definições proposta pelo Houaiss (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 747) para o verbo “cobrar”, encontram-se: “fazer com que seja pago”, “reclamar a paga”. Recebemos mensalmente faturas para o pagamento dos serviços que nos são prestados: fornecimento de energia e de água, telefone, condomínio, dentre tantos outros. Quando o pagamento não é efetuado, recebemos cobrança para que o façamos. Esse não é o sentido do

verbo “cobrar” presente no exemplo 24. Segundo o exemplo, em busca de reaproximação diplomática com os iranianos, o governo americano tenta exigir que o Irã deixe de apoiar ações terroristas no Oriente Médio. A exigência que os EUA impõem ao governo iraniano é conceptualizada como COBRANÇA. Logo, COBRANÇA, do domínio COMÉRCIO mapeia EXIGÊNCIA POLÍTICA.

O exemplo 25 é uma citação de um discurso do presidente Lula na ONU. No exemplo, encontramos o mesmo mapeamento identificado no exemplo 24. A cobrança que deve ser feita a cada país, segundo o presidente Lula, é que o estado desempenhe seu papel de sujeito da economia. “Vamos cobrar” são as palavras que o presidente utiliza (exemplo 25) para exigir atuação dos países contra a crise financeira mundial.

26:

*[Zalaya] É um problema também de Chávez que não se conforma em perder o investimento feito na conversão dele ao seu credo.*

Veja online 25/09/2009

Uma das definições para “investir” propostas pelo dicionário Aurélio (FERREIRA, 2004, p. 1127) é “Aplicar dinheiro em títulos, imóveis, etc., em geral para obter ganho”. No exemplo, “investimento” não tem relação de literalidade com “comércio”. Neste contexto, Hugo Chávez não investiu financeiramente, o “investimento” refere-se ao esforço do presidente venezuelano para influenciar política, ideologicamente Manuel Zelaya. É certo que desse “investimento”, Chávez visava algum “ganho” de natureza política. INVESTIMENTO, unidade conceptual do domínio COMÉRCIO, projeta-se em EMPENHO POLÍTICO do domínio POLÍTICA EXTERNA.

27:

*Quanto à intenção da diplomacia brasileira de tentar ressuscitar a Rodada Doha, o professor é enfático: Doha não vai continuar e o motivo é simples: o novo presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, ainda não tem autorização do congresso americano para **negociar** acordos multilaterais...*

Veja online 26/01/2009

28:

*O ministro das Relações Exteriores Celso Amorim disse nesta terça-feira que o Brasil “não tem muito o que fazer” em relação ao agravamento da crise política em Honduras e pode apenas “**aguardar o resultado das negociações** com a Organização dos Estados Americanos (OEA) e a Organização das Nações Unidas (ONU)”*

Veja online 29/09/2009

29:

*O Irã entregou na quarta-feira aos representantes das grandes potências um novo pacote de propostas sobre seu programa nuclear... Na sexta-feira, as grandes potências que **negociam** com Teerã decidiram pedir uma reunião o quanto antes depois de considerar insuficiente a última **proposta** dos iranianos [...]*

Veja online 14/09/2009

“Negociar” é definido pelo Aurélio (FERREIRA, 2004, p. 1393) como “exercer o

comércio; comerciar”. A atividade envolve compra e venda de produtos. No exemplo 27, o sentido de “negociar” não é literal, não concerne à aquisição de produto mediante pagamento. Metaforicamente, “negociar”, neste texto, refere-se a tratado internacional cujo objeto não é mercadoria. Na Rodada de Doha (que tem este nome por ter acontecido nesta cidade, no Qatar), os representantes diplomáticos visavam chegar a um acordo internacional que contemplasse os interesses comerciais de seus países quanto à liberalização do mercado internacional. Deve-se observar que as negociações tinham como objeto questões jurídicas do direito internacional, cláusulas jurídicas normatizadoras do comércio exterior. O objeto das negociações não eram literalmente mercadorias e sim as condições que posteriormente regulamentariam a sua comercialização no mercado internacional. Caso semelhante é o do exemplo 28, no qual “negociações” diz respeito a resoluções de cunho político no âmbito das relações internacionais. O contexto concerne à crise política consequente do acolhimento a Manuel Zelaya pela embaixada brasileira em Honduras. Metaforicamente, PACTO na política é compreendido em termos de NEGOCIAÇÃO COMERCIAL.

No exemplo 29, fala-se nas grandes potências que “negociam” com Teerã. A pretensão dessas potências é impedir que o Irã adquira tecnologia nuclear. Embora o governo iraniano afirme que utilizará a tecnologia nuclear para fins pacíficos, as grandes potências tentam fundamentar sua preocupação alegando que o Irã pretende utilizar a tecnologia nuclear para fins militares, por isso, “negociam com Teerã” para que seu governo recue de suas intenções de desenvolver tecnologia nuclear. Temos neste contexto mais um exemplo de expressão linguística em que se evidencia o mapeamento conceptual PACTUAR É NEGOCIAR. Além dessa submetáfora de POLÍTICA EXTERNA É COMÉRCIO, o contexto contém ainda expressões licenciadas por outras submetáforas: PROPOSTA POLÍTICA É PROPOSTA COMERCIAL e PROPOSTAS SÃO MERCADORIAS. A “proposta dos iranianos” não é literalmente de natureza comercial, é de caráter político e também está ligada à questão da tecnologia nuclear almejada por aquele país. A metáfora linguística “um novo pacote de propostas” revela a correspondência conceptual que possibilita falarmos em *propostas* em termos de *mercadorias*.

30:

*Na noite de domingo, o presidente do Parlamento iraniano, Ali Larijani, disse que está disposto a **negociar** “sem condições prévias” sobre política nuclear com os Estados Unidos, desde que Washington apresente uma “oferta concreta”[...]*

Veja online 10/02/2009

Além do mapeamento dos exemplos anteriores (PACTUAR É NEGOCIAR), visível na expressão “disposto a negociar”, o exemplo 30 traz ainda outra conceptualização subordinada à POLÍTICA EXTERNA É COMÉRCIO. O fragmento foi retirado de um texto cujo contexto é de

política, não de comércio. Depreendemos, pois, que “oferta concreta” não se vincula a comércio, o texto não alude à atividade comercial; a “oferta concreta” é a retribuição política que o Irã espera dos EUA. OFERTA do domínio conceptual COMÉRCIO, conceptualiza CONTRAPARTIDA/RETRIBUIÇÃO POLÍTICA.

Dos exemplos acima, identificamos o domínio COMÉRCIO conceptualizando POLÍTICA EXTERNA através dos seguintes mapeamentos:

- COMPROMETIMENTO/PACTO na política é ACORDO no comércio;
- RETRIBUIÇÃO na política é TROCA no comércio;
- PROPOSTA na política é PROPOSTA no comércio;
- PROPOSTAS na política SÃO MERCADORIAS no comércio;
- EXIGÊNCIA na política é COBRANÇA no comércio;
- EMPENHO na política é INVESTIMENTO no comércio;
- PACTUAR na política é NEGOCIAR no comércio;
- CONTRAPARTIDA na política é OFERTA no comércio.

Assim como os elementos do domínio GUERRA, os componentes do domínio COMÉRCIO mapeiam sistematicamente os elementos do domínio POLÍTICA EXTERNA, como comprovam as submetáforas identificadas nos exemplos analisados.

Demonstramos, através das expressões linguísticas extraídas do *corpus*, que ao falarmos de POLÍTICA EXTERNA recorreremos sistematicamente à linguagem dos conceitos GUERRA e COMÉRCIO. Conforme defendem Lakoff e Johnson (1980, 1999), a metáfora se apresenta na linguagem, mas não é exclusiva dela. A metáfora, mais do que linguística é *conceptual*. Ou seja, falamos de POLÍTICA EXTERNA em termos de GUERRA e de COMÉRCIO porque esta relação existe em nossa estrutura conceptual. Pensamos em POLÍTICA EXTERNA por meio de elementos conceptuais de GUERRA e COMÉRCIO; conseqüentemente, esta relação se manifesta na linguagem. Utilizamos nossos conhecimentos e experiências de GUERRA e de COMÉRCIO para raciocinarmos sobre POLÍTICA EXTERNA. É o que veremos a seguir, na seção 3.2.5, ao tratarmos dos acarretamentos das metáforas que ora investigamos.

Os submapeamentos acima, relativos à POLÍTICA EXTERNA É COMÉRCIO, bem como os acarretamentos deles provenientes, permitem-nos propor as seguintes correspondências metafóricas gerais: AGENTES DA POLÍTICA EXTERNA SÃO AGENTES DO COMÉRCIO; AÇÕES DA POLÍTICA EXTERNA SÃO AÇÕES DO COMÉRCIO; INSTRUMENTOS/MEIOS DA POLÍTICA EXTERNA SÃO INSTRUMENTOS/MEIOS DO COMÉRCIO; FINS/OBJETIVOS DA POLÍTICA EXTERNA SÃO FINS/OBJETIVOS DO COMÉRCIO.

### 3.2.3 Mapeamentos metonímicos

Os mecanismos metafóricos pelos quais o domínio POLÍTICA EXTERNA é conceptualizado estão relacionados a, e mesmo dependentes de, mapeamentos metonímicos. Tanto a guerra como o comércio são instrumentos da política. A guerra é geralmente um meio de uma nação aumentar seu poder político e/ou econômico. A história é repleta de exemplos de nações que mudaram os contornos do seu mapa por acrescentar-lhe territórios conquistados pelo expediente da guerra. Da mesma forma, o comércio é um instrumento através do qual um país pode aumentar seu poder econômico. A história também é farta de episódios que exemplificam isso. Citemos, por exemplo, os tratados negociados entre a Inglaterra e seus “aliados” no período da Revolução Industrial: as negociações geralmente garantiam vantagens econômicas para o império britânico. O aumento do poder econômico, obviamente, redundava no aumento do poder político (KENNEDY, 1989). Sendo assim, se considerarmos que a guerra e o comércio são instrumentos do exercício da política, as correspondências conceptuais POLÍTICA EXTERNA É GUERRA e POLÍTICA EXTERNA É COMÉRCIO não são apenas metafóricas: são, outrossim, metonímicas. Neste caso, levando-se em conta a guerra e o comércio como aspectos da política entre as nações, as metáforas estruturadas a partir dos domínios POLÍTICA EXTERNA, GUERRA e COMÉRCIO são abrigadas pela metonímia TODO (POLÍTICA EXTERNA) PELA PARTE (GUERRA e COMÉRCIO).

Vejam os a seguir quais mapeamentos metonímicos são identificáveis nos exemplos do *corpus*. Para não exceder nas repetições, reproduzimos abaixo uma seleção dos exemplos citados nas seções 3.2.2.1 e 3.2.2.2, em que analisamos as realizações linguísticas das metáforas POLÍTICA EXTERNA É GUERRA e POLÍTICA EXTERNA É COMÉRCIO. Como vimos no capítulo 2, o mapeamento metonímico se dá entre subdomínios – no caso de PARTE PELA PARTE, ou entre um subdomínio e um domínio no qual o subdomínio está contido – nos casos de TODO PELA PARTE ou PARTE PELO TODO.

1:

*Ao buscar renovar a diplomacia com o Irã, o democrata cumpre um compromisso de campanha de **dialogar com os adversários de Washington**. No discurso de posse, em 20 de janeiro, **ele prometeu estender a mão ao mundo muçulmano**.*

Veja online 20/03/2009

Identificamos no contexto de onde o exemplo foi retirado que “o democrata”, sujeito do verbo “renovar” é o presidente Barack Obama. Ao lermos que o democrata (no

caso, Obama) busca renovar a diplomacia com o Irã, compreendemos que “Irã” não está sendo usado em seu sentido literal. Como qualquer país, o Irã é constituído de um povo, de um território e de um governo. É evidente que o presidente americano não busca renovar a diplomacia literalmente com o povo iraniano, muito menos com o território daquele país, Obama busca renovar a diplomacia com o governo do Irã. O mapeamento metonímico é TODO PELA PARTE (PAÍS PELO GOVERNO), o domínio-fonte<sup>32</sup> é representado linguisticamente por “Irã”, o domínio-alvo é o GOVERNO. Esse mapeamento lança o domínio-alvo (GOVERNO IRANIANO) para segundo plano (*background*) e traz o domínio-fonte IRÃ (PAÍS) para primeiro plano (*foreground*). A projeção do domínio-fonte IRÃ (constituído de um povo, de um território e de um governo) no domínio-alvo GOVERNO conceptualiza o governo iraniano de forma a possibilitar a inferência de que o governo exerce soberania sobre o seu território e representa com legitimidade o seu povo.

No mesmo exemplo, lê-se que Obama dialoga “com os adversários de Washington”. Nesse caso, o mapeamento é inverso ao anterior, ou seja, PARTE PELO TODO (SEDE PELO GOVERNO). Washington é a sede do governo americano. É do conhecimento comum que o governo não se limita à sua sede, a atuação administrativa governamental se estende por todo o território do país. Os “adversários de Washington” não são necessariamente adversários do povo americano nem do território americano. A indisposição de alguns países com os Estados Unidos é consequência da forma como essa nação conduz sua política externa. O cerne da inimizade não está na população e muito menos no território: está no governo americano, que estabelece os contornos das relações internacionais.

4:

*Ao menos, diz Marconini, seria sensato se os **EUA** firmassem uma aliança com o **Brasil** para fazer do etanol uma commodity e criar para ele um mercado mundial.*

Veja online 20/01/2009

8:

*“Recebemos favoravelmente a vontade do presidente americano de deixar de lado as diferenças do passado, mas o meio para alcançar isto não é pedir ao **Irã** que esqueça unilateralmente a atitude agressiva dos **Estados Unidos** no passado”, declarou Ali Akbar Javanfekr, conselheiro de imprensa do presidente Mahmud Ahmadinejad.*

Veja online 20/03/2009

10:

*Além de pedir trégua imediata, o **Brasil** tem defendido a realização de uma reunião entre líderes mundiais para restabelecer a paz na região.*

Veja online 06/01/2009

13:

---

<sup>32</sup> Em conformidade com Barcelona (2003), adotamos os termos *domínio-fonte*, *domínio-alvo* e *mapeamento* também em referência à metonímia conceptual sempre que o contexto claramente indique que estamos tratando da metonímia, não da metáfora.

*Mas a pressão internacional cresce para o restabelecimento da ordem constitucional. Os **106 países da Comunidade de Democracias** defenderam o retorno imediato da ordem constitucional em Honduras, anunciou em Lisboa o chefe da diplomacia espanhola, Miguel Angel Moratinos, após uma reunião da organização.*

Veja online 12/07/2009

Nos exemplos acima, a correspondência metonímica que envolve os sujeitos políticos (EUA, Irã, Brasil) é a mesma: TODO PELA PARTE (PAÍS PELO GOVERNO). Os exemplos linguísticos revelam que se faz referência ao governo (PARTE) a partir do país (TODO). Como discutimos anteriormente, este recurso de conceptualização metonímica atribui ao governo todo o peso de legitimidade representativa: referir-se aos governos americano, iraniano, brasileiro utilizando os nomes dos respectivos países implica em mapear todos os outros componentes de PAÍS no domínio GOVERNO. Pode até haver a possibilidade de as decisões de um governo não refletirem a vontade de uma parcela significativa de seu povo, mas o uso do conceito PAÍS para se referir a GOVERNO metonimicamente resulta em atribuir as decisões do governo à nação inteira.

5:

*De seu lado, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva também variou o alvo. Com uma agenda Sul-Sul, voltada a países emergentes, e de diversificação dos destinos das exportações, Lula passou a estabelecer parcerias comerciais com **países da América Latina e da África**, entre outros, e as relações com os EUA caíram a segundo plano.*

Veja online 20/01/2009

Em “Lula passou a estabelecer parcerias comerciais com países da América Latina e da África” podemos identificar metonímias múltiplas. Em primeiro lugar, a parceria comercial não é estabelecida entre Lula e “países da América Latina e da África”. As negociações diplomáticas são realizadas entre Lula e os governantes daqueles países. Outra vez, a correspondência metonímica é TODO PELA PARTE, ou seja, PAÍS PELO GOVERNO.

Em segundo lugar, a parceria comercial é estabelecida entre os representantes governamentais apenas em sua fase inicial; após todo o processo burocrático realizado pela diplomacia, as parcerias comerciais serão concretamente implementadas pelos setores comerciais de cada país. Através de uma parceria comercial, o Brasil, por exemplo, exporta boa parte de sua produção de carne bovina para a União Europeia. Esta relação comercial é estabelecida entre setores comerciais específicos dos países envolvidos: o setor pecuário brasileiro exporta seu produto para o setor comercial importador europeu. Não faria sentido atribuir a atividade da exportação da carne ao presidente da república. A relação metonímica nesse caso é PARTE PELA PARTE (GOVERNO POR SETOR ECONÔMICO): recorre-se à figura do governante – no caso, o presidente Lula – para fazer referência a um setor específico da economia.

14:

*O presidente dos EUA, Barack Obama, defendeu nesta quinta-feira a ofensiva militar de **Israel** na Faixa de Gaza, lançada em reação aos ataques com foguetes do grupo radical islâmico Hamas contra o **território israelense**.*

Veja online 22/01/2009

A ofensiva militar à qual o texto se refere não foi executada literalmente por Israel. Israel, como os outros países já mencionados, é constituído de uma população, um território e um governo. O ataque à Faixa de Gaza não envolve todo o Israel. As investidas militares foram realizadas por grupos específicos do exército israelense. Atribuir a ofensiva militar ao exército de Israel ainda seria recorrer ao raciocínio metonímico. Certamente, há setores do exército que não tiveram qualquer participação nos ataques. A metonímia em questão é TODO PELA PARTE (PAÍS POR GRUPO MILITAR): o texto utiliza *Israel* para se referir a grupos específicos do exército desse país.

O exemplo afirma ainda que a ofensiva militar de Israel à Faixa de Gaza foi “lançada em reação aos ataques com foguetes do grupo radical islâmico Hamas *contra o território israelense*” (grifo nosso). O dicionário Houaiss (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 2706) define *território* como “grande extensão de terra”. Um ataque militar não tem por objetivo atingir estritamente uma extensão de terra; o propósito do ataque é atingir as pessoas que ocupam o território. Nem sempre a população é o alvo imediato do ataque. Uma ofensiva militar pode ter como alvo primário as estruturas essenciais a uma comunidade, como por exemplo, pontes, sistema de abastecimento de água e/ou energia, sistema de comunicação, estradas, dentre outros. Mas atacar esses alvos são apenas meios de atingir a população que ocupa o território atacado. A expressão linguística “ataque militar contra território” é licenciada por um mapeamento metonímico que pode ser analisado de duas perspectivas: CONTINENTE (TERRITÓRIO) PELO CONTEÚDO (POVO) – se considerarmos que metaforicamente TERRITÓRIO pode ser conceptualizado como CONTÊINER, ou PARTE (TERRITÓRIO) PELA PARTE (POPULAÇÃO) – se levarmos em conta que TERRITÓRIO e POPULAÇÃO são partes que compõem o ESTADO/PAÍS.

Até aqui, analisamos as metonímias presentes nos exemplos relacionados à metáfora POLÍTICA EXTERNA É GUERRA. Prosseguimos, agora, com a análise das metonímias contidas nos exemplos linguísticos relacionados à metáfora POLÍTICA EXTERNA É COMÉRCIO.

20:

*Ele [Barack Obama] acrescentou, ainda, que vai buscar um novo **acordo com a Rússia** para a redução de armas nucleares e disse que os países que se recusarem a cumprir as determinações do tratado de não proliferação de armas nucleares devem sofrer consequências.*

Veja online 23/09/2009

“Rússia” e “países” concernem às autoridades políticas dos países referidos. No contexto, não é aceitável atribuir sentido literal a essas palavras. Segundo o texto, Barack Obama “vai buscar um novo acordo com a Rússia”. Acordos são realizados e celebrados entre pessoas. O acordo citado deverá ser firmado entre o presidente americano e uma autoridade política Russa com poderes para celebrar tratado internacional, provavelmente o presidente daquele país. O uso do nome do país (Rússia), neste caso, é um meio de se referir ao seu representante político. A metonímia TODO PELA PARTE (PAÍS PELO GOVERNO) é o mapeamento conceptual que possibilita referir-se à autoridade política através do Estado que ela representa. Ainda no mesmo exemplo, há uma oração subordinada em que o verbo “recusar” tem por sujeito “países”. Se o considerarmos literalmente, o verbo “recusar” é vinculado à volição humana, portanto, somente pessoa poderia ser sujeito desse verbo. As determinações do tratado de não proliferação de armas nucleares, mencionadas no exemplo, só podem ser recusadas (ou aceitas) pelos governantes de cada país, a eles cabem essas decisões de natureza política: a metonímia, nesse caso, é a mesma – TODO PELA PARTE (PAÍS PELO GOVERNO).

Consta ainda no exemplo que os países que desobedecerem ao tratado de não proliferação de armas nucleares “devem sofrer consequências”. A metonímia em questão também é TODO PELA PARTE, mas a correspondência conceptual não é exatamente a mesma do caso anterior: a PARTE, nesse caso, não se restringe ao GOVERNO; as consequências das decisões políticas de um governante geralmente são sofridas por segmentos diversos da população. Os países que desobedecem a esse tipo de tratado geralmente sofrem embargos comerciais que atingem diversos setores de sua economia, e vários segmentos da população sentem o impacto que pode ser traduzido em perdas salariais, desemprego, escassez de alimento, dentre outros. Portanto, o mapeamento TODO PELA PARTE, nesse caso específico, equivale não apenas a PAÍS PELO GOVERNO, mas também a PAÍS PELA POPULAÇÃO ou PAÍS POR SETOR ECONÔMICO.

21:

*Israel rejeitou nesta segunda-feira qualquer acordo de paz com os **palestinos** que seja imposto pela comunidade internacional. A posição foi apresentada pelo ministro das Relações Exteriores israelense, o ultradireitista Avigdor Lieberman, em entrevista a uma rádio estatal do país.*

Veja online 13/07/2009

Em conformidade com o exemplo anterior, “Israel” (PAÍS) mapeia o seu REPRESENTANTE POLÍTICO, a metonímia é TODO PELA PARTE (PAÍS PELO GOVERNO). A rejeição do acordo de paz não foi protagonizada por Israel, mas pelo seu governo. Já na expressão

“acordo de paz com os palestinos” a correspondência metonímica é PARTE (POVO) PELA PARTE (GOVERNO); POVO e GOVERNO são conceitos contidos no domínio ESTADO/PAÍS. O acordo de paz é negociado pelo representante político palestino, não pelo povo. As relações metonímicas (PAÍS PELO GOVERNO, POVO PELO GOVERNO) manifestam-se com frequência na linguagem. Essas metonímias codificam na linguagem o sentido de legitimidade do governo, uma vez que lança o domínio-alvo GOVERNO para segundo plano (*background*) e traz o domínio-fonte PAÍS/POVO para primeiro plano (*foreground*).

29:

*O Irã entregou na quarta-feira aos representantes das grandes potências um novo pacote de propostas sobre seu programa nuclear... Na sexta-feira, as grandes potências que negociam com Teerã decidiram pedir uma reunião o quanto antes depois de considerar insuficiente a última proposta dos iranianos.*

Veja online 14/09/2009

Numa linguagem estritamente literal, afirmações do tipo “O Irã entregou um novo pacote de propostas aos representantes das grandes potências” não seriam admissíveis. Nesse exemplo, há (como já vimos anteriormente) a conceptualização metafórica de PROPOSTAS COMO MERCADORIAS, mas nosso foco aqui são as correspondências metonímicas. O verbo entregar é bitransitivo: quem entrega, entrega algo a alguém. No exemplo, o objeto direto e o objeto indireto não quebram esse paradigma: temos *um novo pacote de propostas (coisa)* como objeto direto e *representantes das grandes potências (pessoas)* desempenhando o papel de objeto indireto. A ruptura ocorre no sujeito do verbo *entregar*. O verbo representa uma ação normalmente executada por pessoas. No entanto, o sujeito de *entregar* é “O Irã”. “Irã” (PAÍS) é usado metonimicamente como referência aos GOVERNANTES iranianos. Mais uma vez, a metonímia em questão é TODO (PAÍS) PELA PARTE (GOVERNANTE). Em “as grandes potências que negociam” temos metonímias múltiplas. Através da expressão “as grandes potências” faz-se referência a alguns PAÍSES (aqueles econômica e/ou militarmente fortes) por meio de seus ATRIBUTOS econômicos e/ou militares. Outro mapeamento metonímico que licencia a expressão é TODO PELA PARTE, ou seja, PAÍS PELO REPRESENTANTE (GOVERNO). Já em “negociam com Teerã” a correspondência é PARTE (SEDE) PELO TODO (GOVERNO). A negociação é com o governo cuja sede se localiza em Teerã, mas sua estrutura administrativa se estende em todo o território iraniano.

30:

*Na noite de domingo, o presidente do Parlamento iraniano, Ali Larijani, disse que está disposto a negociar “sem condições prévias” sobre política nuclear com os Estados Unidos, desde que Washington apresente uma oferta concreta”[...]*

Veja online 10/02/2009

As metonímias que esse exemplo apresenta são semelhantes àquelas do exemplo anterior: TODO PELA PARTE – em “negociar com os Estados Unidos”, o PAÍS é usado em referência ao GOVERNO americano; PARTE PELO TODO – “Washington”, a SEDE do governo também se refere ao GOVERNO americano.

Os dados analisados mostram que as expressões licenciadas pelas metáforas POLÍTICA EXTERNA É GUERRA e POLÍTICA EXTERNA É COMÉRCIO são também licenciadas por metonímias intimamente ligadas às metáforas: com frequência, os agentes da política externa são conceptualizados metonimicamente. Os textos revelaram os três processos metonímicos: PARTE PELO TODO, TODO PELA PARTE e PARTE PELA PARTE. Essas metonímias gerais se manifestam através de metonímias mais específicas, como expomos no quadro 4 abaixo:

PARTE PELO TODO	TODO PELA PARTE	PARTE PELA PARTE
SEDE PELO GOVERNO	PAÍS PELO GOVERNO	GOVERNO POR SETOR ECONÔMICO
	PAÍS POR GRUPO MILITAR	TERRITÓRIO PELA POPULAÇÃO
	PAÍS PELA POPULAÇÃO	POVO PELO GOVERNO

Quadro 4: Mapeamentos metonímicos subjacentes às metáforas POLÍTICA EXTERNA É GUERRA e POLÍTICA EXTERNA É COMÉRCIO.

Observamos no quadro 4 que metonimicamente GOVERNO pode representar o TODO ou a PARTE de um mapeamento. Em relação ao domínio SEDE, o domínio GOVERNO está superordenado – logo, SEDE é subdomínio de GOVERNO. Já em relação ao domínio PAÍS, GOVERNO está subordinado – logo, GOVERNO é subdomínio de PAÍS. As metonímias indicam que num domínio complexo – como o domínio ESTADO/PAÍS – os subdomínios se relacionam de maneira hierarquizada.

### 3.2.4 Interação metáfora-metonímia em POLÍTICA EXTERNA É GUERRA e POLÍTICA EXTERNA É COMÉRCIO

Os dados analisados revelam que o domínio conceptual POLÍTICA EXTERNA é constantemente alimentado, via mapeamento metafórico, por elementos dos domínios GUERRA e COMÉRCIO. Evidenciou-se também a participação de processos metonímicos na conceptualização de POLÍTICA EXTERNA. Em suma, os exemplos linguísticos contêm expressões licenciadas tanto por metáforas como por metonímias. Mas urge uma observação: a POLÍTICA EXTERNA não é um domínio estruturado por metáforas *ou* metonímias. Ou seja, um

processo não elimina o outro, ora ocorrendo a metáfora, ora ocorrendo a metonímia. O *corpus* manifesta a interação dos dois processos: metáfora e metonímia atuam conjuntamente na conceptualização de POLÍTICA EXTERNA. É o que intencionamos expor através das análises que seguem.

1:

*Ao buscar renovar a diplomacia com o Irã, o democrata cumpre um compromisso de campanha de dialogar com os adversários de Washington. No discurso de posse, em 20 de janeiro, ele prometeu estender a mão ao mundo muçulmano.*

Veja online 20/03/2009

Os AGENTES da POLÍTICA EXTERNA são usualmente expressos através de correspondência metonímica. No exemplo 1, temos a metáfora Oponentes Políticos são Adversários. No contexto linguístico, os Adversários são “Irã” e, por inferência, “Washington”. Como expusemos anteriormente, “Irã” representa o governo iraniano, e “Washington” representa o governo americano sediado naquela cidade. As metonímias em questão são TODO PELA PARTE e PARTE PELO TODO (PAÍS PELO GOVERNO e SEDE PELO GOVERNO, respectivamente). Esse é um exemplo de metonímia na metáfora (*metonymy within metaphor*). O domínio-fonte, Adversário, projeta-se em Oponentes Políticos; os Oponentes Políticos são realizados no texto através de metonímias: vimos que metonimicamente “Irã” e “Washington” representam o conceito-veículo de acesso a Governos (iraniano e americano). Abaixo, expomos como ficaria a realização linguística sem a metáfora (1), sem a metonímia (2) e sem a metáfora e a metonímia (3). Repetiremos esse padrão de análise nos demais exemplos.

*Ao buscar renovar a diplomacia com o Irã, o democrata cumpre um compromisso de campanha de dialogar com os adversários de Washington.*

- (1) *Ao buscar renovar a diplomacia com o Irã, o democrata cumpre um compromisso de campanha de dialogar com os **opponentes políticos** de Washington.*
- (2) *Ao buscar renovar a diplomacia com o **governo do Irã**, o democrata cumpre um compromisso de campanha de dialogar com os adversários do **governo dos EUA**.*
- (3) *Ao buscar renovar a diplomacia com o **governo do Irã**, o democrata cumpre um compromisso de campanha de dialogar<sup>33</sup> com os **opponentes políticos do governo dos EUA**.*

Verificamos ainda, que o verbo presente na expressão “dialogar com os

---

<sup>33</sup> Poderíamos substituir “dialogar” por “negociar” para eliminar a figuratividade. Não o fizemos para não comprometer a sistematicidade da exposição nesta seção, uma vez que, como expomos logo a seguir, é difícil classificar “dialogar” como manifestação puramente metafórica ou puramente metonímica.

adversários” abriga processo metafórico e metonímico. O sentido literal de “dialogar” é, conforme o Houaiss (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 1031), “trocar (interlocutores) opiniões, comentários etc., com alternância dos papéis de falante e ouvinte; conversar”. Está patente que no contexto, DIALOGAR mapeia o conceito NEGOCIAR. É impossível imaginar que o diálogo entre Obama e os governantes de outros países seja desprezioso, destituído de qualquer objetivo político; trata-se, evidentemente, de negociação. Se compreendermos que DIALOGAR – atividade ligada à interação social – é utilizado para mapear o conceito NEGOCIAR – prática comercial –, temos uma metáfora. Ao mesmo tempo, o diálogo é o meio, o instrumento para se realizar uma negociação. Por essa perspectiva, o verbo dialogar é licenciado pela metonímia MEIO (DIÁLOGO) PELO FIM (NEGOCIAÇÃO). Eis um caso de conceptualização em que a metáfora e a metonímia se mostram tão intimamente ligadas a ponto de obscurecer o limite que separa um processo conceptual do outro.

4:

*Ao menos, diz Marconini, seria sensato se os EUA firmassem uma aliança com o Brasil para fazer do etanol uma commodity e criar para ele um mercado mundial.*

Veja online 20/01/2009

No exemplo 4, temos um caso de interação metáfora-metonímia semelhante ao exemplo anterior, a diferença é que os exemplos usam conceitos opostos (ADVERSÁRIOS no exemplo 1 e COOPERADORES/ALIADOS no exemplo 4). A metáfora é COOPERADORES POLÍTICOS SÃO ALIADOS. Nos contextos, ALIADOS corresponde a “EUA” e “Brasil”. Evidentemente, usaram-se os nomes dos países com referência aos GOVERNOS desses países. Na verdade, os ALIADOS, não são os PAÍSES, são os GOVERNOS deles. A correspondência metonímica é TODO PELA PARTE (PAÍS PELO GOVERNO). Esse é mais um exemplo de metáfora na metonímia em que o domínio-alvo da metáfora “se esconde” numa construção metonímica. A metonímia, circunscrita no domínio-alvo, faz com que a projeção metafórica seja indireta: o elemento do domínio-fonte ALIADO projeta-se no domínio-alvo GOVERNO via PAÍS.

***...seria sensato se os EUA firmassem uma aliança com o Brasil.***

(1) *...seria sensato se os EUA cooperassem/atuasse juntamente com o Brasil.*

(2) *...seria sensato se o governo americano firmasse uma aliança com o governo brasileiro.*

(3) *...seria sensato se o governo americano cooperasse/atuasse em conjunto com o governo brasileiro.*

8:

*“Recebemos favoravelmente a vontade do presidente americano de deixar de lado as diferenças do passado,*

*mas o meio para alcançar isto não é pedir ao Irã que esqueça unilateralmente a atitude agressiva dos Estados Unidos no passado”, declarou Ali Akbar Javanfekr, conselheiro de imprensa do presidente Mahmud Ahmadinejad.*

Veja online 20/03/2009

A metáfora do exemplo 1 é Oponentes Políticos São Adversários, correspondência conceptual muito próxima da metáfora do exemplo 8. Aqui, a metáfora pode ser expressa pelo seguinte mapeamento: Oponente Político é Aggressor. O Aggressor é expresso linguisticamente por “Estados Unidos” que por sua vez representa o Governo Americano. Por vias metonímicas, o domínio-fonte Aggressor “esconde”, lança para segundo plano (*background*) o conceito-alvo Governo Americano e traz para primeiro plano (*foreground*) o conceito-veículo País. A metonímia licenciadora – subsumida no domínio-fonte da metáfora Oponente Político é Aggressor – é Todo (País) pela Parte (Governo). Trata-se de mais uma instância da interação metonímia na metáfora.

*...o meio para alcançar isto não é pedir ao Irã que esqueça unilateralmente a atitude agressiva dos Estados Unidos no passado...*

- (1) *...o meio para alcançar isto não é pedir ao Irã que esqueça unilateralmente as oposições políticas dos Estados Unidos no passado...*
- (2) *...o meio para alcançar isto não é pedir ao governo iraniano que esqueça unilateralmente a atitude agressiva do governo americano no passado...*
- (3) *...o meio para alcançar isto não é pedir ao governo iraniano que esqueça unilateralmente as oposições políticas do governo americano no passado...*

21:

*Israel rejeitou nesta segunda-feira qualquer acordo de paz com os palestinos que seja imposto pela comunidade internacional. A posição foi apresentada pelo ministro das Relações Exteriores israelense, o ultradireitista Avigdor Lieberman, em entrevista a uma rádio estatal do país.*

Veja online 13/07/2009

A metáfora que se realiza na expressão “acordo de paz” é Pacto Político é Acordo, conseqüentemente, Pactuante é compreendido em termos de Negociante. O exemplo diz respeito ao estabelecimento da paz entre os israelenses e os palestinos. Textualmente, os negociantes são “Israel” e “os palestinos”. Como já discutimos antes, temos aqui duas metonímias: Todo (País) pela Parte (Governo) quando se menciona Israel referindo-se ao governo daquele país, e Parte (Povo) pela Parte (Governo) quando se menciona os palestinos com referência ao governante palestino. A metáfora Pactuante é Negociante presente no exemplo é, por conseguinte, motivado por metonímias. Os Pactuantes, no caso os representantes políticos de Israel e da Palestina, são compreendidos em termos de Negociantes. Ao mesmo tempo, esses elementos do domínio-alvo

(REPRESENTANTES POLÍTICOS, GOVERNANTES) são metonimicamente mapeados por PAÍS, no caso de Israel, e por POVO, no caso da Palestina. O que temos aqui é mais uma ocorrência de metonímia na metáfora.

***Israel rejeitou nesta segunda-feira qualquer acordo de paz com os palestinos que seja imposto pela comunidade internacional.***

(1) *Israel rejeitou nesta segunda-feira qualquer pacto de paz com os palestinos que seja imposto pela comunidade internacional.*

(2) ***O governo de Israel rejeitou nesta segunda-feira qualquer acordo de paz com o governo palestino que seja imposto pela comunidade internacional.***

(3) ***O governo de Israel rejeitou nesta segunda-feira qualquer pacto de paz com o governo palestino que seja imposto pela comunidade internacional.***

Poderíamos recorrer a muitos outros exemplos do *corpus* que fortalecem a evidência de que a metonímia interage com a metáfora na conceptualização de POLÍTICA EXTERNA. Em benefício da objetividade evitamos repetir exemplos que nos conduzem às mesmas conclusões, que ora sintetizamos: elementos do domínio-alvo, mais precisamente os AGENTES DA POLÍTICA EXTERNA são conceptualizados por mecanismos metafóricos e metonímicos *ao mesmo tempo*. O mapeamento do domínio-fonte no domínio-alvo se dá de forma indireta, ou seja, os elementos projetados do domínio-fonte não atingem diretamente seu correspondente no domínio-alvo: os elementos do domínio-fonte são projetados numa estrutura metonímica e é só identificando o conceito-alvo da metonímia que se chega ao conceito efetivamente mapeado pelo domínio-fonte da metáfora. A figura 6 abaixo visa ilustrar esse processo.

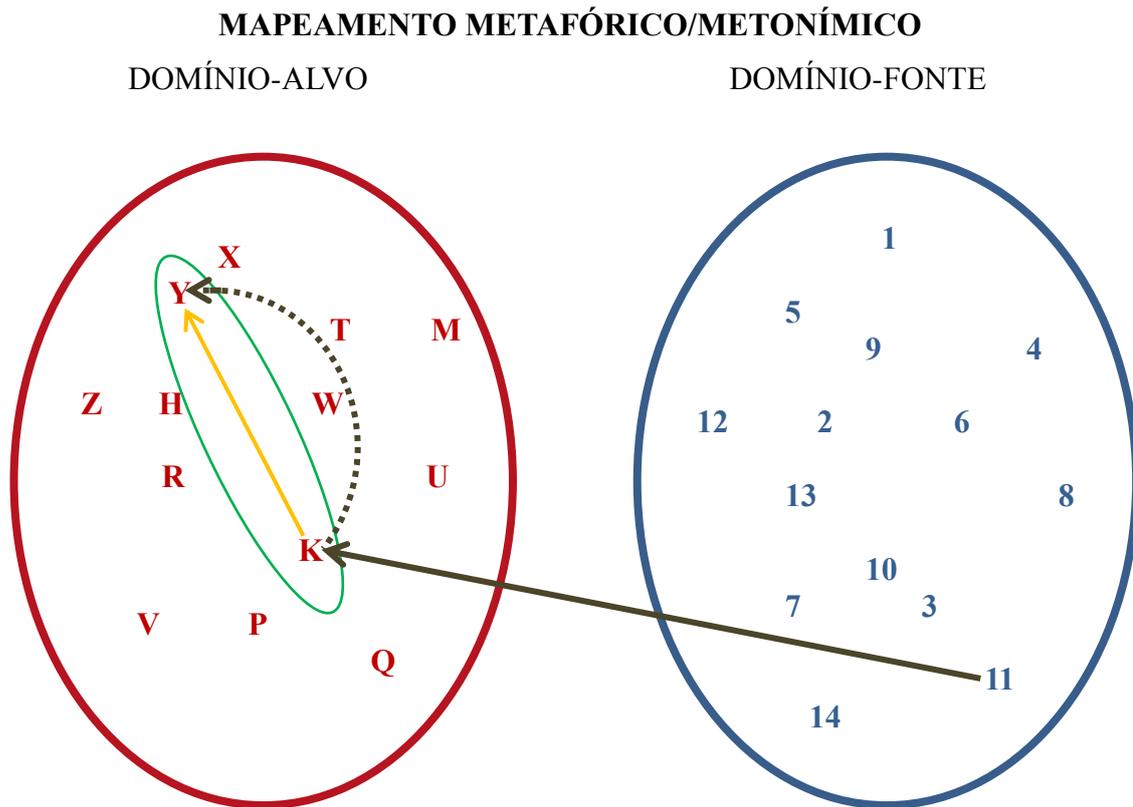


Figura 6: Ilustração gráfica da interação metáfora-metonímia nas metáforas POLÍTICA EXTERNA É GUERRA e POLÍTICA EXTERNA É COMÉRCIO.

No gráfico, temos o domínio-fonte representado pelo círculo azul e domínio-alvo representado pelo círculo vermelho; os números e as letras representam, respectivamente, as unidades conceptuais do domínio-fonte e do domínio alvo. O círculo verde circunscrito no domínio-alvo representa um mapeamento metonímico em que o conceito-veículo K fornece acesso ao conceito Y, como indica a seta na cor amarela. O conceito representado por 11 no domínio-fonte mapeia o conceito Y do domínio-alvo, mas o faz de forma indireta: ele se projeta no conceito-veículo (K) da metonímia que por sua vez reflete a projeção para o conceito Y.

Apliquemos os mapeamentos metafóricos e metonímicos analisados no último exemplo ao modelo proposto no gráfico. Conforme o exemplo, “*Israel rejeitou **acordo de paz com os palestinos***”. A expressão é licenciada por uma metáfora estruturada a partir do domínio-fonte COMÉRCIO, como discutimos acima. As correspondências são as seguintes:



No gráfico, 11 representa NEGOCIANTES, K representa POVO (os palestinos) e Y

representa GOVERNO (palestino). Deve-se ressaltar que a metonímia representada no gráfico estrutura mais precisamente o mapeamento do tipo PARTE PELA PARTE. Esse não é o único tipo de metonímia que o *corpus* manifestou. Como vimos, além dessa metonímia, os dados revelaram PARTE PELO TODO e TODO PELA PARTE.

### 3.2.5 Acarretamentos metafóricos

Para Lakoff e Johnson (1980, 1999) os acarretamentos metafóricos (*entailments*) são meios pelos quais raciocinamos sobre o domínio-alvo a partir de nossos conhecimentos e experiências do domínio-fonte. São os acarretamentos que nos levam ao conhecimento completo das metáforas. Aplicando isso a nossa pesquisa, pode-se afirmar que raciocinamos sobre POLÍTICA EXTERNA com base em nossos conhecimentos sobre GUERRA e COMÉRCIO. Mas não apenas isso. Os textos evidenciam que os executores da política externa não apenas falam e raciocinam sobre POLÍTICA EXTERNA em termos de GUERRA e COMÉRCIO, eles *agem* na política como se estivessem numa guerra ou numa transação comercial. Por isso, *lutam* para vencer uma *negociação*; *oferecem* benefícios a outras nações *em troca* daquilo que desejam obter para o seu país; *defendem* os interesses de sua nação; *atacam* as pretensões das outras nações quando julgam conveniente, e assim em diante.

Como discutido no capítulo anterior, as implicações ou acarretamentos metafóricos envolvem *todo* nosso conhecimento sobre o domínio-fonte por meio do qual raciocinamos sobre o domínio-alvo. Portanto, por mais que nos esforçássemos em busca de uma análise exaustiva dos acarretamentos das metáforas em estudo, dificilmente atingiríamos esse objetivo. Mas nem por isso podemos nos furtar de demonstrar que algumas de nossas experiências sobre GUERRA e COMÉRCIO são úteis para a compreensão e o raciocínio sobre POLÍTICA EXTERNA.

A guerra é o meio de conquistar vantagens de naturezas diversas através da força física. A política externa é o meio de se conseguir vantagens por meio dos esforços nas negociações diplomáticas.

Para ser bem sucedida, uma guerra precisa ter objetivos bem definidos. Da mesma forma, o sucesso na política externa não prescinde de objetivos bem delineados.

A vitória numa guerra se atinge com o uso adequado das melhores armas. Semelhantemente, o êxito na política externa é alcançado mediante a utilização dos melhores

argumentos quando a conjuntura se mostra estratégica.

O soldado bem preparado maneja a arma com destreza e sabe identificar o momento certo de utilizá-la. O diplomata bem preparado não apenas domina com habilidade os argumentos mas também sabe o momento ideal de utilizá-los.

Um ataque mal planejado na guerra pode dar ao inimigo uma boa oportunidade de um contra-ataque bem sucedido. Semelhantemente, um diplomata pode aproveitar uma negociação mal planejada por outro país e convertê-la em vantagem para o país por ele representado.

Os acarretamentos metafóricos de POLÍTICA EXTERNA com base no domínio-fonte COMÉRCIO também apresentam características semelhantes.

Os agentes do comércio buscam o máximo de vantagens possível. O vendedor tenta vender seu produto para obter o máximo de lucro possível; o comprador se esforça para adquirir o melhor produto pagando por ele o menor valor possível. Na política externa, os objetivos são os mesmos: cada país envolvido numa negociação diplomática se empenha em adquirir o máximo de vantagens possível em troca de concessões mínimas possíveis.

O agente do comércio que obtém maior vantagem é aquele detentor de maior habilidade para negociar. Na política externa o benefício maior será do país que conta com os melhores negociadores.

Uma transação comercial mal elaborada pode resultar em prejuízos financeiros para o comerciante. Da mesma forma, uma negociação desastrosa na política externa pode provocar prejuízos de natureza diversa para uma nação.

No comércio, o credor tem poder de impor negociações desvantajosas para o devedor. Na política, o país credor tem o poder de impor negociações desvantajosas para o país devedor.

Os acarretamentos são, enfim, uma consequência inevitável do mapeamento metafórico: se elementos de POLÍTICA EXTERNA são conceptualizados por elementos de GUERRA e COMÉRCIO, pode-se deduzir logicamente que muito do nosso conhecimento e experiência sobre GUERRA e COMÉRCIO pode ser aplicado ao conceito POLÍTICA EXTERNA. Concluimos que a metáfora conceptual não consiste apenas na projeção de unidades conceptuais de um domínio no outro. Vimos, através dos acarretamentos metafóricos, que raciocínios complexos sobre os domínios-fonte GUERRA e COMÉRCIO podem ser projetados no domínio-alvo POLÍTICA EXTERNA.

### 3.2.6 Sistema metafórico e metonímico de POLÍTICA EXTERNA É GUERRA e POLÍTICA EXTERNA É COMÉRCIO

As análises realizadas até aqui nos permitem propor que as metáforas e metonímias em estudo configuram um sistema coerente. Logo na descrição dos domínios, confirmamos que os elementos conceptuais de POLÍTICA EXTERNA, GUERRA e COMÉRCIO podem ser categorizados basicamente em quatro grupos: AGENTES, AÇÕES, INSTRUMENTOS/MEIOS E FINALIDADES.

Defendemos, com base nos dados analisados, que os mapeamentos metafóricos relacionados à POLÍTICA EXTERNA É GUERRA e POLÍTICA EXTERNA É COMÉRCIO revelados no *corpus* podem ser enquadrados em quatro mapeamentos superordenados, quais sejam:

- AGENTES DO DOMÍNIO-ALVO SÃO AGENTES DOS DOMÍNIOS-FONTE
- AÇÕES DO DOMÍNIO-ALVO SÃO AÇÕES DOS DOMÍNIOS-FONTE
- MEIOS/INSTRUMENTOS DO DOMÍNIO-ALVO SÃO MEIOS/INSTRUMENTOS DOS DOMÍNIOS-FONTE
- FINALIDADES DO DOMÍNIO-ALVO SÃO FINALIDADES DOS DOMÍNIOS-FONTE

Os ATORES ou AGENTES DA POLÍTICA EXTERNA são conceptualizados como AGENTES DA GUERRA e do COMÉRCIO. Infere-se, a partir daí, que o POLÍTICO (DIPLOMATA) do domínio POLÍTICA EXTERNA é conceptualizado metafóricamente como o SOLDADO do domínio GUERRA e o NEGOCIANTE do domínio COMÉRCIO.

As AÇÕES de POLÍTICA EXTERNA são mapeadas pelas AÇÕES de GUERRA e de COMÉRCIO. O *corpus* revela, por exemplo, AÇÕES POLÍTICAS referidas em termos de DEFENDER, LUTAR, ATIRAR – do domínio GUERRA – e em termos de NEGOCIAR, DISCUTIR, COBRAR – do domínio COMÉRCIO.

Os MEIOS ou INSTRUMENTOS DA POLÍTICA EXTERNA também são compreendidos em termos de INSTRUMENTOS da GUERRA e do COMÉRCIO. Os MÉTODOS POLÍTICOS são compreendidos em termos de TÁTICAS (GUERRA); a RETRIBUIÇÃO POLÍTICA é compreendida em termos de TROCA (COMÉRCIO)<sup>34</sup>.

Semelhantemente, as FINALIDADES da GUERRA e do COMÉRCIO mapeiam as FINALIDADES da POLÍTICA EXTERNA. O objetivo da guerra é a vitória sobre o inimigo; o

---

<sup>34</sup> É difícil separar os aspectos dos domínios com rigor. O que categorizamos como *ações* poderia, por outra perspectiva, ser interpretado como *meios*: afinal, não se pode negar que as *ações* são os *meios* para se conseguir um objetivo. A impossibilidade de se estabelecer limites absolutos entre essas categorias, no entanto, não compromete as evidências de que os mapeamentos em questão estabelecem uma coerência mínima.

objetivo do comércio é a conclusão da negociação, do acordo. A VITÓRIA e o ACORDO – respectivamente conceitos de GUERRA e COMÉRCIO – mapeiam ÊXITO POLÍTICO.

A seguir, expomos detalhadamente, na figura 7, a rede de metáforas relacionadas à POLÍTICA EXTERNA É GUERRA e POLÍTICA EXTERNA É COMÉRCIO.

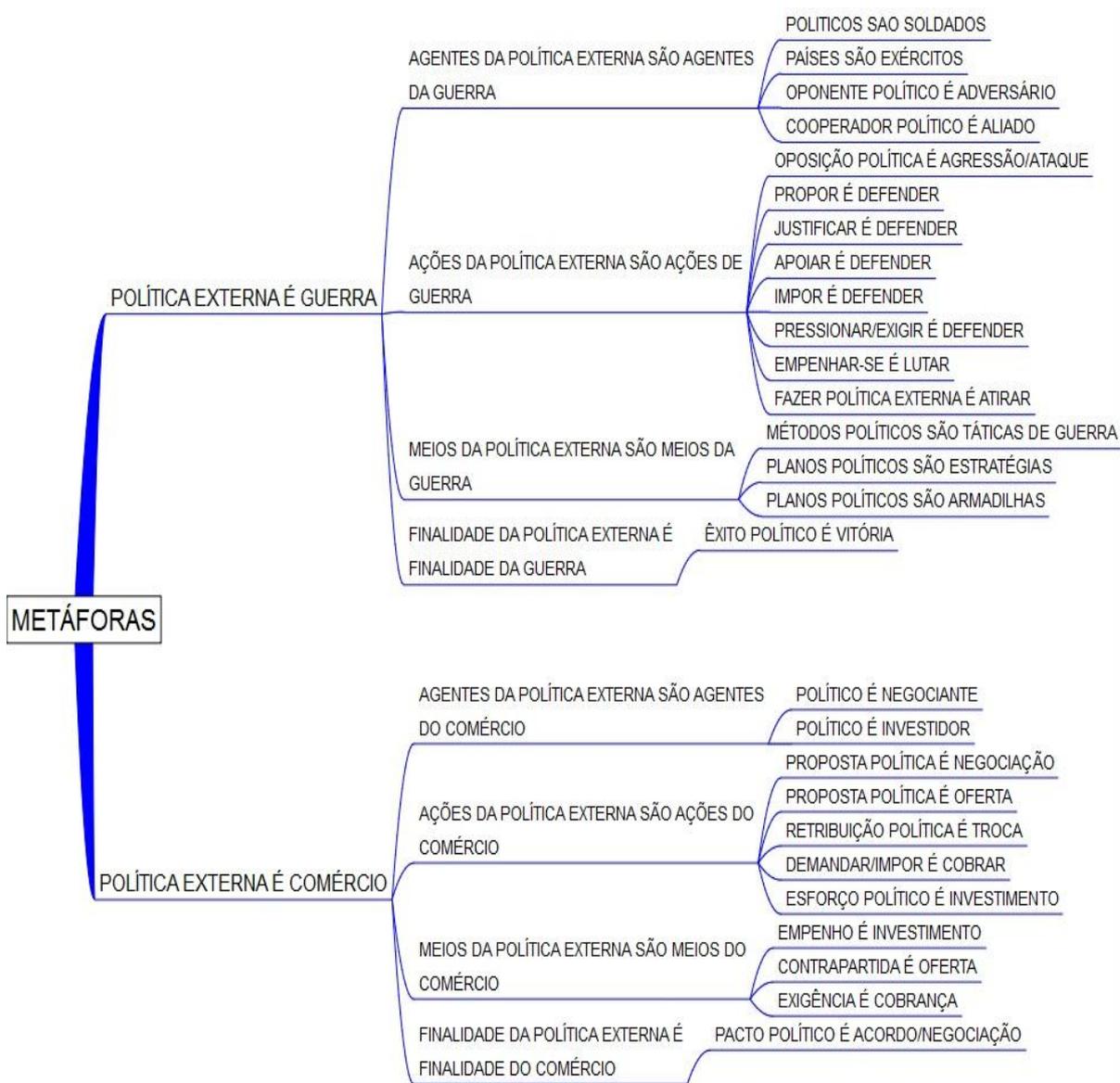


Figura 7: Rede metafórica de POLÍTICA EXTERNA É GUERRA e POLÍTICA EXTERNA É COMÉRCIO

O gráfico na figura 7 demonstra que as metáforas POLÍTICA EXTERNA É GUERRA e POLÍTICA EXTERNA É COMÉRCIO, como também as submetáforas a elas relacionadas, não são aleatórias. As correspondências conceituais apresentam sistematicidade e formam uma rede coerente de mapeamentos que conceptualizam o domínio-alvo POLÍTICA EXTERNA.

As duas metáforas investigadas apresentam grandes semelhanças quanto às estruturas dos seus mapeamentos. AGENTES, AÇÕES, MEIOS e FINALIDADES do domínio GUERRA mapeiam AGENTES, AÇÕES, MEIOS e FINALIDADES do domínio POLÍTICA EXTERNA. Os conceitos AGENTES, AÇÕES, MEIOS e FINALIDADES do domínio COMÉRCIO também conceptualizam AGENTES, AÇÕES, MEIOS e FINALIDADES de POLÍTICA EXTERNA.

Mas essa coerência não é percebida apenas nos mapeamentos metafóricos: os mapeamentos metonímicos envolvidos nesses domínios também revelam coerência. A análise do *corpus* permite-nos categorizar as metonímias conforme proposto na figura 8 abaixo.

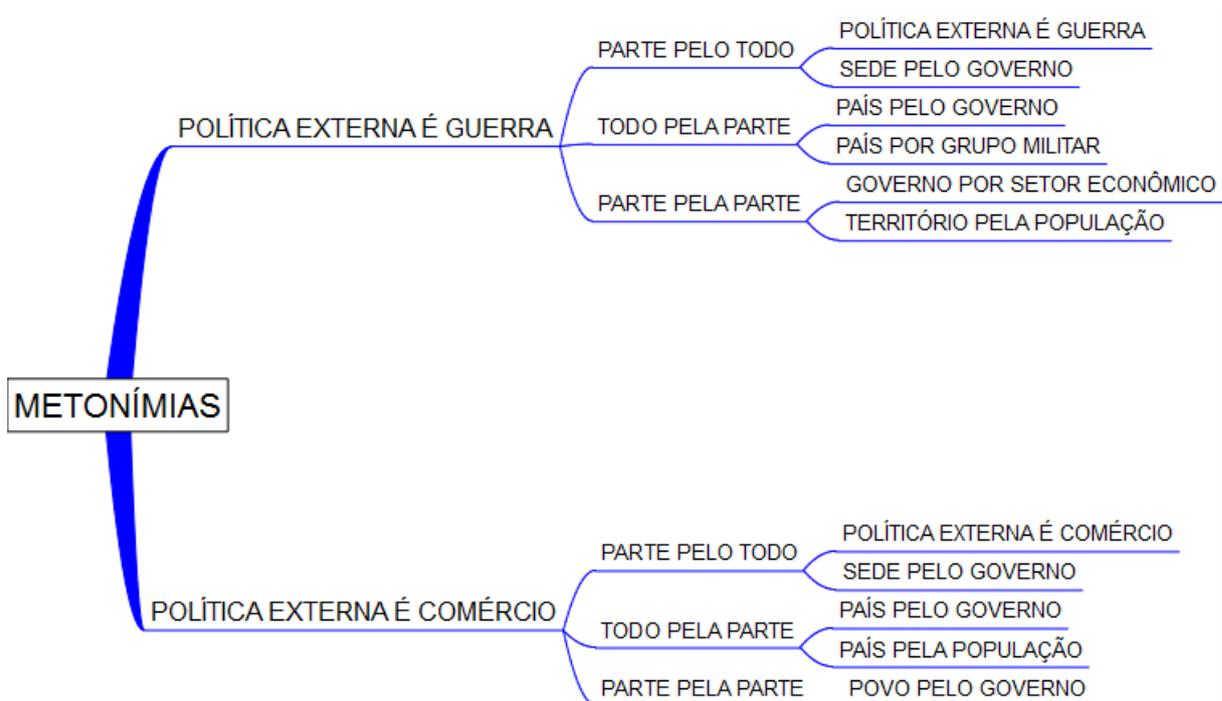


Figura 8: Rede de metonímias relacionadas às metáforas POLÍTICA EXTERNA É GUERRA e POLÍTICA EXTERNA É COMÉRCIO.

Como ocorre com as correspondências metafóricas, as correspondências metonímicas relacionadas às metáforas em análise apresentam grandes semelhanças em suas estruturas, como mostra a figura 8. As metonímias PARTE PELO TODO, TODO PELA PARTE e PARTE PELA PARTE estão subjacentes às duas metáforas objeto desta investigação. Agregamos POLÍTICA EXTERNA É GUERRA e POLÍTICA EXTERNA É COMÉRCIO no grupo das metonímias classificadas como PARTE PELO TODO por motivos que expomos na seção seguinte.

## 4 POLÍTICA EXTERNA, GUERRA E COMÉRCIO: CONCEITOS INSEPARÁVEIS

### 4.1 As interações na construção do conceito POLÍTICA EXTERNA

Segundo a TMC, há conceitos que são construídos a partir de outros conceitos através de mecanismos metafóricos e metonímicos. Constatamos que a POLÍTICA EXTERNA é um destes casos. Na construção desse conceito há uma forte participação de dois domínios: GUERRA e COMÉRCIO. Daí adotarmos, como metáforas objeto de nossa análise, POLÍTICA EXTERNA É GUERRA e POLÍTICA EXTERNA É COMÉRCIO. Constatamos, outrossim, que os mecanismos metonímicos também contribuem para o processo de conceptualização da POLÍTICA EXTERNA. Demonstramos que os domínios se relacionam metaforicamente através dos seguintes mapeamentos gerais:

#### **POLÍTICA EXTERNA É GUERRA**

AGENTES DA POLÍTICA EXTERNA SÃO AGENTES DA GUERRA

AÇÕES DA POLÍTICA EXTERNA SÃO AÇÕES DE GUERRA

INSTRUMENTOS/MEIOS DA POLÍTICA EXTERNA SÃO INSTRUMENTOS/MEIOS DA GUERRA

FINS DA POLÍTICA EXTERNA SÃO FINS DE GUERRA

#### **POLÍTICA EXTERNA É COMÉRCIO**

AGENTES DA POLÍTICA EXTERNA SÃO AGENTES DO COMÉRCIO

AÇÕES DA POLÍTICA EXTERNA SÃO AÇÕES DO COMÉRCIO

INSTRUMENTOS/MEIOS DA POLÍTICA EXTERNA SÃO INSTRUMENTOS/MEIOS DO COMÉRCIO

FINS DA POLÍTICA EXTERNA SÃO FINS DO COMÉRCIO

Constatamos também as seguintes correspondências metonímicas relacionadas às duas metáforas em análise:

TODO PELA PARTE (ex.: PAÍS PELO GOVERNO)

PARTE PELO TODO (ex.: SEDE PELO GOVERNO)

PARTE PELA PARTE (ex.: POVO PELO GOVERNO)

As realizações linguísticas encontradas no *corpus* revelam a conceptualização de POLÍTICA EXTERNA a partir de GUERRA e COMÉRCIO com uma intensa frequência. Mas não

apenas isso, os dados sugerem uma aproximação conceptual entre os três domínios de forma que se percebe uma interação entre eles. Vejamos outros exemplos do *corpus*.

32:

*O pendor ao **protecionismo** demonstrado pelo segundo presidente Bush o manteve distante do tradicional perfil republicano, em teoria mais liberal.*

Veja online 20/01/2009

O exemplo é licenciado pela metáfora POLÍTICA EXTERNA É GUERRA, pois PROTEÇÃO é um conceito de GUERRA. Por “protecionismo”, o texto não faz referência literal à defesa de ataques militares. O protecionismo é uma medida contra um ataque metafórico. O contexto esclarece que se trata da preocupação do presidente dos Estados Unidos em proteger o mercado americano: o presidente Bush adotou medidas políticas para dificultar a entrada de bens de consumo estrangeiros no mercado americano. A medida é “protecionista” porque “protege” os produtores americanos da concorrência de produtos estrangeiros. Um dos tipos dessas medidas protecionistas é a imposição ou elevação da taxa de importação (que discutiremos nos exemplos seguintes).

Há, no entanto, outra interpretação possível para esse mapeamento conceptual: não se pode negar que o texto seja concernente à política externa, mas uma avaliação mais detalhada revela que se trata de um aspecto específico da política externa: o comércio internacional. Como declaramos anteriormente, o comércio é um instrumento da política externa. Uma das atribuições do diplomata, dentre outras, é negociar com países estrangeiros para que os bens produzidos em seu país tenham acesso ao mercado internacional. No âmbito do comércio internacional, cada país objetiva que sua balança comercial seja superavitária, ou seja, que as arrecadações com as exportações sejam superiores aos gastos com as importações. A diplomacia tem um papel relevante para que esse objetivo seja alcançado. Por conseguinte, o conceito COMÉRCIO pode se inserir no domínio POLÍTICA EXTERNA. Sendo assim – se considerarmos que o comércio faz parte da prática da política externa – o mapeamento conceptual POLÍTICA EXTERNA É COMÉRCIO é (além de metáfora) uma metonímia do tipo TODO (POLÍTICA EXTERNA) PELA PARTE (COMÉRCIO). Portanto, se POLÍTICA EXTERNA é o conceito-veículo de acesso a COMÉRCIO, conclui-se que a metáfora POLÍTICA EXTERNA É GUERRA, acima, pode ser traduzida, na verdade, em COMÉRCIO É GUERRA. No mapeamento POLÍTICA EXTERNA É GUERRA, a metáfora interage com a metonímia. A projeção dos conceitos obedece a seguinte sequência: POLÍTICA EXTERNA → COMÉRCIO → GUERRA. O mapeamento de POLÍTICA EXTERNA em COMÉRCIO é metonímico; e o mapeamento de COMÉRCIO em GUERRA é metafórico.

O exemplo 32 não é um caso isolado de expressão linguística em que se verifica a interação metáfora-metonímia entre os três domínios resultando na metáfora COMÉRCIO É GUERRA. No *corpus* há outros exemplos que reforçam essa constatação. A análise do exemplo 32 pode ser aplicada ao exemplo 33 abaixo:

33:

*Na semana passada, a Casa Branca impôs taxas sobre a importação de pneus produzidos na China, o que aumentou temores sobre uma nova onda de **protecionismo** nos Estados Unidos.*

Veja online 21/09/2009

As correspondências conceptuais que licenciam esse exemplo são idênticas às do exemplo anterior. Conforme o texto, o governo americano “impôs taxas sobre a importação...” e isso “aumentou temores sobre uma nova onda de *protecionismo*...” A proteção em questão, como no exemplo 32, não se relaciona a defesa de um ataque literal. A decisão política da “Casa Branca” pretende proteger a indústria produtora de pneus nos Estados Unidos. O “ataque” do qual o governo americano “se protege” é a oferta dos pneus chineses no mercado consumidor americano; como “arma de defesa” a Casa Branca recorre às “taxas sobre a importação”. A imposição da taxa eleva o preço do produto chinês no mercado americano e, dessa forma, o pneu produzido nos Estados Unidos se torna mais competitivo em relação ao produzido na China.

Não há dúvida de que o contexto explicita a metáfora POLÍTICA EXTERNA É GUERRA, mas não se limita a isso. Novamente, trata-se de um aspecto específico da POLÍTICA EXTERNA: o comércio internacional. A política externa, como discutido anteriormente, diz respeito à forma como cada país busca atingir seus objetivos interagindo com os demais países. O comércio internacional é apenas um dos meios de cada nação realizar seus propósitos na política externa. Destarte, a POLÍTICA EXTERNA, no exemplo, é conceptualizada metonimicamente: por POLÍTICA EXTERNA deve-se compreender um de seus aspectos específicos, ou seja, o COMÉRCIO INTERNACIONAL. Revela-se a metonímia TODO (POLÍTICA EXTERNA) PELA PARTE (COMÉRCIO INTERNACIONAL). Por conseguinte, na conceptualização POLÍTICA EXTERNA É GUERRA há uma confluência do mecanismo metafórico e metonímico envolvendo os três domínios investigados nesta dissertação; se considerarmos que POLÍTICA EXTERNA corresponde (metonimicamente) a COMÉRCIO, a correspondência POLÍTICA EXTERNA É GUERRA equivale à metáfora COMÉRCIO (INTERNACIONAL) É GUERRA. Mais uma vez, o *corpus* revela a interação entre os três domínios (POLÍTICA EXTERNA, GUERRA e COMÉRCIO) e entre os dois mecanismos cognitivos (metáfora e metonímia).

34:

*Mario Marconini, diretor de negociações internacionais da Federação das Indústrias de São Paulo e presidente do Conselho de Relações Internacionais da Federação do Comércio do Estado de São Paulo (Fecomércio), destaca outro ponto. “Clinton foi importante politicamente, pois deu **relevância estratégica** ao Brasil”, afirma. “E, na área comercial, não bateu de frente com o país.”*

Veja online 20/02/2009

O contexto do qual o exemplo foi extraído é um artigo intitulado “Obama: relação com Brasil é incógnita; Clinton foi o mais próximo”. O foco da matéria são as relações comerciais entre o Brasil e os Estados Unidos. O texto faz um apanhado geral sobre a postura dos últimos presidentes americanos diante do comércio internacional, principalmente em relação ao Brasil e, como o título denuncia, considera a política de Obama imprevisível quanto à questão. Conforme o exemplo 34, Bill Clinton “deu relevância estratégica ao Brasil”. O conceito representado lexicalmente por “estratégia” pertence ao domínio GUERRA. Como nos casos anteriores, aqui a POLÍTICA EXTERNA é conceptualizada como GUERRA, mas a conceptualização não se refere à POLÍTICA EXTERNA em sua totalidade. Novamente, um aspecto específico da POLÍTICA EXTERNA – o COMÉRCIO INTERNACIONAL – é mapeado por GUERRA. Ou seja: mais uma vez, o COMÉRCIO, conceptualizado metonimicamente como POLÍTICA EXTERNA, é mapeado por GUERRA, gerando a metáfora COMÉRCIO É GUERRA.

Vimos que os domínios-fonte (GUERRA e COMÉRCIO) que atuam na construção do conceito POLÍTICA EXTERNA interagem de tal modo que GUERRA mapeia COMÉRCIO metaforicamente. Mas, além disso, os dados revelam outra relação entre esses domínios.

Examinemos os exemplos que seguem:

21:

*Israel rejeitou nesta segunda-feira qualquer **acordo de paz** com os palestinos que seja imposto pela comunidade internacional. A posição foi apresentada pelo ministro das Relações Exteriores israelense, o ultradireitista Avigdor Lieberman, em entrevista a uma rádio estatal do país.*

Veja online 13/07/2009

22:

*Segundo Lieberman, o acordo passa necessariamente pela aprovação de Israel. “Um **acordo de paz** não pode vir a não ser por negociações diretas e não pode ser imposto” respondeu o chanceler...*

Veja online 13/07/2009

Os exemplos já foram mencionados anteriormente; no capítulo 3 discutimos os mapeamentos que licenciam as metáforas neles presentes e certificamos o seguinte: ACORDO é um conceito vinculado ao domínio COMÉRCIO. Nos contextos dos dois exemplos, “acordo de paz” se refere à mesma coisa: encontrar um meio para eliminar o conflito entre Israel e a Palestina. Sendo assim, não se trata literalmente de comércio. ACORDO mapeia PACTO POLÍTICO, gerando a submetáfora PACTO POLÍTICO É ACORDO COMERCIAL, a metáfora superordenada é POLÍTICA EXTERNA É COMÉRCIO. Curiosamente, o domínio-alvo não é POLÍTICA EXTERNA em sua totalidade, mas somente um aspecto da POLÍTICA EXTERNA: a

GUERRA. Afirmamos acima que a guerra é um instrumento da política externa. O aspecto da política externa a que os exemplos fazem referência são os constantes ataques entre judeus e palestinos. Para esses exemplos, propomos a mesma linha de raciocínio que adotamos para analisar os exemplos 32 a 34. Neste caso, a política externa ao qual o texto se refere são os conflitos armados entre judeus e palestinos. Assim como o comércio internacional, discutido acima, a guerra é apenas um aspecto da política externa. Para atingir seus objetivos, uma nação pode recorrer à força das armas. Conseqüentemente, o domínio POLÍTICA EXTERNA no mapeamento POLÍTICA EXTERNA É COMÉRCIO, representa metonimicamente o domínio GUERRA. A metonímia é TODO (POLÍTICA EXTERNA) PELA PARTE (GUERRA). A correspondência POLÍTICA EXTERNA É COMÉRCIO, nesse caso, equivale à metáfora GUERRA É COMÉRCIO. A projeção dos conceitos pode ser ilustrada da seguinte forma: POLÍTICA EXTERNA → GUERRA → COMÉRCIO. O mapeamento de POLÍTICA EXTERNA em GUERRA é metonímico; e o mapeamento de GUERRA em COMÉRCIO é metafórico.

O mesmo tipo de interação metáfora-metonímia se verifica nos exemplos seguintes.

35:

*Do outro lado, porém, Israel negou que tenha tomado qualquer decisão sobre a **proposta de trégua** do Egito. “Estamos falando com o Egito. Hoje à noite Amos Gilad (do Ministério da Defesa) voltará, fará um relato e então decidiremos”, afirmou um porta-voz do governo israelense, Mark Regev.*

Veja online 15/01/2009

36:

*Até este momento, por exemplo, o governo Obama foi incapaz de conseguir que israelenses e palestinos retomem as **negociações de paz**, apesar da intensa diplomacia.*

Veja online 21/09/2009

Os exemplos 35 e 36 confirmam as conclusões a que chegamos ao analisarmos os exemplos 22 e 23. As expressões “proposta” (exemplo 35) e “negociações” (exemplo 36) fazem parte do domínio COMÉRCIO. Os dois vocábulos evocam conceitos inter-relacionados: a proposta consiste basicamente na oferta de um pagamento por um produto ou na oferta de um produto por um pagamento; a negociação é o processo do qual a proposta faz parte. Tanto o conceito PROPOSTA como o conceito NEGOCIAÇÃO são usados metaforicamente para conceptualizar POLÍTICA EXTERNA – mais uma vez em referência às relações entre Israel e a Palestina. Esses exemplos expõem exatamente o mesmo tema dos exemplos 22 e 23, o conflito Israel-Palestina. Dessa forma, a relação entre os conceitos segue configuração semelhante: POLÍTICA EXTERNA mapeia GUERRA metonimicamente; COMÉRCIO mapeia GUERRA metaforicamente, por conseguinte, POLÍTICA EXTERNA É COMÉRCIO, neste caso, reúne correspondência metafórica e metonímica.

Essa análise desvenda não só a interação da metáfora com a metonímia na construção do conceito POLÍTICA EXTERNA, mas também revela que há interação entre os três domínios: o domínio-alvo POLÍTICA EXTERNA e os domínios-fonte GUERRA e COMÉRCIO. No capítulo anterior, vimos que os domínios GUERRA e COMÉRCIO projetam-se individualmente no domínio-alvo. Aqui, comprovamos que esses domínios interagem e atuam conjuntamente conceptualizando POLÍTICA EXTERNA. Neste processo, os domínios provocam também a interação metáfora-metonímia. A figura 9 abaixo ilustra graficamente estes processos.

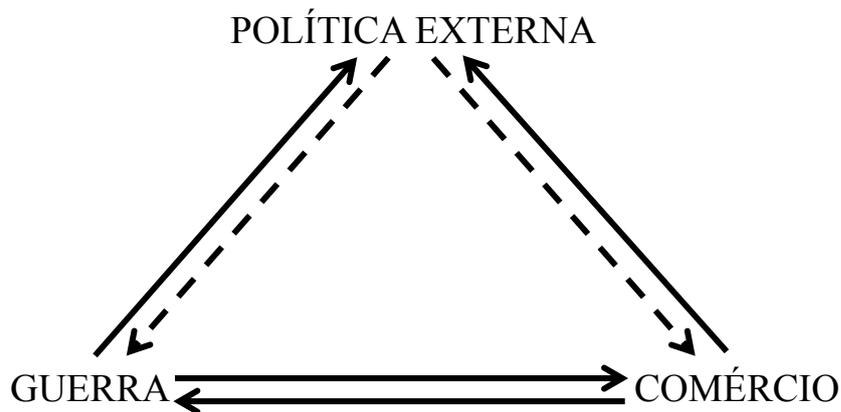


Figura 9: Interação metáfora-metonímia entre os domínios POLÍTICA EXTERNA, GUERRA e COMÉRCIO.

As setas sólidas referem-se a projeções metafóricas; as tracejadas, a projeções metonímicas. Conforme indica a figura: GUERRA se projeta em POLÍTICA EXTERNA e COMÉRCIO via metáfora; COMÉRCIO se projeta em POLÍTICA EXTERNA e GUERRA via metáfora; POLÍTICA EXTERNA se projeta em GUERRA e COMÉRCIO via metonímia.

Cabe observar que os mapeamentos COMÉRCIO É GUERRA e GUERRA É COMÉRCIO não implica na quebra da unidirecionalidade metafórica, as correspondências geradas nas duas metáforas são diferentes. Se, por exemplo, considerarmos o protecionismo do comércio exterior, podemos verificar que as TAXAS ALFANDEGÁRIAS são compreendidas em termos de ARMAS, mas ARMAS não podem ser compreendidas em termos de TAXAS ALFANDEGÁRIAS. Semelhantemente, a TRÉGUA – pela qual se negocia – é compreendida em termos de MERCADORIA, mas não se compreende MERCADORIA em termo de TRÉGUA.

#### **4.2 POLÍTICA EXTERNA, GUERRA e COMÉRCIO: uma conceptualização comum**

Os domínios estudados nesta investigação são distintos uns dos outros. A política

externa diz respeito à condução dos interesses de um país diante da comunidade internacional. A guerra é o exercício da violência física para mudar o estado de coisas. Finalmente, o comércio é a prática do intercâmbio de bens com vistas ao lucro por parte de quem vende e o usufruto do produto por parte de quem compra.

A política externa é exercida pelo diplomata<sup>35</sup> cuja função precípua é representar seu país nas relações internacionais. O instrumento utilizado para conseguir êxito ao executar a sua função é o argumento, o poder de persuasão. Quanto maior a habilidade do diplomata no uso dos argumentos, mais satisfatórios serão os resultados de sua tarefa. O soldado, por outro lado, é o agente que protagoniza a guerra. Seu papel é defender-se dos ataques do inimigo ao mesmo tempo em que tenta derrotá-lo. As chances de sucesso do soldado dependem, basicamente, da posse das melhores armas e da competência do soldado em manuseá-las. Já o comércio é realizado pelo negociante. Nele, a figura do vendedor é mais saliente que a do comprador; geralmente se chama negociante (ou comerciante) aquele que vende o produto. Como já expusemos, o objetivo do comerciante é vender seu produto pelo maior valor possível. O sucesso do comerciante depende de sua habilidade de persuasão. Ele precisa convencer as pessoas de que seu produto tem as qualidades desejadas e um preço justo.

Em sua execução, a política externa, a guerra e o comércio se apresentam como atividades bastante distintas. Como vimos, são realizadas por profissionais diferentes, com ações diferentes e com propósitos diferentes. No entanto, quanto à estrutura, é possível identificarmos semelhanças entre os conceitos POLÍTICA EXTERNA, GUERRA e COMÉRCIO. Os conceitos compartilham uma mesma conceptualização geral: os três domínios podem ser compreendidos como INTERAÇÕES COM PROPÓSITOS. Entendemos que essa característica conceptual comum aos três domínios viabiliza a aproximação entre eles, e possibilita as múltiplas correspondências metafóricas e metonímicas.

### **4.3 Esquema de imagem comum**

Afirmamos acima que POLÍTICA EXTERNA, GUERRA E COMÉRCIO partilham uma conceptualização geral comum – INTERAÇÕES COM PROPÓSITOS. Depreende-se disso que deve haver um esquema de imagem compartilhado pelos domínios. Propomos que esse esquema

---

<sup>35</sup> Usamos o termo diplomata em seu sentido mais amplo, com referência a qualquer agente oficial incumbido de representar seu país internacionalmente.

imagético é o da FORÇA<sup>36</sup>. Relembrando o que discutimos no capítulo 2 sobre os esquemas imagéticos, Johnson (1987) destaca seis características importantes do esquema FORÇA: ela envolve *interação*, projeta-se numa *direção*, geralmente segue *trajeto* único, projeta-se de uma fonte para um *alvo*, apresenta *intensidade* e envolve sequência de *causalidade*. O *trajeto* e o *alvo* da FORÇA estão relacionados ao fato de ela ter uma *direção*.

Na POLÍTICA EXTERNA, esses traços do esquema da FORÇA são perceptíveis. Esse tipo de política não se realiza sem a *interação* entre pelo menos dois países. As ações de cada nação são *direcionadas* para outra nação. As ações seguem um percurso (*trajeto*) – às vezes um país interage diretamente com outro, às vezes o faz por intermédio de um terceiro. As ações da política externa são realizadas com maior ou menor *intensidade*, conforme o acaso. Uma vez que as ações políticas visam produzir efeitos, elas têm como atributo a *causalidade*. A própria definição de política como “exercício do poder” torna evidente que o conceito POLÍTICA EXTERNA fundamenta-se no esquema de imagem da FORÇA.

A GUERRA também apresenta característica do esquema da FORÇA. Aliás, não se pode negar que a guerra é o exercício da força física em seu mais alto grau. Por esse motivo, as características da FORÇA se apresentam tão evidentes no conceito GUERRA. A guerra é a *interação* entre dois (ou mais) inimigos em que cada um tem o *propósito* de derrotar o outro. As ações da guerra partem de uma origem e são *direcionadas* para um *alvo* através de um *trajeto*. Os atos de guerra se mostram mais ou menos *intensos*, conforme a situação. Os ataques militares sempre visam produzir *efeitos* como, por exemplo, submeter o inimigo derrotado à vontade do vencedor.

Ainda que mais sutilmente,<sup>37</sup> as características do esquema da FORÇA também são perceptíveis no conceito COMÉRCIO. O comércio consiste na *interação* entre os negociantes. As ações dos comerciantes são *direcionadas* de uma origem (comerciante A) para um destino (comerciante B) através de um *trajeto* (forma de negociar). A atuação do comerciante tem *intensificação* variada, determinada pelo grau de dificuldade da negociação. O agir do comerciante sempre *objetiva* a produção do *efeito* desejado, obter vantagens nas negociações.

Embora não se possam ignorar as peculiaridades de cada um dos três conceitos em análise, as evidências nos levam a concluir que o esquema de imagem da força é uma –

---

<sup>36</sup> Não estamos sugerindo que o esquema de imagem da FORÇA seja o único subjacente aos três domínios. São domínios muito complexos e certamente outros esquemas são envolvidos na construção desses conceitos. O que defendemos é que o esquema da FORÇA desempenha um papel importante (talvez o mais importante) na edificação dos conceitos POLÍTICA EXTERNA, GUERRA e COMÉRCIO.

<sup>37</sup> A sutileza ocorre porque o esquema da força presente no domínio COMÉRCIO é metafórico. Para vender ou comprar um produto, o negociante não exerce literalmente a força física. Nas transações comerciais cada parte se esforça no uso dos argumentos para persuadir a outra.

talvez a principal – das estruturas conceituais básicas nas quais os domínios POLÍTICA EXTERNA, GUERRA e COMÉRCIO se fundamentam. A conceptualização geral que propusemos para os três conceitos (INTERAÇÕES COM PROPÓSITOS) é compatível com o que acabamos de argumentar: não existe ação sem a presença da força, e o exercício da força é geralmente condicionado por um propósito. Além disso, como afirma Johnson (1987, p. 43), “não há esquema de força que não envolva interação, ou interação potencial”<sup>38</sup>.

A política (interna ou externa) é, por definição, o próprio exercício do poder (força). Os domínios GUERRA e COMÉRCIO – conceptualizadores de POLÍTICA EXTERNA – também consistem no exercício da força (a GUERRA de forma mais saliente). Disso podemos inferir que o esquema de imagem da FORÇA pode ser uma explicação para o fato de os conceitos GUERRA e COMÉRCIO *agirem e interagirem* na construção do domínio POLÍTICA EXTERNA. Exercer a política é exercer a força em maior ou menor grau. Podemos considerar o conceito da POLÍTICA EXTERNA como um *continuum* em que numa extremidade está o conceito COMÉRCIO e na outra, o conceito GUERRA. Quando a POLÍTICA EXTERNA é exercida com menos força, ela é conceptualizada como COMÉRCIO; quando a POLÍTICA EXTERNA é exercida com mais força, ela é conceptualizada como GUERRA. O que parece evidente é que o conceito POLÍTICA EXTERNA não subsiste sem o conceito FORÇA.

#### **4.4 Política externa: sua conceptualização metafórica, sua compreensão teórica e sua execução.**

A Teoria da Metáfora Conceptual possibilitou-nos analisar o conceito POLÍTICA EXTERNA de modo que os dados investigados revelaram uma conceptualização metafórica de POLÍTICA EXTERNA que se compatibiliza com a sua compreensão teórica. As metáforas que estruturam o conceito de POLÍTICA EXTERNA também refletem os próprios objetivos dessa política em sua execução prática, quais sejam, a conquista de poder econômico e de poder militar.

No capítulo 2, afirmou-se que a definição de *política* está intimamente ligada à definição de poder. O poder político consiste na relação entre sujeitos em que um busca impor sua vontade sobre o outro, recorrendo aos meios adequados para atingir esse objetivo. Em

---

<sup>38</sup> There is no schema for force that does not involve interaction, or potential interaction.

consonância com essa definição de poder, vimos que por meio de metáforas e metonímias a POLÍTICA EXTERNA é compreendida em termos de GUERRA e de COMÉRCIO. Constatamos ainda, que os dois conceitos-fonte trazem em suas estruturas conceptuais o esquema de imagem da FORÇA. Segue-se, portanto, que a compreensão metafórica de POLÍTICA EXTERNA harmoniza-se com a compreensão teórica da política. Propomos que POLÍTICA EXTERNA SÃO INTERAÇÕES COM OBJETIVOS. Essa conceptualização geral abriga tanto a metáfora POLÍTICA EXTERNA É GUERRA, como POLÍTICA EXTERNA É COMÉRCIO. Se as interações da POLÍTICA EXTERNA são realizadas com pouca intensidade ou força, ela corresponde metaforicamente a COMÉRCIO; se as interações, por outro lado, apresentarem muita intensidade, ela corresponde metaforicamente à GUERRA.

Aron (2002: 52-53) argumenta que as relações interestatais se manifestam através de dois canais especiais, personagens que o autor chama simbolicamente de *diplomata*, e de *soldado*. A função do diplomata é defender os interesses do seu país por meio do diálogo, da negociação. Ao soldado, cabe a função de defender o seu país pelo “derramamento de sangue”. Conforme Aron (2002: 53):

Ciência da paz e da guerra, o conhecimento das relações internacionais pode servir como base para a diplomacia e para a estratégia - os dois métodos, complementares e opostos, com que os Estados se interrelacionam. A guerra não pertence ao domínio das artes e das ciências, mas ao da existência social. É um conflito de grandes interesses resolvido pelo derramamento de sangue e somente nisto difere dos outros tipos de conflito. Seria mais apropriado compará-la ao comércio, que é também um conflito de interesses e de atividades, do que a uma arte qualquer.

Teórico das relações internacionais, Aron conceitua as relações internacionais como “a ciência da paz e da guerra” e explica que as relações entre os estados se dão pela “diplomacia” (negociação) e pela “estratégia” (guerra). Sem dúvida, o conhecimento de *comércio* e *guerra* contribui definitivamente para a compreensão teórica das relações internacionais.

É evidente que as declarações teóricas sobre *política internacional* reproduzidas neste trabalho são limitadas e se perdem na imensidão das discussões que os teóricos já produziram sobre o assunto. Mas no nosso entendimento, o que acabamos de expor nos autoriza concluirmos que há um ponto de encontro entre essas teorias e a compreensão metafórica da POLÍTICA EXTERNA.

No início deste trabalho, argumentamos que o poder econômico e o poder militar andam de mãos dadas nas relações internacionais. A regra é a nação economicamente forte mostrar grande capacidade também na área militar. Essa aproximação entre o poder econômico e o poder militar é uma necessidade óbvia. O poder de destruir o inimigo é o instrumento mais eficaz pelo qual uma nação pode preservar e até robustecer a sua riqueza. A

conceptualização metafórica da POLÍTICA EXTERNA também se compatibiliza com essa realidade das relações internacionais. Durante todo o trabalho, expusemos que na construção do sentido de POLÍTICA EXTERNA, os conceitos GUERRA e COMÉRCIO apresentam-se inseparáveis.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta dissertação, buscamos demonstrar como o conceito POLÍTICA EXTERNA é estruturado. Para tanto, adotamos como aporte teórico a Teoria da Metáfora Conceptual, conforme proposta por Lakoff e Johnson (1980, 1999). Além da TMC, foi-nos útil, também, o conceito de Esquema de Imagem, como exposto por Johnson (1987).

Partimos do pressuposto de que o domínio conceptual POLÍTICA EXTERNA é nutrido pelos domínios-conceptuais GUERRA e COMÉRCIO – o que foi confirmado conforme avançávamos na análise dos dados. Ao investigarmos os elementos que compunham os três domínios, constatamos a existência de um número significativo de mapeamentos metafóricos entre eles. Os conceitos dos domínios GUERRA e COMÉRCIO mapeiam os conceitos do domínio POLÍTICA EXTERNA de forma sistemática.

Tanto as correspondências conceptuais relacionadas à metáfora POLÍTICA EXTERNA É GUERRA, como aquelas ligadas à POLÍTICA EXTERNA É COMÉRCIO formam uma rede coerente de metáforas e metonímias. Pudemos identificar essa rede de metáforas porque os dados revelaram que os conceitos referentes aos domínios podem ser percebidos como subordinados a conceitos mais gerais: AÇÕES, AGENTES, INSTRUMENTOS e FINALIDADE/OBJETIVO.

Os dados linguísticos mostram nos domínios-fonte uma predominância de expressões licenciadas por INTERAÇÕES DE GUERRA e INTERAÇÕES DE COMÉRCIO. Essas INTERAÇÕES são mapeadas em INTERAÇÕES de POLÍTICA EXTERNA. Consequentemente, o AGENTE POLÍTICO é compreendido metaforicamente em termos de AGENTE DA GUERRA e AGENTE DO COMÉRCIO. Nesses mapeamentos, geralmente subjazem mapeamentos metonímicos. Nas metonímias (inseridas nos mapeamentos metafóricos), o conceito-alvo POLÍTICO (AGENTE DA POLÍTICA) é acessado pelo conceito-veículo PAÍS com uma constância notável. Dessa forma, ao projetar-se do domínio-fonte para mapear o domínio-alvo, a unidade conceptualizadora percorre um caminho mais longo: ao partir do domínio-fonte, ela não atinge diretamente o elemento efetivamente conceptualizado, ela chega primeiro ao conceito-veículo da metonímia, que a conduz ao seu destino final: o conceito a que se propõe conceptualizar metaforicamente. Conforme um número significativo dos exemplos analisados, o processo da construção metafórica do domínio POLÍTICA EXTERNA envolve, ao mesmo tempo, o mecanismo metafórico e o mecanismo metonímico. Mas a interação entre metáfora e metonímia não se limita a esse modelo.

Os dois mecanismos conceptuais (metafóricos e metonímicos) operam

conjuntamente, mas, além disso, ensejam a interação entre os domínios, surgindo daí projeções conceptuais recíprocas. Os domínios-fonte (GUERRA e COMÉRCIO) mapeiam o domínio-alvo por processo metafórico; o domínio-alvo (POLÍTICA EXTERNA) mapeia GUERRA e COMÉRCIO por processo metonímico; essas metonímias tornam possíveis mapeamentos recíprocos entre GUERRA e COMÉRCIO, gerando as metáforas COMÉRCIO É GUERRA e GUERRA É COMÉRCIO. Observamos que estas projeções conceptuais recíprocas entre os domínios em análise não vão de encontro ao princípio da unidirecionalidade. A conclusão disto é que os mapeamentos POLÍTICA EXTERNA É GUERRA e POLÍTICA EXTERNA É COMÉRCIO, objeto deste estudo, são correspondências metafóricas e metonímicas. Esta comprovação sinaliza que uma análise mais aprofundada das relações entre os três domínios pode resultar em elucidações substanciais a respeito da relação metáfora-metonímia.

Defendemos que a relação simbiótica aqui descrita entre os domínios não seria possível se eles não compartilhassem uma estrutura conceptual comum. No transcurso de nossas argumentações, tentamos demonstrar que essa estrutura conceptual comum se assenta no esquema de imagem da FORÇA.

Constatamos ainda que a compreensão metafórica da POLÍTICA EXTERNA não contradiz o conhecimento teórico sobre as relações internacionais. Pelo contrário, as duas formas de compreensão do conceito compatibilizam-se. Se metaforicamente, como vimos, POLÍTICA EXTERNA é compreendida em termos de COMÉRCIO e de GUERRA, para os teóricos da política, a *negociação* e a *guerra* são os únicos expedientes pelos quais os estados atingem seus objetivos. Tanto na ciência das relações internacionais como na compreensão metafórica, a POLÍTICA EXTERNA consiste essencialmente no exercício da força. Assim, o conceito pode ser distribuído num *continuum* em que num pólo está COMÉRCIO e no outro está GUERRA, o exercício da força com menos intensidade e o exercício da força com mais intensidade, respectivamente. Mesmo não sendo este o foco de nossa investigação, identificamos que os domínios GUERRA e COMÉRCIO – pelo menos na conceptualização de POLÍTICA EXTERNA – não apresentam limites definidos, a indefinição dos limites entre os dois domínios é tal que se percebem projeções metafóricas recíprocas entre seus elementos; ressaltamos que, neste estudo, este fenômeno se mostra vinculado ao processo de conceptualização de POLÍTICA EXTERNA.

Além de mostrar como se dá a compreensão metafórica do nosso domínio-alvo, esperamos ter contribuído também para uma melhor elucidação da interação metáfora-metonímia, uma vez que são mecanismos frequentemente imbricados, como revelam os exemplos que investigamos. Cremos que o conteúdo exposto no trabalho seja útil para um

melhor entendimento desses dois tipos de mapeamentos. A elucidação a que nos propomos não significa estabelecer uma linha divisória entre os dois mecanismos cognitivos. Muito já se falou sobre as dificuldades de se diferenciar a metáfora da metonímia – esta é, certamente, uma das questões mais controversas na Linguística Cognitiva. Buscamos demonstrar da forma mais elucidativa possível como metáfora e metonímia interagem na conceptualização de POLÍTICA EXTERNA. Porém, acreditamos que uma contribuição igualmente importante está no fato de o presente estudo revelar que a interação metáfora-metonímia pode também envolver domínios múltiplos na conceptualização de um domínio-alvo comum. Entendemos que uma pesquisa que focalize este fenômeno específico pode proporcionar elucidações importantes a TMC.

Ao iniciar esta dissertação, anunciamos um dos principais pressupostos da Linguística Cognitiva, qual seja, o de que os conceitos não se estruturam por si mesmos, mas são estruturados por outros conceitos. O que os dados revelaram no decorrer desse estudo nos autoriza afirmar que o conceito POLÍTICA EXTERNA não se sustenta sem os conceitos GUERRA e COMÉRCIO. GUERRA e COMÉRCIO são domínios indispensáveis à conceptualização de POLÍTICA EXTERNA. Julgamos que as inferências dessa constatação lançam luz na nossa compreensão e no nosso raciocínio sobre POLÍTICA EXTERNA.

Defendemos, neste trabalho, a existência de uma estrutura conceptual básica subjacente aos três domínios investigados. Isso sugere a hipótese de que as metáforas analisadas – embora estruturadas a partir de domínios complexos – podem ser motivadas por mapeamentos construídos a partir de experiências básicas, o que nos leva ao reconhecimento de que o tema merece um estudo detalhado à luz da proposta teórica de Grady (1997) sobre a Metáfora Primária. Se o esquema da força – gerado em nosso sistema cognitivo a partir de experiências corpóreas – fundamenta os conceitos aqui analisados, as metáforas POLÍTICA EXTERNA É GUERRA e POLÍTICA EXTERNA É COMÉRCIO podem ser derivadas de metáforas primárias.

Por fim, acreditamos ter alcançado os objetivos a que nos propomos: descrevemos como o domínio POLÍTICA EXTERNA é estruturado metafóricamente e metonimicamente a partir dos domínios GUERRA e COMÉRCIO e comprovamos a sistematicidade dos mapeamentos ao identificarmos uma rede coerente de metáforas e de metonímias. No desenvolvimento da pesquisa, vimos que a interação entre metáfora e metonímia pode envolver a interação entre domínios diferentes na estruturação metafórica (e metonímica) de um domínio-alvo. Tais constatações ampliam as possibilidades de exploração científica no campo da Linguística Cognitiva.

## REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Arte poética**. São Paulo: Martin Claret, 2003.
- ARON, Raymond. **Paz e guerra entre as nações**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002.
- BARCELONA, Antonio. Clarifying and applying the notions of metaphor and metonymy within cognitive linguistics: an update. *In*: DIRVEN, René; PÖRINGS, Ralf. **Metaphor and Metonymy in Comparison and Contrast**. New York: Mouton de Gruyter, p. 207 – 277, 2003.
- BERBER SARDINHA, Tony. **Metáfora**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco (Orgs.). **Dicionário de Política**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.
- BULL, Hedley. **A sociedade anárquica**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.
- CARVALHO, Sérgio Nascimento de. **A “guerra” nas palavras: uma análise crítica da metáfora conceptual na retórica do presidente G. W. Bush Jr. e de seus colaboradores**. 2006. Tese (Doutorado em Letras) – Centro de Estudos Gerais, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2006.
- CERVO, Amado Luiz. Relações internacionais do Brasil. *In*: CERVO, Amado. (Org.). **O desafio internacional**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, p. 9 – 58, 1994.
- \_\_\_\_\_. A instabilidade internacional (1919-1939). *In*: SARAIVA, José Flávio Sombra. **História das relações internacionais contemporâneas**. São Paulo: Saraiva, p.131 – 167, 2007.
- \_\_\_\_\_; BUENO, Clodoaldo. **História da política exterior do Brasil**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.
- CLAUSEWITZ, Carlos von. **Da guerra: a arte da estratégia**. São Paulo: Tahyu, 2005.
- CURTIN, Philip D. **Cross-cultural trade in world history**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
- EVANS, Vyvyan; GREEN, Melanie. **Cognitive linguistics: an introduction**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006.
- FARIAS, Emília Maria Peixoto. Cognição, metáfora e ensino. *In*: MACEDO, A. C.; FELTES, H. P.; FARIAS, E. M. **Cognição e linguística: explorando territórios, mapeamentos e percursos**. Porto Alegre: Edipucrs, p. 213 – 227, 2008.
- FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. Metaphor, metonymy, and biding. *In*: **Metaphor and metonymy in comparison and contrast**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, p. 469 – 487, 2003.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2004.

GIBBS, Raymond W. **The poetics of mind**. New York: Cambridge University Press, 1994.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas, 2009.

GOVE, Philip Babcock. **Webster's third new international dictionary of the English language unabridged**. Springfield: Merriam-Webster, 2002.

GRADY, Joseph. **Foundations of meaning: primary metaphors and primary scenes**. Ph.D. Dissertation – University of California, Berkeley, 1997.

\_\_\_\_\_. Metaphor. In: GEERAERTS, Dirk; CUYCHENS, Hubert. **The Oxford handbook of cognitive linguistics**. New York: Oxford University Press, p. 188 – 213, 2007.

\_\_\_\_\_; JOHNSON, Christopher. **Converging evidence for the notions of subscene and primary scene**. University of California, Berkeley, 1997.

HILL, Jimmie; LEWIS, Michael. **LTP Dictionary of selected collocations**. Hove: Language Teaching Publications, 1997.

HOBBS, Thomas. **Leviatã**. São Paulo: Martin Claret, 2006.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JOHNSON, Mark. **The body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination, and reason**. Chicago, London: The University of Chicago Press, 1987.

KENNEDY, Paul. **Ascensão e queda das grandes potências: transformação econômica e conflito militar de 1500 a 2000**. Rio de Janeiro: Elsevier, 1989.

KÖVECSES, Zoltán. **Metaphor: a practical introduction**. New York: Oxford University Press, 2002.

\_\_\_\_\_. **Metaphor and emotion: language, culture, and body in human feeling**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

\_\_\_\_\_. **Metaphor in culture: universality and variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

LAKOFF, George. **Women, fire and dangerous things**. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

\_\_\_\_\_. **War on terror, rest in peace**. [Artigo publicado em 1 de agosto de 2005, na internet]. Disponível em: <http://www.alternet.org/story/23810/>. Acesso em: 9 mai. 2010.

\_\_\_\_\_. **Don't Think of an Elephant**. Canada, USA: Chelsea Green, 2004.

\_\_\_\_\_. **Moral Politics**. Chicago e London: U.C. Press, 2002.

\_\_\_\_\_. The contemporary theory of metaphor. *In*: GEERAERTS, Dirk. **Cognitive Linguistics: basic readings**. Berlin-New York: Mouton de Gruyter, p. 185 – 238, 2006.

\_\_\_\_\_. The neural theory of metaphor. *In*: GIBBS, Raymond. **The Cambridge handbook of metaphor and thought**. New York: Cambridge University Press, p. 17 – 38, 2008.

\_\_\_\_\_; JOHNSON, Mark. **Metaphors we live by**. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

\_\_\_\_\_; JOHNSON, M. **Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought**. New York: Basic Books, 1999.

\_\_\_\_\_; TURNER, Mark. **More than cool reason: a field guide to poetic metaphor**. Chicago: University of Chicago Press, 1989.

LEITE, Ricardo Lopes. **Metaforização textual: a construção discussiva do sentido metafórico no texto**. 2007. 212 f. Tese (Doutorado Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

LIMA, Paula Lenz Costa. **Desejar é ter fome: novas ideias sobre antigas metáforas conceituais**, 1999. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

\_\_\_\_\_. About primary metaphors. **D.E.L.T.A.**, 22: ESPECIAL, 2006 (109-122).

\_\_\_\_\_; FELTES, H. P.; MACEDO, A. C. Cognição e metáfora: a teoria da metáfora conceptual. *In*: MACEDO, A. C.; FELTES, H. P.; FARIAS, E. M. **Cognição e linguística: explorando territórios, mapeamentos e percursos**. Porto Alegre: Edipucrs, p. 127 – 165, 2008.

MANKIW, N. Gregory. **Introdução à economia: princípios de micro e macroeconomia**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2001.

MARKONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia do trabalho científico**. 6. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2001.

MORGENTHAU, Hans. **A política entre as nações**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. 2003.

NUYTS, Jan. Cognitive linguistics and functional linguistics. *In*: GEERAERTS, Dirk; CUYCHENS, Hubert. **The Oxford handbook of cognitive linguistics**. New York: Oxford University Press, p. 543 – 565, 2007.

**Revista Veja on-line**. Disponível em <http://veja.abril.com.br/>

REZEK, J. F. **Direito internacional público**. São Paulo: Editora Saraiva, 2002.

SILVA, Geraldo Eulálio do Nascimento e; ACCIOLY, Hildebrando. **Manual de direito internacional**. São Paulo: Editora Saraiva, 2002.

SENF, Gunter. Nominal classification. *In*: GEERAERTS, Dirk; CUICHENS, Hubert. **The Oxford handbook of cognitive linguistics**. New York: Oxford University Press, p. 676 – 696, 2007.

STEFANOWITSCH, Anatol; GRIES, Stefan. **Corpus-based approaches to metaphor and metonymy**. Berlin: Walter de Gruyter, 2006.

**ANEXOS**

## ANEXO 1

Lista das palavras dos textos produzida pelo *WordList*.

N	Word	Freq.	%	Texts	%	Lemmas	Set
1	DE	772	4,8774	1	100		
2	O	556	3,5128	1	100		
3	A	547	3,4559	1	100		
4	QUE	399	2,5208	1	100		
5	E	312	1,9712	1	100		
6	DO	287	1,8132	1	100		
7	DA	205	1,2952	1	100		
8	COM	198	1,2509	1	100		
9	PARA	184	1,1625	1	100		
10	OS	157	0,9919	1	100		
11	UMA	157	0,9919	1	100		
12	NA	149	0,9414	1	100		
13	UM	147	0,9287	1	100		
14	NO	138	0,8719	1	100		
15	NÃO	120	0,7582	1	100		
16	PRESIDENTE	107	0,676	1	100		
17	AO	99	0,6255	1	100		
18	SE	94	0,5939	1	100		
19	DOS	93	0,5876	1	100		
20	AS	92	0,5812	1	100		
21	OBAMA	89	0,5623	1	100		
22	POR	79	0,4991	1	100		
23	GOVERNO	66	0,417	1	100		
24	MAIS	64	0,4043	1	100		
25	É	62	0,3917	1	100		
26	ESTADOS	59	0,3728	1	100		
27	À	57	0,3601	1	100		
28	FOI	56	0,3538	1	100		
29	BRASIL	54	0,3412	1	100		
30	DAS	54	0,3412	1	100		
31	UNIDOS	53	0,3348	1	100		
32	DIPLOMACIA	50	0,3159	1	100		
33	ELE	50	0,3159	1	100		
34	EUA	50	0,3159	1	100		
35	FEIRA	50	0,3159	1	100		
36	COMO	49	0,3096	1	100		
37	DISSE	49	0,3096	1	100		
38	PAÍS	49	0,3096	1	100		
39	SOBRE	48	0,3033	1	100		
40	MAS	47	0,2969	1	100		
41	SUA	47	0,2969	1	100		
42	PELO	45	0,2843	1	100		
43	SEU	45	0,2843	1	100		
44	PELA	44	0,278	1	100		
45	IRÃ	43	0,2717	1	100		
46	ENTRE	42	0,2654	1	100		
47	SEGUNDO	39	0,2464	1	100		
48	AFIRMOU	37	0,2338	1	100		
49	TAMBÉM	37	0,2338	1	100		
50	PAÍSES	36	0,2274	1	100		

51	NESTA	35	0,2211	1	100
52	HONDURAS	34	0,2148	1	100
53	ISRAEL	33	0,2085	1	100
54	ZELAYA	33	0,2085	1	100
55	AMERICANO	32	0,2022	1	100
56	RELAÇÕES	32	0,2022	1	100
57	BUSH	31	0,1959	1	100
58	CLINTON	30	0,1895	1	100
59	INTERNACIONAL	30	0,1895	1	100
60	MUNDO	30	0,1895	1	100
61	AOS	29	0,1832	1	100
62	ESTADO	28	0,1769	1	100
63	ACORDO	27	0,1706	1	100
64	GAZA	27	0,1706	1	100
65	MINISTRO	27	0,1706	1	100
66	RÚSSIA	27	0,1706	1	100
67	AGÊNCIA	26	0,1643	1	100
68	JÁ	26	0,1643	1	100
69	ONU	26	0,1643	1	100
70	ESTÁ	25	0,1579	1	100
71	NOS	25	0,1579	1	100
72	BARACK	24	0,1516	1	100
73	WASHINGTON	24	0,1516	1	100
74	AINDA	23	0,1453	1	100
75	CRISE	23	0,1453	1	100
76	ANOS	22	0,139	1	100
77	ISRAELENSE	22	0,139	1	100
78	NOVA	22	0,139	1	100
79	PODE	22	0,139	1	100
80	POLÍTICA	22	0,139	1	100
81	TEM	22	0,139	1	100
82	ENCONTRO	21	0,1327	1	100
83	JANEIRO	21	0,1327	1	100
84	NUCLEAR	21	0,1327	1	100
85	PAZ	21	0,1327	1	100
86	NAS	20	0,1264	1	100
87	NOVO	20	0,1264	1	100
88	SER	20	0,1264	1	100
89	DEPOIS	19	0,12	1	100
90	DURANTE	19	0,12	1	100
91	NORTE	19	0,12	1	100
92	PRIMEIRO	19	0,12	1	100
93	APÓS	18	0,1137	1	100
94	DECLAROU	18	0,1137	1	100
95	FÓRUM	18	0,1137	1	100
96	FRANCE	18	0,1137	1	100
97	VAI	18	0,1137	1	100
98	CONTRA	17	0,1074	1	100
99	GERAL	17	0,1074	1	100
100	ONDE	17	0,1074	1	100
101	RELAÇÃO	17	0,1074	1	100
102	SEGUNDA	17	0,1074	1	100
103	SEM	17	0,1074	1	100
104	ANO	16	0,1011	1	100

105	ATÉ	16	0,1011	1	100
106	DIÁLOGO	16	0,1011	1	100
107	DOIS	16	0,1011	1	100
108	FAIXA	16	0,1011	1	100
109	HAMAS	16	0,1011	1	100
110	IRANIANO	16	0,1011	1	100
111	MESMO	16	0,1011	1	100
112	PRESSE	16	0,1011	1	100
113	SEGURANÇA	16	0,1011	1	100
114	AMERICANOS	15	0,0948	1	100
115	ÀS	15	0,0948	1	100
116	DUAS	15	0,0948	1	100
117	EX	15	0,0948	1	100
118	LULA	15	0,0948	1	100
119	PALESTINOS	15	0,0948	1	100
120	RUSSO	15	0,0948	1	100
121	SETEMBRO	15	0,0948	1	100
122	TERÇA	15	0,0948	1	100
123	ARMAS	14	0,0885	1	100
124	CHEFE	14	0,0885	1	100
125	DEVE	14	0,0885	1	100
126	DISCURSO	14	0,0885	1	100
127	EMBAIXADA	14	0,0885	1	100
128	INTERNACIONAIS	14	0,0885	1	100
129	ISRAELENSES	14	0,0885	1	100
130	JORNALISTAS	14	0,0885	1	100
131	LIEBERMAN	14	0,0885	1	100
132	MÉDIO	14	0,0885	1	100
133	NUCLEARES	14	0,0885	1	100
134	ORIENTE	14	0,0885	1	100
135	OU	14	0,0885	1	100
136	PODER	14	0,0885	1	100
137	SERÁ	14	0,0885	1	100
138	SUAS	14	0,0885	1	100
139	VICE	14	0,0885	1	100
140	ABRIL	13	0,0821	1	100
141	AHMADINEJAD	13	0,0821	1	100
142	AJUDA	13	0,0821	1	100
143	AMERICANA	13	0,0821	1	100
144	CASA	13	0,0821	1	100
145	COMÉRCIO	13	0,0821	1	100
146	DESDE	13	0,0821	1	100
147	DIA	13	0,0821	1	100
148	DIAS	13	0,0821	1	100
149	EUROPA	13	0,0821	1	100
150	PESSOAS	13	0,0821	1	100
151	REUNIÃO	13	0,0821	1	100
152	SÃO	13	0,0821	1	100
153	SEUS	13	0,0821	1	100
154	SUL	13	0,0821	1	100
155	TEERÃ	13	0,0821	1	100
156	APESAR	12	0,0758	1	100
157	DEVEM	12	0,0758	1	100
158	DOMINGO	12	0,0758	1	100

159	GLOBAL	12	0,0758	1	100
160	HÁ	12	0,0758	1	100
161	JULHO	12	0,0758	1	100
162	MUITO	12	0,0758	1	100
163	NEGOCIAÇÕES	12	0,0758	1	100
164	NESTE	12	0,0758	1	100
165	PEDIU	12	0,0758	1	100
166	SITUAÇÃO	12	0,0758	1	100
167	TER	12	0,0758	1	100
168	AGORA	11	0,0695	1	100
169	ALÉM	11	0,0695	1	100
170	ANUNCIOU	11	0,0695	1	100
171	APOIO	11	0,0695	1	100
172	BIDEN	11	0,0695	1	100
173	BRASILEIRO	11	0,0695	1	100
174	CHÁVEZ	11	0,0695	1	100
175	CHINA	11	0,0695	1	100
176	CIDADE	11	0,0695	1	100
177	COREIA	11	0,0695	1	100
178	DEMOCRATA	11	0,0695	1	100
179	ECONOMIA	11	0,0695	1	100
180	ELEIÇÕES	11	0,0695	1	100
181	ERA	11	0,0695	1	100
182	GEORGE	11	0,0695	1	100
183	IMAGEM	11	0,0695	1	100
184	LÍDERES	11	0,0695	1	100
185	MARÇO	11	0,0695	1	100
186	MILITAR	11	0,0695	1	100
187	MUNDIAL	11	0,0695	1	100
188	NAÇÕES	11	0,0695	1	100
189	PASSADO	11	0,0695	1	100
190	PROGRAMA	11	0,0695	1	100
191	QUINTA	11	0,0695	1	100
192	REGIÃO	11	0,0695	1	100
193	SEXTA	11	0,0695	1	100
194	TRÊS	11	0,0695	1	100
195	VISITA	11	0,0695	1	100
196	AFEGANISTÃO	10	0,0632	1	100
197	BRANCA	10	0,0632	1	100
198	CONFERÊNCIA	10	0,0632	1	100
199	CONFLITO	10	0,0632	1	100
200	DECISÃO	10	0,0632	1	100
201	DESTA	10	0,0632	1	100
202	ESSA	10	0,0632	1	100
203	FIM	10	0,0632	1	100
204	HILLARY	10	0,0632	1	100
205	IRAQUE	10	0,0632	1	100
206	JORNAL	10	0,0632	1	100
207	LÍDER	10	0,0632	1	100
208	MAIOR	10	0,0632	1	100
209	MENSAGEM	10	0,0632	1	100
210	ORGANIZAÇÃO	10	0,0632	1	100
211	QUANDO	10	0,0632	1	100
212	REUTERS	10	0,0632	1	100

213	SERIA	10	0,0632	1	100
214	TEMPO	10	0,0632	1	100
215	W	10	0,0632	1	100
216	ANTES	9	0,0569	1	100
...	...	...	...	...	...
3473	ZONA	1	0,0063	1	100

**ANEXO 2**

Lista de palavras com mais de 9 ocorrências nos textos compilados

AFEGANISTÃO  
AHMADINEJAD  
AMERICANA  
AMERICANO  
AMERICANOS  
BIDEN  
BRANCA  
BRASIL  
BRASILEIRO  
BUSH  
CHÁVEZ  
CHEFE  
CHINA  
CLINTON  
COREIA  
DEMOCRATA  
DIPLOMACIA  
EMBAIXADA  
ESTADO  
ESTADOS  
EUA  
EUROPA  
GAZA  
GOVERNO  
HAMAS  
HONDURAS  
IRÃ  
IRANIANO  
IRAQUE  
ISRAEL  
ISRAELENSE  
ISRAELENSES  
LÍDER  
LÍDERES  
LIEBERMAN  
LULA  
MINISTRO  
NAÇÕES  
OBAMA  
ONU  
ORIENTE  
PAÍS  
PAÍSES  
PALESTINOS  
PODER  
POLÍTICA

PRESIDENTE  
RÚSSIA  
RUSSO  
TEERÃ  
VICE  
WASHINGTON  
ZELAYA

### ANEXO 3

*Lista dos exemplos que contêm expressões linguísticas licenciadas pela metáfora POLÍTICA EXTERNA É GUERRA*

O Itamaraty divulgou uma nota em que afirma "deplorar" os ataques israelenses à Faixa de Gaza, além de considerar "desproporcional" a resposta de Israel aos foguetes lançados pelo Hamas contra o território judeu. Além de pedir trégua imediata, o Brasil tem defendido a realização de uma reunião entre líderes mundiais para restabelecer a paz na região.

Veja online 06/01/2009

Washington acusou Teerã de tentar desenvolver armas nucleares e o governo Bush liderou os esforços internacionais para isolar os iranianos.

Veja online 12/01/2009

Os dois países romperam relações há três décadas, mas a vitória de Obama trouxe esperanças de uma retomada do diálogo.

Veja online 12/01/2009

"Tanto o primeiro Bush quanto o segundo tiveram postura de caubói diante do mundo. A política externa deles foi na linha do 'eu posso, eu aconteço'"

Veja online 20/01/2009

"Para o Brasil, os bons presidentes americanos são aqueles que não criam obstáculos", resume Marconini... Foi em sua passagem pela Casa Branca que se estabeleceram os subsídios agrícolas para os estados americanos, a que se refere Stoffer. E foi em seu governo que setores protecionistas como os de açúcar e têxtil obtiveram concessões - maneira de Bush obter, no Congresso, a autoridade para negociar acordos comerciais como a Área de Livre Comércio das Américas (Alca) e o Tratado Norte-Americano de Livre Comércio (Nafta).

Veja online 20/01/2009

Mais: assim que assumiu, Bush definiu uma sobretaxa para os produtos de aço importados pelos Estados Unidos. A medida causou atrito com o Brasil, mas acabou posta de lado após o 11 de Setembro, recorda Rudzit.

Veja online 20/01/2009

De seu lado, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva também variou o alvo. Com uma agenda Sul-Sul, voltada a países emergentes, e de diversificação dos destinos das exportações, Lula passou a estabelecer parcerias comerciais com países da América Latina e da África, entre outros, e as relações com os EUA caíram a segundo plano.

Veja online 20/01/2009

O pendor ao protecionismo demonstrado pelo segundo presidente Bush o manteve distante do tradicional perfil republicano, em teoria mais liberal.

Veja online 20/01/2009

Para ele, é difícil que Obama venha a defender o livre comércio como um republicano, já que se elegeu com o apoio dos sindicatos, que buscam proteger empregos.

Veja online 20/01/2009

Ao menos, diz Marconini, seria sensato se os EUA firmassem uma aliança com o Brasil para fazer do etanol uma commodity e criar para ele um mercado mundial.

Veja online 20/01/2009

Ao governo brasileiro, caberia voltar a investir na parceria com os EUA, em cujo mercado há espaço para itens de maior valor agregado, de acordo com Turolla, da ESPM. "Como os EUA são muito competitivos em produtos de alto valor, protegem menos esse setor", explica.

Veja online 20/01/2009

O presidente dos EUA, Barack Obama, defendeu nesta quinta-feira a ofensiva militar de Israel na Faixa de Gaza, lançada em reação aos ataques com foguetes do grupo radical islâmico Hamas contra o território israelense.

Veja online 22/01/2009

Para o Brasil, o encontro é visto como uma oportunidade para tentar ressuscitar a Rodada Doha, enterrada por falta de conciliação entre os 30 países reunidos em Genebra em julho de 2008.

Veja online 26/01/2009

Durante a Guerra Fria, a então União Soviética, liderada pela Rússia, forneceu bilhões de dólares em mercadorias e subsídios para Cuba, sua aliada socialista na América Latina.

Veja online 30/01/2009

Agora, o governo russo tenta reforçar seus laços com Cuba e demais países latinos para enriquecer seu poder político em uma região fortemente influenciada pelos Estados Unidos.

Veja online 30/01/2009

Realizando o primeiro grande discurso de política externa do governo Obama, Biden repudiou claramente a política do "conosco ou contra nós" do ex-presidente George W. Bush.

Veja online 07/02/2009

Ao mesmo tempo em que prometeu que Washington vai consultar e ouvir mais seus aliados, ele disse que o país também vai pedir mais destes, por exemplo aceitando detentos da prisão militar de Guantánamo, em Cuba, que Obama pretende fechar dentro de um ano.

Veja online 07/02/2009

"Os EUA farão mais, mas vão pedir mais de seus parceiros", disse ele. "As ameaças que enfrentamos não respeitam fronteiras. Nenhum país, não importa o quão poderoso, pode lidar com elas da melhor maneira sozinho".

Veja online 07/02/2009

Em seu discurso abrangente, Biden solicitou um maior comprometimento dos membros da Otan no Afeganistão, um esforço conjunto para forçar o Irã a abandonar seu programa nuclear, uma redução acentuada nos arsenais nucleares e a interrupção do que chamou de "alteração perigosa" nas relações com a Rússia.

Veja online 07/02/2009

O discurso de Biden foi escasso em anúncios, mas analistas haviam dito antecipadamente que

a simples presença do vice-presidente na conferência, à qual normalmente comparece o secretário de Defesa americano, enviou um sinal importante à Europa de que o governo Obama está determinado a reconstruir relações abaladas.

Veja online 07/02/2009

O vice-presidente, no entanto ressaltou: "Vamos fazê-lo em consultas com nossos aliados da Otan e com a Rússia".

Veja online 07/02/2009

"O novo governo americano declarou que deseja a mudança e iniciar a abertura ao diálogo, mas a mudança deve ser fundamental e não tática. O povo iraniano está disposto ao diálogo, mas dentro de um clima de igualdade e de respeito mútuo"

Veja online 10/02/2009

O pronunciamento foi ouvido por milhares de pessoas reunidas no centro de Teerã. Apesar da abertura ao diálogo, o presidente iraniano lançou uma advertência aos EUA.

Veja online 10/02/2009

Aiatolás - Durante o discurso de Ahmadinejad, os manifestantes exibiam cartazes com os tradicionais ataques do tipo "Morte à América" e "Morte a Israel". Inúmeros manifestantes também exibiam uma faixa com a inscrição: "30 anos de liberdade e 30 anos de orgulho".

Veja online 10/02/2009

Mario Marconini, diretor de negociações internacionais da Federação das Indústrias de São Paulo e presidente do Conselho de Relações Internacionais da Federação do Comércio do Estado de São Paulo (Fecomércio), destaca outro ponto. "Clinton foi importante politicamente, pois deu relevância estratégica ao Brasil", afirma. "E, na área comercial, não bateu de frente com o país."

Veja online 20/02/2009

Durante anos, o sistema de defesa antimísseis, idealizado pelo antecessor de Obama, George W. Bush, foi objeto de forte oposição do Kremlin, que via o projeto como uma ameaça à Rússia.

Veja online 03/03/2009

Depois de uma ofensiva que deixou mais de 1.000 mortos e às vésperas de inaugurar um governo direitista linha-dura, o país [Israel] está enfrentando a pior crise diplomática em décadas.

Veja online 19/03/2009

Tal situação tem provocado duas reações distintas em Israel. Em primeiro lugar, os que se preocupam com a crescente hostilidade do resto do mundo.

Veja online 19/03/2009

Barack Obama, tentou romper décadas de desconfiança e animosidade com o Irã nesta sexta-feira, ao enviar uma mensagem histórica diretamente aos iranianos.

Veja online 20/03/2009

"Por quase três décadas as relações entre nossas nações foram de atritos. Porém, neste feriado recordamos a humanidade comum que nos une." Os dois países romperam suas relações

diplomáticas em 1980.

Veja online 20/03/2009

"Recebemos favoravelmente a vontade do presidente americano de deixar de lado as diferenças do passado, mas o meio para alcançar isto não é pedir ao Irã que esqueça unilateralmente a atitude agressiva dos Estados Unidos no passado", declarou Ali Akbar Javanfekr, conselheiro de imprensa do presidente Mahmud Ahmadinejad.

Veja online 20/03/2009

Ao buscar renovar a diplomacia com o Irã, o democrata cumpre um compromisso de campanha de dialogar com os adversários de Washington. No discurso de posse, em 20 de janeiro, ele prometeu estender a mão ao mundo muçulmano.

Veja online 20/03/2009

De acordo com a imprensa local, a recusa foi motivada por pressões da China.

Veja online 23/03/2009

Já o jornal Sunday Independent, da Cidade do Cabo, informou que o visto não foi concedido devido à oposição do governo Chinês.

Veja online 23/03/2009

Os 106 países da Comunidade de Democracias defenderam o retorno imediato da ordem constitucional em Honduras, anunciou em Lisboa o chefe da diplomacia espanhola, Miguel Angel Moratinos, após uma reunião da organização.

Veja online 12/07/2009

Israel rejeitou nesta segunda-feira qualquer acordo de paz com os palestinos que seja imposto pela comunidade internacional. A posição foi apresentada pelo ministro das Relações Exteriores israelense, o ultradireitista Avigdor Lieberman, em entrevista a uma rádio estatal do país.

Veja online 13/07/2009

Segundo Lieberman, o acordo passa necessariamente pela aprovação de Israel. "Um acordo de paz não pode vir a não ser por negociações diretas e não pode ser imposto", respondeu o chanceler.

Veja online 13/07/2009

"Um acordo de paz não pode vir a não ser por negociações diretas e não pode ser imposto", respondeu o chanceler a uma declaração do chefe da diplomacia europeia, Javier Solana, sábado em Londres, de que a ONU deveria impor um acordo de reconhecimento do estado palestino, caso o processo de paz continue bloqueado.

Veja online 13/07/2009

Além disso, Lieberman relativizou a importância da declaração de Solana, por considerar que nem Estados Unidos, nem Europa aceitarão a imposição de uma solução.

Veja online 13/07/2009

O novo governo israelense se disse disposto a negociar um acordo de paz que encerre a longa disputa na região.

Veja online 13/07/2009

Pyongyang pode usar as jornalistas como moeda de troca com Washington, que liderou a pressão sobre o Conselho de Segurança da ONU para aumentar as sanções sobre a Coreia do Norte.

Veja online 04/08/2009

O governo Obama vai trabalhar com as Nações Unidas para combater o terrorismo e outros grandes desafios globais, afirmou a embaixadora dos Estados Unidos na organização, Susan Rice, na quinta-feira, deixando claro o rompimento em relação às políticas do presidente George W. Bush, de isolamento em relação à entidade.

Veja online 13/08/2009

"Os desafios globais que enfrentamos não podem ser resolvidos sem a liderança dos EUA", disse Rice. [...] Rice disse que esses desafios incluem os programas nucleares de Irã e Coreia do Norte, a crise financeira global, as guerras do Afeganistão e Iraque, a pandemia de gripe e o aquecimento global.

Veja online 13/08/2009

"Pagamos o preço de manter o braço duro na ONU e de esnobar nossos parceiros internacionais. Os Estados Unidos pretendem liderar no século 21 - não pela arrogância, não pela intimidação, mas [...]"

Veja online 13/08/2009

Washington já decidiu aderir ao Conselho de Direitos Humanos da ONU, rejeitado pelo governo Bush por considerá-lo um fórum anti-Israel.

Veja online 13/08/2009

Hatoyama poderia bem se entender com o presidente americano, com quem compartilha a ambição de lutar contra a mudança climática e renunciar às armas nucleares.

Veja online 30/08/2009

Zelaya já está há mais de dois meses pedindo aos EUA para que aumentem a pressão sobre o governo de Roberto Micheletti, que assumiu a presidência de Honduras após o golpe.

Veja online 03/09/2009

As altas expectativas que cercam o presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, na arena internacional entrarão em choque com sua delicada situação doméstica esta semana, na cúpula do G20 em Pittsburgh e na Assembleia Geral da ONU.

Veja online 21/09/2009

"O desafio do presidente Obama é criar um ambiente no qual os Estados Unidos não sejam vistos apenas por sua atraente liderança, mas sim pela criação de uma agenda que o mundo esteja disposto a seguir", estimou Jon Alterman, especialista do Centro para Estudos Estratégicos e Internacionais.

Veja online 21/09/2009

O Irã, que recebeu a "mão estendida" de Obama com um punho cerrado, também não registrou muitos progressos em sua situação diplomática, ao mesmo tempo em que se aproximam as cruciais negociações marcadas para 1º de outubro.

Veja online 21/09/2009

Na semana passada, a Casa Branca impôs taxas sobre a importação de pneus produzidos na China, o que aumentou temores sobre uma nova onda de protecionismo nos Estados Unidos.

Veja online 21/09/2009

O presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, pediu nesta quarta-feira uma "nova era de comprometimento" dos líderes mundiais e prometeu trabalhar com os outros países enquanto defende os interesses dos Estados Unidos.

Veja online 23/09/2009

Ele também pediu que o resto do mundo atue em conjunto com os Estados Unidos ante os desafios globais, e não derramem sobre o país todas as esperanças de salvamento do mundo.

Veja online 23/09/2009

Obama salientou que os próximos 12 meses serão fundamentais nos esforços para fortalecer as medidas contra as armas nucleares, e prometeu lutar por um mundo sem elas.

Veja online 23/09/2009

Qualquer regime minimamente antiamericano conta com o apoio tático do governo brasileiro ainda que esteja envolvido em genocídio, como o do Sudão, ou tratado como pária mundial, como o Irã.

Veja online 25/09/2009

Na Assembleia Geral da ONU, em rompante, Lula chegou a dar ultimato ao governo de Honduras. Vai mandar os Fuzileiros Navais? Seria a suprema vitória de Chávez na armadilha que armou para Lula.

Veja online 25/09/2009

Lula tem na política o instinto matador que caracteriza os grandes artilheiros do futebol tão admirados por ele. Na semana passada, essa habilidade abandonou o presidente da República. Ele esteve em Nova York para discursar na abertura da 64ª Assembleia Geral da ONU, palco privilegiado para fazer o que ele mais gosta e faz como poucos, enaltecer o Brasil aos olhos do mundo. Em sua fala Lula assinalou os avanços no uso de energias limpas no Brasil e mesmerizou os burocratas internacionais com ataques à caricatura do mercado onipotente.

Veja online 26/09/2009

Amorim participa de uma audiência na comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional (CRE) do Senado. O chanceler voltou a defender a posição do governo brasileiro, que aceitou refugiar o presidente deposto Manuel Zelaya na Embaixada do Brasil em Tegucigalpa.

Veja online 29/09/2009

## ANEXO 4

*Lista dos exemplos que contêm expressões linguísticas licenciadas pela metáfora POLÍTICA EXTERNA É COMÉRCIO.*

Os dois países romperam relações há três décadas, mas a vitória de Obama trouxe esperanças de uma retomada do diálogo.

Veja online 12/01/2009

Do outro lado, porém, Israel negou que tenha tomado qualquer decisão sobre a proposta de trégua do Egito. "Estamos falando com o Egito. Hoje à noite Amos Gilad (do Ministério da Defesa) voltará, fará um relato e então decidiremos", afirmou um porta-voz do governo israelense, Mark Regey.

Veja online 15/01/2009

Foi em sua passagem pela Casa Branca que se estabeleceram os subsídios agrícolas para os estados americanos, a que se refere Storfer. E foi em seu governo que setores protecionistas como os de açúcar e têxtil obtiveram concessões - maneira de Bush obter, no Congresso, a autoridade para negociar acordos comerciais como a Área de Livre Comércio das Américas (Alca) e o Tratado Norte-Americano de Livre Comércio (Nafta).

Veja online 20/01/2009

O pendor ao protecionismo demonstrado pelo segundo presidente Bush o manteve distante do tradicional perfil republicano, em teoria mais liberal.

Veja online 20/01/2009

Ao menos, diz Marconini, seria sensato se os EUA fizessem uma aliança com o Brasil para fazer do etanol uma commodity e criar para ele um mercado mundial.

Veja online 20/01/2009

Ao governo brasileiro, caberia voltar a investir na parceria com os EUA, em cujo mercado há espaço para itens de maior valor agregado, de acordo com Turolla, da ESPM.

Veja online 20/01/2009

Ao governo brasileiro, caberia voltar a investir na parceria com os EUA, em cujo mercado há espaço para itens de maior valor agregado, de acordo com Turolla, da ESPM. "Como os EUA são muito competitivos em produtos de alto valor, protegem menos esse setor", explica.

Veja online 20/01/2009

Doha não vai continuar e o motivo é simples: o novo presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, ainda não tem autorização do congresso americano para negociar acordos multilaterais.

Veja online 26/01/2009

Obama pretende afastar as hostilidades ao Irã mantidas pela administração de George W. Bush. Entretanto, o documento deve cobrar de Teerã o fim do patrocínio ao terrorismo em várias partes do Oriente Médio.

Veja online 29/01/2009

a então União Soviética, liderada pela Rússia, forneceu bilhões de dólares em mercadorias e

subsídios para Cuba, sua aliada socialista na América Latina.

Veja online 30/01/2009

Ao mesmo tempo em que prometeu que Washington vai consultar e ouvir mais seus aliados, ele disse que o país também vai pedir mais destes, por exemplo aceitando detentos da prisão militar de Guantánamo, em Cuba, que Obama pretende fechar dentro de um ano.

Veja online 07/02/2009

Na noite de domingo, o presidente do Parlamento iraniano, Ali Larijani, disse que está disposto a negociar "sem condições prévias" sobre política nuclear com os Estados Unidos, desde que Washington apresente uma "oferta concreta" [...]

Veja online 10/02/2009

Apesar da abertura ao diálogo, o presidente iraniano lançou uma advertência aos EUA.

Veja online 10/02/2009

Barack Obama declarou esperar por "aberturas" para o diálogo entre Washington e Teerã já nos próximos meses, "quando poderemos começar a sentar em uma mesa e conversar cara a cara".

Veja online 10/02/2009

"O novo governo americano declarou que deseja a mudança e iniciar a abertura ao diálogo, mas a mudança deve ser fundamental e não tática. O povo iraniano está disposto ao diálogo, mas dentro de um clima de igualdade e de respeito mútuo"

Veja online 10/02/2009

Em seu primeiro encontro com um líder europeu desde que assumiu a Presidência, Obama conversará nesta terça com o premiê britânico, Gordon Brown. O premiê pretende formar uma aliança que resulte em um novo "New Deal" mundial para reativar a economia. Segundo uma fonte de Downing Street, a reunião de Brown e Obama irá focar em medidas para estimular a economia mundial, na situação do Afeganistão, nas mudanças climáticas e no Oriente Médio.

Veja online 03/03/2009

O presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, sugeriu ao presidente russo, Dmitri Medvedev, um acordo de interromper a instalação do escudo antimísseis americano na Europa em troca da ajuda de Moscou para frear as ambições nucleares iranianas. A proposta foi feita na forma de uma carta confidencial, entregue a Medvedev por "altos funcionários do governo" há três semanas, informa o jornal New York Times.

Veja online 03/03/2009

Obama propõe diálogo com o Irã.

Veja online 20/03/2009

Ao buscar renovar a diplomacia com o Irã, o democrata cumpre um compromisso de campanha de dialogar com os adversários de Washington.

Veja online 20/03/2009

Antes mesmo da chegada de Obama, a visita sofreu um revés: Rússia e Estados Unidos não entraram em acordo para a elaboração de um documento marco para a redução de armas

estratégicas que os presidentes dos dois países deveriam assinar nesta segunda-feira, indicou uma fonte diplomática russa à agência Interfax. "Posso confirmar que não chegaram a um acordo sobre o documento", disse a fonte.

Veja online 06/07/2009

Israel rejeitou nesta segunda-feira qualquer acordo de paz com os palestinos que seja imposto pela comunidade internacional. A posição foi apresentada pelo ministro das Relações Exteriores israelense, o ultradireitista Avigdor Lieberman, em entrevista a uma rádio estatal do país.

Veja online 13/07/2009

Segundo Lieberman, o acordo passa necessariamente pela aprovação de Israel. "Um acordo de paz não pode vir a não ser por negociações diretas e não pode ser imposto", respondeu o chanceler a uma declaração do chefe da diplomacia europeia, Javier Solana [...]

Veja online 13/07/2009

"Um acordo de paz não pode vir a não ser por negociações diretas e não pode ser imposto", respondeu o chanceler a uma declaração do chefe da diplomacia europeia, Javier Solana, sábado em Londres, de que a ONU deveria impor um acordo de reconhecimento do estado palestino, caso o processo de paz continue bloqueado.

Veja online 13/07/2009

O novo governo israelense se disse disposto a negociar um acordo de paz que encerre a longa disputa na região.

Veja online 13/07/2009

A viagem de Clinton acontece após meses de provocações militares por parte da empobrecida Coreia do Norte, que virou as costas para as negociações e decidiu manter seu arsenal atômico.

Veja online 04/08/2009

A agência KCNA disse que o principal negociador nuclear do país, Kim Kye-gwan, estava entre as autoridades que receberam Clinton

Veja online 04/08/2009

Pyongyang pode usar as jornalistas como moeda de troca com Washington, que liderou a pressão sobre o Conselho de Segurança da ONU para aumentar as sanções sobre a Coreia do Norte.

Veja online 04/08/2009

"Pagamos o preço de manter o braço duro na ONU e de esnobar nossos parceiros internacionais. Os Estados Unidos pretendem liderar no século 21 - não pela arrogância, não pela intimidação, mas [...]"

Veja online 13/08/2009

O chefe do governo italiano Silvio Berlusconi esteve, por sua vez, em Trípoli para o primeiro aniversário da assinatura do tratado de amizade entre os dois países [...]

Veja online 01/09/2009

“O mundo não pode esquecer o que aconteceu no ano passado. A lógica de que o mercado ia

resolver tudo, faliu. O estado não pode abrir mão de ser o indutor. Tivemos que induzir mais dinheiro na produção. Se não existe o estado, as coisas não funcionam com a facilidade que alguns imaginavam que iam funcionar. Vamos cobrar que cada país faça sua parte para que a crise não resulte no sofrimento dos mais pobres”

Veja online 07/09/2009

O Irã e as potências mundiais envolvidas na tarefa de resolver o impasse sobre o programa nuclear iraniano vão começar a negociar o tema no início de outubro, informou nesta segunda-feira a tevê estatal do país.

Veja online 14/09/2009

O anúncio foi feito um dia depois de o presidente iraniano, Mahmud Ahmadinejad, ter reafirmado que o país está disposto a conversar com as grandes potências, mas não vai negociar os direitos do Irã à tecnologia nuclear.

Veja online 14/09/2009

"A tecnologia nuclear pacífica é um direito legal e definitivo da nação iraniana, e o Irã não negociará com ninguém seus direitos inalienáveis"

Veja online 14/09/2009

O Irã entregou na quarta-feira aos representantes das grandes potências um novo pacote de propostas sobre seu programa nuclear com o objetivo oficial de criar "uma nova oportunidade para discussões na perspectiva de uma cooperação mútua"

Veja online 14/09/2009

O Irã entregou na quarta-feira aos representantes das grandes potências um novo pacote de propostas sobre seu programa nuclear... Na sexta-feira, as grandes potências que negociam com Teerã decidiram pedir uma reunião o quanto antes depois de considerar insuficiente a última proposta dos iranianos.

Veja online 14/09/2009

Washington havia proposto o escudo por conta de preocupações de que o Irã buscava desenvolver armas nucleares, algo que Teerã nega.

Veja online 19/09/2009

Até este momento, por exemplo, o governo Obama foi incapaz de conseguir que israelenses e palestinos retomem as negociações de paz, apesar da intensa diplomacia.

Veja online 21/09/2009

O Irã, que recebeu a "mão estendida" de Obama com um punho cerrado, também não registrou muitos progressos em sua situação diplomática, ao mesmo tempo em que se aproximam as cruciais negociações marcadas para 1º de outubro.

Veja online 21/09/2009

Ele acrescentou, ainda, que vai buscar um novo acordo com a Rússia para a redução de armas nucleares e disse que os países que se recusarem a cumprir as determinações do tratado de não proliferação de armas nucleares devem sofrer consequências.

Veja online 23/09/2009

[Zalaya] É um problema também de Chávez que não se conforma em perder o investimento

feito na conversão dele ao seu credo.

Veja online 25/09/2009

O ministro das Relações Exteriores Celso Amorim disse nesta terça-feira que o Brasil "não tem muito o que fazer" em relação ao agravamento da crise política em Honduras e pode apenas "aguardar o resultado das negociações com a Organização dos Estados Americanos (OEA) e a Organização das Nações Unidas (ONU)"

Veja online 29/09/2009